



e s c o l a superior de  
enfermagem  
de coimbra

**CURSO DE Mestrado em Enfermagem de Saúde**

**DO IDOSO E GERIATRIA**

**O PAPEL DOS AVÓS: COMO PERCEBEM OS  
AVÓS A SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO  
DOS NETOS**

Virgínia Adelaide Gonçalves Pais

Coimbra, Novembro de 2013



escola superior de  
enfermagem  
de coimbra

**CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM DE SAÚDE**

**DO IDOSO E GERIATRIA**

**O PAPEL DOS AVÓS: COMO PERCEBEM OS  
AVÓS A SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO  
DOS NETOS**

Virgínia Adelaide Gonçalves Pais

Sob orientação da Professora Doutora Maria de Lurdes Ferreira de Almeida, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e co-orientação da Mestre Lisa Alexandra Nogueira Veiga Nunes, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

Dissertação apresentada à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem de Saúde do Idoso e Geriatria

Coimbra, Novembro de 2013



## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação foi um processo desafiante mas moroso, enriquecedor mas trabalhoso, muitas vezes me fez sorrir mas também teve os seus momentos de total desorientação e confusão. Um obrigada enorme e especial à pessoa que me soube indicar muitos caminhos, me estimulou a ser melhor e a trabalhar sempre com o máximo de rigor, foi paciente para com as minhas dúvidas e receios, orientando no real significado da palavra: a minha orientadora, Professora Doutora Maria de Lurdes Almeida. Um obrigada também sentido à Mestre Lisa Nunes que me co-orientou e foi uma ajuda preciosa no desenvolvimento deste trabalho.

Um agradecimento sem fim ao meu núcleo duro, àqueles que vão lá estar sempre, independentemente do que virá: a minha família. Aos meus pais, que são o meu pilar e dão sempre o melhor de si. Ao meu irmão, companheiro de aventuras e risos imensos. Aos meus avós, que pelo seu contributo imprescindível na minha educação, são os grandes responsáveis pela escolha desta temática. Amo-vos de forma incomensurável.

Ao Nelson, amor de uma vida, quero e espero. Um obrigada pelo amor, por saberes relativizar os problemas, pela paciência e por todo o tempo que (nos) roubei e que sempre soubeste compreender. Amo-te não chega.

À Diana, a quem mais do que amiga, já considero família. Por todo o teu incentivo, pelas vezes que não me deixaste desistir, por me mostrares que há amizades tão verdadeiras e cúmplices. Parece que conseguimos chegar ao fim, em mais uma etapa em uníssonos! Obrigada, foste essencial!

Às pessoas idosas que participaram neste estudo e me cederam as suas histórias, os seus tempos, as suas lições. E que momentos tão ricos partilhámos! E às instituições que tão gentilmente proporcionaram estes encontros.



## RESUMO

Num contexto de contínua mudança, onde as exigências sociais e profissionais crescem, as famílias têm cada vez menos membros e menos tempo para partilhar. Assim, a relação que os seus elementos estabelecem, assume demasiada importância, pois a intergeracionalidade na família proporciona redes de apoio, constrói vínculos e promove a solidariedade e a transmissão de valores. A relação entre avós e netos é um exemplo de uma relação intergeracional.

Como objectivo geral deste estudo, pretende-se compreender como experienciam as pessoas idosas o seu papel como avó/avô. Realizou-se um estudo do tipo exploratório, através de uma abordagem de natureza qualitativa com recurso à investigação fenomenográfica. A entrevista semiestruturada foi a técnica escolhida para a colheita de dados e foram entrevistadas dez pessoas idosas, sendo que a amostragem foi realizada por selecção racional.

Como resultados principais destaca-se que, para os avós, a relação que mantêm com os netos assenta num apoio instrumental e afectivo, ao mesmo tempo que são mediadores entre a geração dos seus filhos e a dos seus netos.

Aquilo que avós e netos transmitem mutuamente são os valores, os saberes socioculturais e os saberes académicos. A disponibilidade, a distância geográfica e o ressentimento são descritos como os factores que condicionam os avós no desempenho do seu papel.

Conclui-se que, na relação avós/netos, os mais novos usufruem de um apoio mais individualizado e de uma educação mais vasta e que, apesar de os avós prestarem maior apoio instrumental aos netos e transmitirem mais saberes, têm a possibilidade de se manterem activos na sociedade e de se sentirem valorizados ao contribuir para a formação dos netos. Para os Enfermeiros, e tendo em conta as vantagens das relações intergeracionais, esta deverá ser uma área a privilegiar, de forma a promover essas relações e a aproveitar os saberes dos mais idosos e dos mais jovens.

**Palavras-chave:** intergeracionalidade, avós, netos, famílias, relações intergeracionais

## **ABSTRACT**

In a context of continuous change, where social and professional requirements grows, families have fewer members and less time to share. Therefore, the relationship between family members is too important, because the intergenerationality in the family provides support networks, builds bonds and promotes solidarity and the transmission of values. The relationship between grandparents and grandchildren is an example of an intergenerational relationship.

As main objective, this study aims to understand how the elderly people experience their role as grandmother/grandfather. The study was conducted of the Exploratory type, through a Qualitative approach and using the Phenomenography research methodology. A semi-structured interview technique was chosen for data collection and ten elderly persons were interviewed. The sampling was performed by rational selection.

As main results is emphasized that, for the grandparents, the relation established with grandchildren is based on instrumental and emotional support. They are mediators too between the generation of their children and their grandchildren. What grandparents and grandchildren mutually transmit are the values , knowledge and socio- cultural academic knowledge. The availability, geographical distance and resentment are described as factors influencing the grandparents in their role.

It is concluded that, in relation grandparents/grandchildren, the youngest enjoy an additional individualized support and a wider education. Although the grandparents provide a greater instrumental support to their grandchildren and transmit more knowledge, they have the possibility to remain active in society and feel valued by contributing to the formation of the grandchildren. For nurses, and taking into account the advantages of intergenerational relationships, this should be an area to focus on in order to promote these relationships and use the knowledge of the elderly and younger people.

**Keywords:** intergenerational, grandparents, grandchildren, families, intergenerational relationships

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Representação da Dimensão Percepção da relação avós-netos, na perspectiva dos avós, e suas categorias.....	67
Ilustração 2: Representação da Categoria Apoio e suas subcategorias.....	68
Ilustração 3: Representação da Categoria Lazer e suas subcategorias.....	82
Ilustração 4: Representação da Categoria Transmissão de Valores/Saberes e suas subcategorias.....	88
Ilustração 5: Representação da Dimensão Factores que condicionam os avós no desempenho do seu papel e suas categorias.....	100



## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização da amostra.....	66
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I – FAMÍLIA NA PERSPECTIVA DO CICLO VITAL .....</b>	<b>17</b>
<b>1. A FAMÍLIA .....</b>	<b>17</b>
1.2. MUDANÇAS NA FAMÍLIA.....	19
1.3 A FAMÍLIA COMO VEÍCULO DE TRANSMISSÃO DE VALORES E SABERES .....	22
1.4 A PERSPECTIVA DO CICLO VITAL.....	23
1.5 TRANSIÇÕES .....	26
<b>1.5.1 Transições na terceira idade.....</b>	<b>27</b>
1.6. A ENFERMAGEM NO APOIO À FAMÍLIA MULTIGERACIONAL.....	30
<b>CAPÍTULO II - INTERGERACIONALIDADE ENTRE AVÓS E NETOS.....</b>	<b>31</b>
<b>1. INTERGERACIONALIDADE NA FAMÍLIA.....</b>	<b>31</b>
1.1. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS AVÓS-NETOS .....	33
<b>2. EVOLUÇÃO DOS PAPÉIS AVÓS/NETOS .....</b>	<b>35</b>
2.1 VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM A RELAÇÃO AVÓS/NETOS .....	41
2.2 RELAÇÃO AVÓS-NETOS .....	43
<b>PARTE II – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO.....</b>	<b>51</b>
<b>CAPÍTULO I – OPÇÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>53</b>
<b>1. MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>53</b>
1.1 TIPO DE ESTUDO.....	54
1.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	55
<b>1.2.1 Participantes do estudo .....</b>	<b>56</b>
1.3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	57

1.4 RECOLHA DE INFORMAÇÃO .....	59
1.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO.....	60
1.5.1 Análise da Informação .....	61
1.5.2 Processo de Triangulação .....	63
<b>CAPITULO II – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>65</b>
<b>1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....</b>	<b>65</b>
<b>2. PERCEPÇÃO DA RELAÇÃO AVÓS-NETOS, NA PERSPECTIVA DOS AVÓS.....</b>	<b>67</b>
2.1 APOIO .....	67
2.1.1 Apoio afectivo.....	68
2.1.2 Apoio instrumental .....	75
2.2 LAZER.....	82
2.2.1 Socializar .....	83
2.2.2 Actividades lúdicas .....	84
2.3 TRANSMISSÃO DE VALORES/SABERES .....	88
2.3.1 Valores .....	88
2.3.2 Saberes socioculturais .....	95
2.3.3 Saberes académicos .....	97
<b>3. FACTORES QUE CONDICIONAM OS AVÓS NO DESEMPENHO DO SEU PAPEL ...</b>	<b>100</b>
3.1. DISPONIBILIDADE.....	101
3.2 DISTÂNCIA GEOGRÁFICA.....	101
3.3 RESENTIMENTO.....	102
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	
<b>APÊNDICES</b>	
<b>APÊNDICE 1: PEDIDO DE COLABORAÇÃO ÀS INSTITUIÇÕES</b>	
<b>APÊNDICE 2: CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	
<b>APÊNDICE 3: GUIÃO DA ENTREVISTA</b>	

## **INTRODUÇÃO**

A estrutura familiar tem sofrido mutações a vários níveis, contemplando mudanças a nível da sua extensão e das interacções entre os seus membros. Todas estas modificações são reflexo de alterações sociais que se sucedem desde o início do século XX, a nível global.

Essas alterações, de acordo com Pimentel e Albuquerque (2010), englobam a diminuição do número de casamentos e o aumento das uniões livres; o aumento do número de divórcios e da reconstituição familiar; a diminuição do número de pessoas disponíveis para integrarem as redes de apoio, devido ao decréscimo da fecundidade e da natalidade; a diminuição do tempo disponível para os cuidados, decorrente da valorização da carreira profissional e do aumento da carga laboral por parte dos adultos de ambos os sexos e a redefinição dos papéis de género, associada a uma vivência menos tradicional da conjugalidade e a uma recusa das mulheres em restringirem a sua acção e realização ao espaço doméstico.

A família é a base do desenvolvimento de todos os seus membros, nomeadamente das crianças (como suporte promotor do desenvolvimento infantil) e das pessoas idosas (como prestadora dos cuidados específicos). Deste modo, todos os factores mencionados no parágrafo acima interferem na dimensão da família como lugar de encontro, convívio, partilha, afecto e cuidado entre as gerações (Pires e Meireles-Coelho, 2011).

Outro fenómeno novo, derivado do aumento da longevidade, é a coexistência de várias gerações numa mesma família, assistindo-se, desta forma, a uma maior convivência intergeracional. A relação entre os avós e os seus netos é um exemplo de uma relação intergeracional. Esta relação começou a ser alvo de pesquisas e interesse desde a década de 80 mas, a perspectiva dos avós em relação à forma como experienciam este seu papel, continua a carecer de investigações. Também um estudo mais aprofundado sobre os benefícios decorrentes da relação entre avós e netos seria profícuo, uma vez que o contacto intergeracional é salutar, na medida em que estimula um desenvolvimento mútuo, através da troca de afectos e conhecimentos entre as gerações.

Estudos como o de Triadó e Villar (2000), em que os autores se preocuparam em estudar o papel dos avós: como percebem os avós as relações com os seus netos, e Dias (2002), em que a autora investigou a influência dos avós nas dimensões familiar e social, foram precursores na descoberta da influência dos avós na vida dos netos. Também Macedo (2007), Schmidt (2007), Cardoso (2010) e Pires (2010) têm abordado a área da intergeracionalidade entre avós e netos de diferentes ângulos. Similarmente, Tur e Olivares (2005) debruçaram-se sobre esta área num capítulo dedicado ao tema, no livro de Hernandez e Martinez.

É de salientar que o conhecimento adquirido pela investigação em Enfermagem permite melhorar a qualidade dos cuidados e otimizar os resultados em saúde (Ordem dos Enfermeiros, 2006). Deste modo, e perspectivando a família como um objecto de investigação em Enfermagem, está-se a contribuir para melhorar os cuidados de assistência e apoio às famílias, cooperando, analogamente, para uma optimização dos benefícios da relação entre os seus membros.

Acredita-se que o estudo sobre a família necessita de ter em atenção a transmissão de valores e legados, pois é desta forma que as gerações se perpetuam no tempo. Assim, o significado da última geração, numa família, é o resultado das gerações anteriores, espelhando uma dinâmica singular e cheia de história dessa mesma família (Macedo, 2007), bem como os seus processos de transição.

O enfermeiro está habilitado a assistir as pessoas nos seus processos de transição, tendo não só o objectivo de conhecer a teoria, como também usar formas para utilizar este conhecimento na prática (Meleis, 2009).

Neste sentido, considera-se pertinente indagar acerca do papel de avô/avó que não tem sido muito estudado. A compreensão do mesmo pode ajudar a melhor cuidar, quer a nível comunitário, quer a nível hospitalar. Surgiu, desta forma, a questão de partida: “Como vivenciam os avós a sua relação com os netos?”, sendo que o objectivo principal é compreender como experienciam as pessoas idosas o seu papel como avô/avó.

Delinearam-se, ainda, os seguintes objectivos específicos: identificar os significados que os avós atribuem à sua relação com os netos; identificar as actividades que os avós realizam em conjunto com os netos; descrever o que é que os avós transmitem aos netos; identificar, na óptica dos avós, o que é que os netos transmitem aos avós e analisar os factores que condicionam os avós no desempenho do seu papel.

Realizou-se um estudo do tipo exploratório, através de uma abordagem de natureza qualitativa, com recurso à investigação fenomenográfica. A fenomenografia apresenta-se

como uma abordagem empírica que tem como objectivo procurar a diversidade de formas sob as quais as pessoas vivenciam o mundo à sua volta (Marton & Booth, 1997).

A actual dissertação apresenta-se organizada em duas partes. A primeira parte divide-se em dois capítulos. No primeiro capítulo - Família na Perspectiva do Ciclo Vital – aborda-se várias definições de família, apresenta-se as mudanças de que foi alvo e de que forma a família é um veículo de transmissão, explica-se o ciclo vital e as transições que a família enfrenta (mais especificamente na terceira idade), e, por fim, explana-se de que forma a Enfermagem é importante para a família multigeracional. No segundo capítulo - Intergeracionalidade entre avós e netos – versa-se sobre a intergeracionalidade na família, apresenta-se a evolução dos papéis avós/netos, revela-se o que influencia a relação e em que se baseia, apresentando-se os benefícios e as desvantagens da mesma. De forma geral, abrange-se a pesquisa e análise da documentação referente à problemática em questão, capaz de sustentar o estudo empírico.

A segunda parte é constituída por dois capítulos. No primeiro capítulo – Opções Metodológicas – apresenta-se o objectivo geral e os objectivos específicos do estudo, debate-se sobre o tipo de estudo, caracteriza-se a amostra e o contexto do estudo, reflecte-se sobre as considerações éticas, descreve-se o instrumento adoptado para a colheita de dados e de que forma a mesma se processou. Indica-se também de que forma se organizou, validou e analisou os dados. No segundo capítulo – Apresentação e Discussão dos Resultados - são caracterizados os participantes do estudo relativamente às condições sociodemográficas, ao número e média de idades dos netos e à frequência de contacto com os mesmos. Também se apresentam os dados colhidos, sendo depois analisados e discutidos os resultados. A dissertação culmina nas Conclusões – nas quais se tecem considerações relativas aos resultados obtidos, que transparecem as respostas aos objectivos inicialmente propostos. Inclui-se a apresentação de limitações bem como se apontam possíveis linhas a explorar dentro desta temática.

Recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica e electrónica, nomeadamente em bases de dados como a B-on e a Scielo, com consequente análise dos documentos pertinentes, de forma a enquadrar toda esta investigação.



## **PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**





## **CAPÍTULO I – FAMÍLIA NA PERSPECTIVA DO CICLO VITAL**

A génese humana é indissociável da concepção de família. Existem definições variadas do que é a família, bem como diversos tipos de família e todos estes conceitos são mutáveis e dependem das transformações sociais que se processam ao longo das décadas. No entanto, é irrefutável que cada pessoa derive de um núcleo familiar, conhecido ou incógnito, mais ou menos presente, com maior ou menor número de membros, que influencie mais ou menos a sua conduta e personalidade.

Neste capítulo será abordado o conceito de família, as mudanças que ocorreram ao longo do tempo na estrutura da família, os valores e saberes que a família transmite, o ciclo vital, as transições de que a família é alvo e o papel da Enfermagem no apoio à família multigeracional.

### **1. A FAMÍLIA**

Quando se fala da família, podem ocorrer diversas definições que, quase sempre, consideram aspectos como a afectividade, companheirismo e solidariedade, sentimentos e acções que podem ser encontrados fora dos laços consanguíneos (Souza, Skubs e Brêtas, 2007). De acordo com as mesmas autoras, é uma construção social influenciada pela cultura e contexto histórico em que foi concebida, sendo uma instituição importante para a organização humana na sociedade.

Schwonke *et al.* (2008) corroboram, ao afirmar que o conceito de família, ao longo do tempo, foi incorporando diversos significados, sendo concebido, actualmente, para além dos laços de consanguinidade, valorizando as relações de vínculo e afecto. Alarcão (2006) salvaguarda que o mais importante é vê-la como um todo, como uma emergência dos seus elementos, o que a torna unida e única.

A família pode definir-se, ainda, como um grupo que vive junto pela necessidade de estar junto, onde uns elementos entram e outros saem, numa aprendizagem constante de mudança e actualização da rede de afectos (Schmidt, 2007).

É habitual pensarmos na família como um lugar onde naturalmente se nasce, se cresce e onde se morre, ainda que, nesse longo percurso, se possa ir tendo mais do que uma família. Esta é um espaço favorável para a elaboração e aprendizagem de dimensões

significativas de interacção: os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais (Alarcão, 2006). A mesma autora defende que é, também, o espaço de vivência de relações afectivas profundas: a filiação, a fraternidade, o amor, a sexualidade, numa trama de emoções e afectos positivos e negativos que, na sua elaboração, vão dando o sentido de a pessoa ser quem é, pertencendo àquela e não a outra qualquer família.

Também Pires (2010) apresenta outra aceção de família, sendo que esta é a mais pequena célula social, uma instituição fundamental para a vida de cada sociedade; deste modo, o núcleo da sociedade humana está na família e na sua capacidade para a personalização e a socialização.

A família é, talvez, uma das redes mais influentes onde uma criança nasce, onde as identidades geracionais, entrecortadas por vários eixos de diferença social, incluindo idade e geração, se influenciam mutuamente (Tarrant, 2010).

Conforme evidencia Alarcão (2006), a família é um grupo institucionalizado, relativamente estável e que constitui uma importante base da vida social pois é, como acrescenta Minuzzi (2007), a primeira instituição de que o sujeito participa. É, ainda, a sede das primeiras trocas afectivo-emocionais e da construção da identidade (Schmidt, 2007). Assis (2006) acrescenta que a família deve ser a primeira integradora de amor, compreensão, confiança, estímulo e comunicação, que permeiam a relação, sendo estas características, formas de protecção, utilizadas para facilitar o processo de integração e participação do indivíduo nos diferentes grupos sociais da comunidade/sociedade.

Enquanto instância de articulação entre o individual e o social, o público e o privado, e o modelo que dita como o indivíduo se deve relacionar com o meio, a família apresenta-se, actualmente, como uma organização que reflecte o ímpeto das transformações sociais e constitui o lugar de redimensionamento individual nas interacções com o mundo (Macedo, 2007).

A família é, deste modo, um sistema muito interactivo e qualquer ocorrência com um de seus elementos afecta todos os outros (Assis, 2006). Quando a família vive o impacto de eventos inesperados (divórcios, mortes, doenças, desemprego) estes modificam a estrutura relacional e dificultam as tarefas de superação e coesão próprias da sua natureza (Schmidt, 2007). Apesar de a família ser vista como um sistema aberto e estável, que tende ao equilíbrio, qualquer mudança no seu padrão básico de relação pode resultar em entropia e destruição, ou seja, pode levar a danos ou mudanças mais ou menos relevantes (Schenker, 2005).

No entanto, ao lidar com situações incomuns, a família cria alternativas, podendo reorganizar algumas das suas regras básicas (Schenker, 2005). A crise, de acordo com a mesma autora, gera um desequilíbrio necessário nos padrões familiares, aumentando a desordem e a incerteza que, de modo geral, levam a um nível mais elevado de auto-organização

Pode-se interrogar de que forma tem “evoluído” a família e de que modo as transformações mundiais influenciam a mesma. É o que se examinará seguidamente.

## 1.2. MUDANÇAS NA FAMÍLIA

A sociedade está em mudança e as famílias também acompanham esta constante mutação, quer ao nível da sua constituição, quer na sua forma de estar em sociedade, quer, ainda, na sua forma de actuar perante os problemas e os obstáculos (Costa, 2011).

A estrutura da família sofreu mudanças significativas, no último século, quer ao nível da sua dimensão, quer ao nível da sua complexidade. De acordo com os autores Rosa e Vieira (2003), existiram três fases importantes que demonstram e explicam muitas dessas alterações. A primeira fase compreende o início do século XX até aos anos 40 e é caracterizada por elevados níveis de celibato, casamento tardio e uma forte importância do casamento na constituição de uma nova família. A economia deste período é caracterizada pelo predomínio do sector agrícola, em que a propriedade agrária detinha um papel de destaque na economia familiar. Desta forma, os jovens que quisessem contrair matrimónio só o poderiam fazer quando existissem as condições de independência económica que a posse de terra facultava. A segunda fase situa-se entre os meados do XX até meados dos anos 70. Nesta fase verificou-se um aumento dos níveis de fecundidade, casamento precoce e uma forte relação entre o casamento e a reprodução. A saída dos jovens para a cidade ou para países estrangeiros permitiu-lhes uma maior independência financeira e facilitou-lhes a constituição de novas famílias, pelo casamento. A economia estava em expansão, sendo considerada como a “década de ouro do crescimento económico”. Por fim, a terceira fase que decorre dos meados dos anos 70 até 2001 e que se caracteriza pelos casamentos cada vez mais tardios, pelo aumento do número de divórcios, enfraquecimento da relação entre casamento/constituição da família/procriação e complexificação das estruturas familiares.

António (2009) acrescenta que, mais concretamente no último meio século, Portugal assistiu a profundas alterações demográficas que derivaram, essencialmente, dos avanços da medicina, da melhoria da qualidade de vida e do conseqüente declínio das taxas de

mortalidade infantil. A mesma autora defende que a maior longevidade e a diminuição da fecundidade culminaram em mudanças significativas na composição e funcionamento interno das estruturas familiares.

Singley, Segalen, Attias-Donfut *apud* Ramos (2005) alertam, ainda, para o aumento das migrações externas e internas e para as diversas transformações sociais, culturais e laborais como promotores das mudanças familiares.

As alterações na estrutura da família assumem uma nova denominação: a verticalização da família, que se refere, por um lado, ao menor número de membros por geração nas famílias (resultado do decréscimo da taxa de natalidade) e, por outro lado, à maior convivência das múltiplas gerações dentro da mesma família (consequência do aumento da esperança média de vida) (Triadó e Posada, 2000).

Vicente e Sousa (2010) acrescentam que a inerente verticalização das famílias permite o encontro e o entrecruzar de várias gerações, sendo que as famílias multigeracionais, com elementos vivos em três ou quatro gerações, têm sido mais comuns. Contudo, e segundo os mesmos autores, outras mudanças (como o aumento da mobilidade geográfica) promovem o desencontro das gerações, apesar da coexistência temporal.

Porém, Harper (2006) alerta para o facto de que não se pode partir do pressuposto de que a família multigeracional vai ser a norma para a maioria das famílias ao longo da vida de um indivíduo pois, embora seja provável que uma pessoa acesse um período (ainda que apenas durante uma pequena parte da vida) no seio de uma família complexa de quatro ou mesmo cinco gerações, a percentagem de famílias com cadeias multigeracionais assim longas é ainda curta (se bem que seja provável que aumente nas próximas décadas).

Segundo os últimos resultados dos Censos de 2011, em Portugal, entre 2001 e 2011, o número de famílias clássicas aumentou cerca de 11%. No entanto, as famílias são hoje de menor dimensão, sendo que a média do número de membros em 2011 é de 2,6, enquanto que, em 2001, era de 2,8. As famílias de maior dimensão têm vindo a perder expressão: em 2011, as famílias com 5 ou mais pessoas representavam 6,5%, face a 9,5% em 2001 e a 15,4% em 1991 (Instituto Nacional de Estatística, 2011). Mas Tur e Olivares (2005) sublinham que a alteração na configuração das famílias, não se verifica somente em Portugal, abrangendo, principalmente, os países desenvolvidos.

A própria concepção de família também se modificou. De acordo com Costa (2011), há um aumento muito significativo das famílias monoparentais; das chamadas famílias “puzzle” (em que mãe/pai e filho vivem com o companheiro(a) da mãe/pai, os filhos deste(a) e

ainda com os filhos dos dois); das famílias “alternativas” (em que os avós tomam conta dos netos ou os tios dos sobrinhos) bem como das “famílias de acolhimento”.

Pires (2010) acrescenta que as transformações verificadas no seio da organização familiar contribuem e continuarão a contribuir para o aparecimento de novas tipologias de família, com novos elementos e diferentes relações de parentesco (nomeadamente os meios-irmãos, os padrastos, os “avódrastos”, entre outros). Alarcão (2006) também cataloga como novas configurações familiares, as famílias reconstituídas, as famílias monoparentais, as famílias adoptivas, as famílias homossexuais e as famílias comunitárias, sendo que há a probabilidade de virem a existir novas configurações familiares daqui a alguns anos.

As alterações ocorridas na família relacionam-se com a perda do sentido da tradição, que tem vindo a ser abandonada: o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, que antes eram vividos a partir de papéis pré estabelecidos, passaram a fazer parte de um projecto individual, provocando um choque entre a reciprocidade e a individualidade (Carvalho *apud* Pires, 2010). Costa (2011), por seu lado, refere que, actualmente, os jovens podem não encontrar tão frequentemente nos pais, modelos com quem se identificam; os divórcios já não escandalizam; os casamentos foram substituídos pelas uniões de facto e o compromisso do sacramento deu lugar a experimentações.

No entanto e apesar dos efeitos aparentemente negativos que as mudanças nas famílias acarretam, Pires (2010) evidencia que, ao contrário do que se possa pensar (de que os laços familiares têm vindo a tornar-se mais fracos na sociedade actual), diversos estudos mostram que isso não corresponde à verdade, uma vez que os laços entre as gerações são hoje mais importantes do que antigamente, devido a uma maior convivência entre as diferentes gerações e ao provável aumento da duração de determinados papéis familiares, como os de cônjuge, mãe/pai, avó/avô ou irmã/irmão

Além do que foi supracitado, Schmidt (2007) salienta que a família tradicional, hierarquizada, organizada em redor do poder do patriarca, torna-se cada vez mais horizontal, cedendo lugar a uma família na qual o poder é distribuído de forma mais igualitária: entre o homem e a mulher, entre pais e filhos. Para a mesma autora, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a emancipação feminina, as mudanças socioeconómicas, o divórcio e o uso de métodos contraceptivos, mudaram a forma de estar em família.

As transformações sociais concebem, como foi demonstrado, consequências importantes na estrutura e na dinâmica familiar: os diversos arranjos domésticos formam-se mediante

as necessidades do grupo familiar e permitem pensar a família como um segmento social que se configura conforme a contextualização histórica da sociedade (Cardoso, 2010). Deste modo, os benefícios percebidos e o valor das trocas familiares variam, frequentemente, de pessoa para pessoa e podem ter significados diferentes em diversos momentos, ao longo da vida (Park *et al.*, 2005).

### 1.3 A FAMÍLIA COMO VEÍCULO DE TRANSMISSÃO DE VALORES E SABERES

A família constitui-se de forma a assegurar a procriação necessária à continuidade dos grupos, a transmissão da herança social, material e cultural e para permitir a sua inclusão no grupo e adquirir posição social (Dutras, 2009). As funções familiares são alvo de forte influência social e cultural e, tal como os papéis e tarefas da família nuclear, foram amplamente estudados no âmbito do ciclo vital da família (Vicente e Sousa, 2010).

A vida das famílias e a função social de alguns dos seus elementos foi fortemente alterada e, apesar de todas as controvérsias em torno da sua composição e função social, a nível geral, prevalece a ideia de que as famílias têm o dever e a obrigação de se responsabilizar por todos os seus membros, independentemente das dificuldades e limitações que estas possam ter na manutenção do bem-estar (Oliveira, 2011). A família deve ser reconhecida como uma instituição cultural e responsabilizada pelo acolhimento das novas gerações, sendo imperativo que pais e adultos exerçam o papel de responsabilidade que lhes é exigido e passem a ocupar o lugar do respeito e da confiança na autoridade que lhes é conferida (Cardoso, 2010). Desta forma, *“O futuro da família está na transmissão transgeracional da sua história, tornada presente pelos testemunhos dos avós, agora ainda mais importantes perante a crise dos pais e da sua vida conjugal”* (Sampaio, 2008 p.11).

Costa (2011) salienta que não se pode descurar o papel importante que a família tem na transmissão dos valores e, se há referência sistemática à crise da família, há, paralelamente, uma crise de valores. Os valores, numa família, podem ser considerados como padrões morais, apresentando-se como aspectos da vida individual e colectiva que são passados de forma implícita ou explícita entre os componentes do sistema familiar (Cardoso, 2010).

Considera-se que um valor é algo que guia as acções dos indivíduos, independentemente da escala que cada um define para a sua vida, ou da inversão que a sociedade muitas vezes faz, porque é composta por seres humanos (Costa, 2011). A mesma autora revela

que os valores são transferidos pela educação e o educando constrói a sua própria aprendizagem com o auxílio dos outros e do próprio ambiente onde está inserido.

A educação, de uma forma genérica, é um processo que ocorre durante toda a vida e tem efeitos conservadores de longa duração que não se modificam facilmente, uma vez que constituem parte integrante do sistema de formação dos sujeitos (Schenker, 2005). Uma das formas de transmissão de valores, defendida por Schenker (2005), acontece através da educação familiar, que tem como principal objectivo a socialização do sujeito, sendo que, o amplo universo de valores sociais é reordenado por cada família de forma específica e particular.

Os momentos em família, como enfatiza a mesma autora, criam as diversas possibilidades de recepção de ensinamentos familiares, e a aprendizagem deriva da partilha desses momentos, entre os vários elementos. Deste modo os educadores que acompanham os jovens são fundamentais para o processo educativo e os valores são de extrema importância para a organização da estrutura intelectual de cada ser humano (Costa, 2011).

A família continua, desta forma, a desempenhar um cargo importante na transmissão, entre os seus elementos e através das gerações, dos valores de solidariedade familiar, social e intergeracional, uma vez que, no espaço familiar, podem construir-se laços de solidariedade e identidade, podem tecer-se vínculos e relações e desenvolver-se competências emocionais e sociais (Ramos, 2005).

#### 1.4 A PERSPECTIVA DO CICLO VITAL

Um dos prismas possíveis de olhar a família é através do seu ciclo vital, ou seja, das etapas na qual se desenvolve (Cardoso, 2010). Estas etapas, segundo a mesma autora, são esperadas em todas as famílias, apesar de vivenciadas de maneiras distintas. As famílias sofrem, assim, transformações na sua organização que acontecem em sequências previsíveis (Castilho *apud* Cardoso, 2010).

A família é um sistema que se modifica no tempo, um sistema vivo, e o ciclo de vida da família passa por períodos previsíveis de estabilidade, de equilíbrio, de adaptação e também por momentos de desequilíbrio e transição, que alavancam o estágio seguinte e mais complexo, onde se desenvolvem novas funções e capacidades (Schmidt, 2007). Como se pode perceber, o conceito de ciclo vital familiar não se enquadra num processo rígido ou estanque, é dinâmico e em transformação, contextualizado social e historicamente (Carter e McGoldrick, 1995). Cada estágio de desenvolvimento, segundo as mesmas autoras, tem tarefas específicas que devem ser superadas, tanto



individualmente, como pelo sistema familiar, para que possam alcançar a transição para uma nova etapa do ciclo vital.

A Teoria do Ciclo Vital da Família tem origem na abordagem psicanalítica, no entanto, o seu enfoque é o grupo familiar (Macedo, 2007). Erikson perspectiva oito idades no desenvolvimento do ciclo de vida, desde o nascimento até à morte (Monteiro e Santos, 2002). Segundo os mesmos autores, Erikson, no processo de desenvolvimento, tem em conta aspectos biológicos, individuais e sociais e cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial, entre uma vertente positiva e negativa. Apesar destes dois polos serem necessários, as autoras ressaltam que se deve sobrepor a vertente positiva e que o termo "crise" é inerente ao desenvolvimento e não deve ser visualizado com uma conotação negativa. Aliás, Schmidt (2007) salienta que a visão temporal da família através do seu ciclo evolutivo contribui para dar um significado positivo à palavra "crise", uma vez que a crise impulsiona a abertura de portas fechadas na família, a procura e a criação de diferentes soluções ou acomodações (perante os conflitos e as rupturas domésticas) e a possibilidade de momentos criativos de decisão.

Deste modo, e de acordo Monteiro e Santos (2002) o primeiro estágio denomina-se confiança versus desconfiança (acontece entre os 0 e os 18 meses). No segundo estágio tem-se a autonomia versus dúvida e vergonha (ocorre entre os 18 meses e os 3 anos). O terceiro estágio – iniciativa versus culpa - sucede entre os 3 e os 6 anos. O quarto estágio, que se intitula como indústria/mestria versus inferioridade, decorre entre os 6 e os 12 anos. O quinto estágio remete para identidade versus difusão/confusão (passa-se entre os 12 e os 18/20 anos). O sexto estágio versa sobre intimidade versus isolamento (surge entre os 18/20 anos e os 30 anos, aproximadamente) O sétimo estágio abrange a generatividade versus estagnação (ocorre entre os 30 e os 60 anos). Por fim, o oitavo estágio, denominado por integridade versus desespero (figura a partir dos 60 anos), caracteriza-se por ser o momento do balanço de vida, sendo que a sabedoria é a grande virtude adquirida.

Macedo (2007) salienta a visão que Carter e McGoldrick (1995) ofereceram do ciclo de vida em termos do relacionamento intergeracional na família, referindo que o stress familiar é, normalmente, acentuado nos pontos de transição de um estágio para outro, criando rompimentos no ciclo. As autoras resumiram a sua teoria em seis estágios do ciclo vital, sendo que cada transição do ciclo de vida requer uma mudança de segunda ordem no status familiar. O primeiro estágio refere-se a jovens solteiros que saem de casa e se tornam independentes; o segundo estágio retracts o novo casal; o terceiro estágio são as famílias com filhos pequenos; o quarto estágio alude a famílias com adolescentes; o quinto estágio refere-se à saída dos filhos e, por último, o sexto estágio, é o da família no

estágio tardio da vida.

Relvas (2004) acrescenta que, com a saída dos filhos, o casal confronta-se com a fase do ninho vazio e isto força a uma reestruturação na autonomia enquanto casal e enquanto ser individual. Em consequência, dão entrada novos elementos na família (noras e genros) que transformam os respectivos pais em “velha” família, sendo que o nascimento dos netos permite aos avós uma nova possibilidade de desenvolverem relações muito gratificantes e próximas. Vicente e Sousa (2010), referindo-se aos estádios de desenvolvimento familiar do modelo de Carter e McGoldrick, referem que estes implicam tarefas com base na interacção de dois subsistemas da família multigeracional: a geração e a linhagem. A título de exemplo, no estádio “jovens solteiros que saem de casa/independentes”, o indivíduo/família procura a diferenciação do self em relação à família de origem, ou seja, relativamente ao núcleo familiar de onde procede e à geração que o antecede; nas fases de “o novo casal” e de “famílias com filhos pequenos” emergem aspectos do subsistema linhagem, com as tarefas de realinhamento das relações com a família extensa para acomodar o cônjuge e incluir os papéis de “pais” e de “avós”; nas “famílias no fim vida”, a transição emocional centra-se na aceitação da mudança dos papéis geracionais e no apoio ao papel mais central das gerações intermédias, ao mesmo tempo que se lida com a perda de relações intrageracionais (cônjuge, irmãos e primos) (Vicente e Sousa, 2010).

Alarcão (2006) alerta para o facto de, seja qual for o prisma do ciclo de vida em que se olhe, as fronteiras entre as várias etapas não são rígidas, o que se traduz no facto de que as tarefas a nível do desenvolvimento de cada uma não cessam no exacto momento em que se inicia a seguinte, sendo preparadas na etapa anterior.

O ciclo de vida familiar descreve o modo como as famílias evoluem e se transformam ao longo da sua existência, operando como uma biografia e providenciando marcos para dividir o relógio familiar em segmentos (Sousa, Figueiredo e Cerqueira, 2004). De acordo com as mesmas autoras, as várias abordagens ao ciclo de vida olham a família como um sistema, que se move ao longo do tempo, que integra elementos (nascimento, adopção e casamento) e perde membros. Macedo (2007) corrobora ao afirmar que o enfoque sistémico do ciclo vital da família busca observar a história da família e intervir sobre ela, e que os pontos de vista de cada geração acabam por levar a uma adaptação de uns com os outros, esperando-se que convivam com todas as diferentes singularidades que existem no grupo familiar. A construção social das gerações materializa-se através do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada uma delas, em diferentes etapas da história (Ferrigno, 2006)

A família tem os seus alicerces na coesão e continuidade, como uma célula reprodutiva, e vive o paradoxo mudança/estabilidade em todo seu ciclo vital (Schmidt, 2007). Esta autora salienta que a particularidade no estilo como cada família cuida do seu equilíbrio e sobrevivência, interage com os relacionamentos interpessoais e intergeracionais dos seus membros. De forma complementar, Alarcão (2006) sublinha que as interações que se desenvolvem entre os vários elementos de uma família organizam-se em sequências repetitivas de trocas verbais e não-verbais que se vão construindo no quotidiano familiar, como resultado de adaptações recíprocas, implícitas e explícitas, entre os seus filiados.

## 1.5 TRANSIÇÕES

O termo “transição” deriva do verbo em latim “*transitióne*”, que significa “atravessar” (Meleis, 2009). A mesma autora define transição como a passagem de uma fase da vida, condição, ou status para outra. A transição engloba tanto o processo como os resultados da complexa interação entre pessoa e ambiente, podendo envolver mais do que uma pessoa e estando inserida num determinado contexto e situação (Meleis, 2009). Para a autora, uma das principais características é o facto de ser, essencialmente, positiva, na medida em que a pessoa, ao passar pelo evento, alcança uma maior maturidade e estabilidade. De acordo com Pinto (2009) a literatura utiliza, frequentemente, a palavra transição para descrever um processo de mudança nos estados de desenvolvimento de vida, alterações de saúde e em circunstâncias sociais.

Segundo Meleis e Schumacher (2009), parecem existir duas propriedades universais das transições: as transições são processos que ocorrem a todo o momento e que envolvem desenvolvimento, fluxo ou movimento de um estado para outro; e as mudanças que ocorrem durante as transições têm naturezas específicas – identidade, papel, relações, capacidades, padrões de comportamento, estrutura, função, dinâmica.

Várias disciplinas centram-se nesta temática das transições e a Enfermagem é uma delas. Definir Enfermagem como uma disciplina facilitadora das transições para desenvolver o senso de bem-estar, fornece uma perspectiva única, pois só a Enfermagem pretende ajudar os clientes facilitando as transições dirigidas para a saúde e a percepção de bem-estar, mestria, nível de funcionamento e conhecimento, através dos quais a energia dos clientes pode ser mobilizada (Meleis e Trangenstein, 1994).

Imber-Black (1995) divide as transições em normativas, que são aquelas que estão relacionadas com o ciclo de vida das pessoas (como o nascimento) e idiossincráticas, que são as de natureza aparentemente rara ou diferente (como o nascimento de uma criança

com deficiência, a separação forçada pela hospitalização e a doença crónica).

No presente escrito, as que são de especial interesse são as normativas, pois está-se a referir ao ciclo de vida das pessoas, em especial, ao ciclo de vida familiar.

O modo pelo qual os membros de uma família se relacionam e estabelecem as suas fronteiras refere-se à estrutura da família e às consequências que dizem respeito à sua dinâmica (Cardoso, 2010). Minuchin *apud* Cardoso (2010) afirma que a função das fronteiras é garantir a diferenciação da família como sistema e dos seus membros, propiciando as interações, governadas por regras e padrões implícitos

As fronteiras podem ser visíveis ou invisíveis, permeáveis, semi-permeáveis ou impermeáveis, rígidas ou flexíveis, emaranhadas ou folgadas, funcionais ou disfuncionais e são determinantes para as transições familiares (Cardoso, 2010). Durante o processo de mudança de uma etapa para outra, as fronteiras modificam-se em função da necessidade para mais ou menos emaranhadas ou desligadas (Minuchin *apud* Cardoso, 2010). Para garantir funcionalidade na família, ou seja, que cada membro do sistema realize as suas funções e mantenha contacto com os outros membros e com o exterior, as fronteiras devem ser concomitantemente bem definidas e, ao mesmo tempo, permeáveis, capazes de permitir as transições (Miermont e Minuchin *apud* Cardoso, 2010).

### **1.5.1 Transições na terceira idade**

Meleis, Schumacher e Jones *in* Meleis (2009) referem que a idade avançada é um tempo de múltiplas transições. Para as supracitadas autoras, a reforma, a perda do cônjuge e dos amigos, a deslocalização para uma nova situação de vida e o advento das doenças crónicas ou fragilidades, são apenas algumas das transições experienciadas pelas pessoas idosas. Por outro lado, muitas transições são positivas e bem-vindas, como o início de um novo empreendimento ou o desenvolvimento de novos aspectos do *self*.

Para Ferrigno (2006), no caminho em direcção à fase da terceira idade, os contactos sociais tendem a ficar mais escassos pois acontece um progressivo esvaziamento de papéis, facto que conduz a pessoa idosa a um crescente isolamento ou recolhimento ao espaço doméstico. O mesmo autor salienta que a aposentadoria, a viuvez, a perda de amigos e a saída de casa dos filhos emancipados, são fenómenos que impõe aos mais velhos uma expressiva diminuição de funções.

Mas antes de se avançar, deve-se definir o que é o papel. De acordo com Bronfenbrenner *apud* Santos, Silva e Pontes (2011) um papel é uma série de actividades e relações esperadas para uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e dos

outros em relação àquela pessoa.

A reforma representa um marco importante na vida da maioria das pessoas, pressupondo uma mudança significativa do padrão de actividades, da utilização do tempo e, para muitos, do local de residência (Pires, 2010). A mesma autora defende que a reforma é um período assinalado pela idade cronológica, contrariamente a outros eventos da segunda metade da vida (a menopausa, o abandono do lar por parte dos filhos, o tornar-se avó/avô, a morte do cônjuge, a doença e a morte) que se devem a mudanças biológicas no indivíduo ou noutros elementos da família. Ao cumprirem a idade fixada por lei, a maioria das pessoas abandona a sua actividade laboral e entra na fase da reforma que é, geralmente, associada ao início da velhice, mas que não deve ser confundida com o envelhecimento (Pires, 2010).

A reforma, tal como referem Bernard *et al.* (2001) pode ser uma nova fase da vida, onde as pessoas idosas possam fazer aquilo que sempre quiseram fazer e nunca puderam, sendo um tempo de liberdade e independência. Ferrari *apud* Pires (2010) acrescenta que este período da vida humana deve ser encarado como a fase da possibilidade do lazer, da realização pessoal e do investimento em si próprio, devendo existir um equilíbrio entre o repouso, a distração e o desenvolvimento contínuo e harmonioso da personalidade.

Um dos eventos significativos do ciclo vital individual e um dos papéis que se atribui às pessoas à medida que envelhecem é tornarem-se avós ou avôs (Cardoso, 2010). O momento em que nasce um neto marca a passagem para uma outra fase no ciclo de vida familiar, que implica modificações, não só na estrutura familiar, como na estrutura psíquica dos novos avós – uma nova identidade tem de ser criada e novos papéis adquiridos (Kipper e Lopes, 2006).

O período de ser avô é descrito por Tarrant (2010) como o momento em que as pessoas que são avós são chamadas a assumir o seu papel. Para a autora, ao perceber-se o ser avô desta forma, ao invés de só se olhar para a realidade biológica, olha-se para o ser avô como um papel social, cultural e historicamente construído. Deste modo, compreender o papel dos avós sugere que existem várias maneiras de ser avô, inúmeras identidades e diferentes lugares onde ser avô pode ser expresso (Tarrant, 2010).

Um exemplo do que foi supramencionado é o facto de ser muito diferente ser-se avô com cinquenta anos ou setenta anos. Enquanto no primeiro caso, segundo Sampaio (2008), os avós equacionam a reforma como um acontecimento ainda algo distante (sendo que os netos são crianças e os pais precisam de um apoio diário), na segunda condição, os netos são adolescentes e/ou jovens adultos e têm menos contacto com os mais velhos.

Também se salienta, segundo o mesmo autor, que quando os avós são novos, não é raro que, na mesma família, os bisavós ainda permanecem no círculo familiar. Outro exemplo prende-se com o género dos avós. De acordo com Rodrigues (2008), o papel das avós é diferente do papel dos avôs pois enquanto as avós aproveitam para transmitir a sua experiência de mães logo após o nascimento do bebé, os avôs actuam nas actividades de lazer e na aprendizagem da criança com o mundo que a rodeia quando esta última for mais velha.

Mas para muitas pessoas que se tornam avós, a situação pode ser estranha. Sampaio (2008) alerta para o facto de que, para além do reconhecimento do seu inevitável processo de envelhecimento, o nascimento de um neto pode conferir aos avós uma sensação de perda, como se tivessem a visão do fim da linha e como se o nascimento da criança pudesse significar uma delegação final de responsabilidades. Recorrentemente, esta sensação pode ser provisória e é quase sempre ultrapassada pela nova relação de amor entre avós e netos, mas não deve ser esquecida porque depois do nascimento do primeiro neto, tudo se altera (Sampaio, 2008). Kipper e Lopes (2006) sugerem que os avôs têm a tendência de idealizar os netos, formando um vínculo muito particular, sendo que esta idealização pode funcionar como uma estratégia para lidar contra as aflições da idade avançada e a morte inevitável, assim como para reparar a sua própria vida, por via da imortalidade genética.

Marangoni (2007) salienta o estudo realizado por Dessen e Braz (2000), que teve como objectivo descrever e analisar as transformações na rede de apoio social durante as transições decorrentes do nascimento de bebés. Constatou-se que os avós são fontes de apoio importantes neste momento de transição familiar, tanto material e financeiro como psicológico. Esta mesma constatação foi sinalizada no estudo realizado por Araújo e Dias (2002), que reflectiu sobre a participação dos avós em situações de separação e divórcio dos seus filhos.

À medida que os anos passam e como foi justificado pelos vários autores, existem vários papéis e consequentes funções atribuídos à pessoa, ao longo do ciclo vital. As transições que ocorrem requerem, normalmente, um contínuo de adaptação. Mas coloca-se a questão se a família tem ajudado cada membro, individualmente, a adaptar-se e a evoluir. Ou se existe uma sinergia de esforços para que todos os elementos desenvolvam os seus papéis de forma profícua. É o que se debaterá seguidamente.

## 1.6. A ENFERMAGEM NO APOIO À FAMÍLIA MULTIGERACIONAL

Trabalhar com os diversos membros de uma família é um ponto importante a ser tido em conta pelos profissionais da saúde, em particular pelos enfermeiros, nomeadamente em relação ao cuidado com as pessoas idosas (Souza, Skubs e Brêtas, 2007). As autoras defendem que, se por um lado a relação entre os diversos membros da família pode derivar em crises, por outro, pode ser considerada um processo de ajuda mútua, uma vez que os idosos não são apenas cuidados e ajudados pelos seus familiares mas também cuidam e ajudam. O cuidado intergeracional com o idoso, como refere Flores (2008), conduz a Enfermagem a pensar a respeito da necessidade do conhecimento das particularidades culturais do ser cuidado e do grupo e da sociedade em que os indivíduos estão inseridos.

Embora a saúde da família e a dos seus membros seja diferente, está interligada, pois a situação de saúde/doença de um dos elementos afecta a saúde da família (Marcon e Elsen, 1999). O cuidar da família exige conhecer como essa família cuida, identificando as suas dificuldades e as suas forças, pois só deste modo, o profissional de saúde, com o seu saber técnico e científico e humanidade, pode ajudar a família a agir de forma a atender às reais necessidades dos seus membros (Marcon e Elsen, 1999). Schwonke *et al.* (2008) suportam a ideia supramencionada ao concluir que os profissionais que ambicionam realizar o cuidado à família deverão então conhecer plenamente o seu funcionamento, os factores que a influenciam, as formas de lidar com os problemas e as interconexões desta com a sociedade.

Convém salientar que a Enfermagem compreende que o comportamento do ser humano, seja em situações de saúde ou de doença, é influenciado pelo contexto cultural, social e histórico, surgindo, assim, a necessidade de uma aproximação com outras ciências tais como a antropologia, a sociologia, a psicologia e a história (Marcon e Elsen, 1999). Ante esta perspectiva, a família passou a constituir-se como objecto de investigação, ao mesmo tempo que passou a ser delineada como objecto de assistência da Enfermagem, ou seja, passou a existir a convicção de que é praticamente impossível assistir o indivíduo (doente ou não) de forma completa quando não se considera pelo menos o seu contexto mais próximo.

Neste novo contexto, as relações intergeracionais, particularmente os vínculos que os avós estabelecem com os seus netos, são uma abordagem que deve ser tida em conta, uma vez que traz benefícios para ambas as partes, como veremos no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO II - INTERGERACIONALIDADE ENTRE AVÓS E NETOS**

O termo *intergeracionalidade* é um termo relativamente recente, não se encontrando no dicionário de língua portuguesa. Decompondo-o, o termo *inter* é um “*elemento de formação de palavras que exprime a ideia de entre, dentro de, no meio*” e o termo *geracional*, um adjectivo “*próprio de uma relação ou relativo a uma geração*” (Infopédia, 2011).

Neste capítulo será abordada a intergeracionalidade na família (mais especificamente entre avós e netos), de que forma evoluíram os papéis dos avós e dos netos, as variáveis que influenciam a relação entre os avós e os netos e como se tem processado esta relação.

### **1. INTERGERACIONALIDADE NA FAMÍLIA**

A noção de geração tem diversos sentidos possíveis (Schmidt, 2007). Para a mesma autora, se houver uma abstracção do sentido activo da palavra geração (acção de gerar, processo de produção ou de desenvolvimento de alguma coisa) é possível apreender algumas dessas acepções principais. Há uma acepção que pode ser considerada como 'genealógica', sendo que o termo de geração encarna o sentido de filiação, ou mais exactamente, de grau de filiação (primeira, segunda, terceira geração) a partir de um indivíduo tomado como origem (Schmidt, 2007).

Mas, se o termo *intergeracionalidade* carece de significância própria, as relações intergeracionais são descritas como interacções planeadas, de grupos de pessoas com idades desiguais, em diferentes fases da vida e em distintos contextos (Peacock e Talley *apud* Nunes, 2009). Para a presente investigação, no entanto, destacar-se-á a relação avós-netos, uma vez que o objectivo do estudo se direcciona e se centra nestas duas gerações.

De acordo com Schenker (2005), a qualidade da relação que se estabelece entre as várias gerações numa família, influencia a orientação de princípios, atitudes e práticas familiares. A qualidade da relação refere-se, de acordo com a mesma autora, ao clima emocional que nasce das interacções, ao grau de aceitação, respeito, afecto mútuo e de diálogo entre os diversos elementos, gerando intimidade, comunicação ou conflito.



Park *et al.* (2005) ressaltam que as relações intergeracionais não operam ao longo de uma única dimensão. Em vez disso, representam um conjunto complexo de interações simultâneas ao longo de uma série de dimensões, incluindo a proximidade geográfica, a frequência e tipo de contacto, o nível e a forma de troca das interações, a afinidade emocional ou normativa e as expectativas culturais.

Ramos (2005) acrescenta que há um conjunto de factores que vão influenciar o relacionamento entre as várias gerações e as diferentes formas de desempenhar os papéis de pais, avós e filhos: a qualidade das relações dentro das gerações; as condições socioeconómicas; as particularidades familiares; a idade, personalidade e estado de saúde; os locais de residência; a forma como as famílias estruturam o tempo das crianças e a cultura. Ferrigno (2006) também refere que, se se partir da premissa de que historicamente as gerações são constantemente construídas, desconstruídas e reconstruídas, verifica-se que a relação entre elas também está continuamente a ser refeita. E novas relações, por sua vez, determinam novos comportamentos das gerações, num movimento dialéctico e de retroalimentação permanente.

As gerações têm aptidão para se protegerem, educarem, estimularem e suportarem-se mutuamente, assim como para tomarem conta umas das outras e interagirem consoante as suas necessidades. A intergeracionalidade entre avós, pais e netos pode ser utilizada como meio para reduzir a violência, lutar contra o desemprego dos mais velhos, desenvolver competências específicas nos jovens, apoiá-los nos estudos e também ajudar os mais novos a lidar com assuntos como o álcool e as drogas (Pinto e Rodrigues *apud* Cardoso, 2010).

As relações intergeracionais assumem ainda maior relevo quando se trata de prestar apoio aos idosos, sendo a importância da família, neste período de vida, elevada. Bernard *et al.* (2001) referem que a família é considerada como provedora da base de apoio para os idosos apesar de, no estudo que os autores realizaram, poucas pessoas estarem realmente envolvidas nas actividades de apoio. Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) alertam para o facto de que o aumento dos divórcios, das famílias reconstituídas e monoparentais, do número de mulheres no mercado laboral e da mobilidade geográfica das famílias, complexifica e afasta as ligações familiares aos membros idosos. As mesmas autoras sublinham que a prestação de cuidados às pessoas idosas fragiliza-se, quer pela menor disponibilidade dos membros da família em assumirem esse papel, quer porque os cuidadores típicos (filhos e conjugues) são, habitualmente, também eles, velhos no momento de cuidar.

Flores (2008), com o objectivo de interpretar como ocorre o cuidado intergeracional com

idosos residentes numa área do Brasil, realizou um estudo onde concluiu que a pessoa idosa apresenta atribuições diversas para as outras gerações. Para os netos, conviver com os avós é uma oportunidade de aprendizagem e crescimento que desperta a construção de vínculos afectivos fortes. A autora concluiu que o cuidado com a pessoa idosa praticado pelas outras gerações pode ser uma oportunidade de co-responsabilização com o cuidado e com o envelhecimento populacional, havendo uma proposta para se desenvolverem acções intergeracionais com cuidadores informais e formais.

Com o envelhecimento podem surgir problemas de saúde que constituem uma preocupação e uma sobrecarga para os filhos, ao mesmo tempo que diminui o apoio prestado pelas gerações mais velhas aos mais novos (Sampaio, 2008). Bernard *et al.* (2001) alertam para o facto de, actualmente, os amigos assumirem um papel central como recurso de ajuda, uma vez que muitas pessoas idosas têm amigos de toda uma vida que podem ser tão, se não mais, emocionalmente e praticamente importantes para eles como os seus familiares de sangue.

Ao analisar a importância da família nos cuidados aos seus idosos, Souza, Skubs e Brêtas (2007) opinam que é a família quem está presente no dia-a-dia da pessoa idosa, surgindo a intergeracionalidade como uma das características do processo de envelhecimento não só individual, mas familiar, em que os membros envelhecem em família e esta reorganiza-se para fazer face aos requisitos do envelhecimento. Flores (2008) afirma que, ao vivenciar-se o envelhecimento de um familiar, o cuidado deve ser partilhado e compreendido a partir das suas singularidades e diversidades, uma vez que cada pessoa envelhece de forma única e particular, de acordo com o seu contexto de vida. Portanto é fundamental pensar e compreender a heterogeneidade nas formas de envelhecer e praticar o cuidado intergeracional de acordo com essas particularidades (Flores,2008).

### 1.1. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS AVÓS-NETOS

As relações intergeracionais avós-netos constituem um tema crescente a nível de importância (inseridas no estudo da família) e são uma demarcação fundamental no desenvolvimento humano, uma vez que a família, juntamente com a escola, são os marcos de relação da infância (Triadó, Martinez e Villar, 2002).

Apesar de Vicente e Sousa (2010) afirmarem que a relação entre avós e netos é a relação intergeracional não contígua com maior relevo na literatura, existindo vários estudos sobre o papel dos avós na família e a sua importância para as distintas gerações do sistema

familiar, Tarrant (2010) contrapõe, dizendo que os avós são uma pequena, mas considerável parte da população que permanecem pouco estudados na geografia humana. Isto levanta questões importantes, não apenas sobre o papel que desempenham na sociedade contemporânea (especialmente na vida dos seus filhos e netos), mas também sobre o envelhecimento da população e as experiências quotidianas do envelhecimento (Tarrant, 2010). Lima *apud* Nunes (2009) alerta para que, embora a investigação gerontológica tenha vindo a dissipar os estereótipos do idoso enquanto ser frágil, dependente, pobre, assexuado e infantil, ainda existe um desencontro entre o resultado das investigações e as crenças do senso comum.

E o facto é que, através da análise dos estudos em torno da família e das relações intergeracionais, a perspectiva dos avós tem sido pouco examinada, no que concerne à sua relação com os netos. De acordo com Oliveira (2010), só recentemente é que os estudos nesta área se intensificaram mas muitos perdem a sua actualidade velozmente, devido às alterações constantes na família. Araújo e Dias (2002) acrescentam que, embora a importância da mutualidade da relação avós e netos seja hoje reconhecida, sabe-se que foi, especialmente, durante a década de 80 que o interesse nos estudos sobre os avós cresceu consideravelmente. Os factores que são apontados como causadores dessa situação são a maior expectativa de vida do ser humano na sociedade actual (que, por sua vez, leva as pessoas a vivenciarem, por mais tempo, o papel de avós e até o de bisavós), o crescimento de outras organizações familiares (como as famílias monoparentais, as famílias divorciadas/separadas e as pessoas que divorciadas, voltam a casar), a gradual participação da mulher no mercado de trabalho, e, ainda, a importância que os avós assumem em situações específicas como a gravidez na adolescência, o uso de drogas por parte dos pais ou a morte destes (Dias e Silva, 1999).

Smith *apud* Pires (2010) corrobora ao demonstrar que o estudo da experiência de ser avô constitui um tópico relativamente recente na investigação familiar; no entanto, reveste-se de enorme interesse, na medida em que impõe ter em conta não só aspectos da socialização, como também elementos da transmissão histórica e cultural, subjacentes à intergeracionalidade. Por outro lado, segundo King e Elder *apud* Pires (2010) compreende-se a escassez da literatura sobre este assunto antes da década de 1980, uma vez que os estudos existentes eram de natureza descritiva e abordavam apenas as fases iniciais do desenvolvimento do indivíduo e da família, versando sobre tópicos como a infância, a educação dos filhos e as relações entre pais e filhos. A relação entre avós e netos, segundo os mesmos autores, apresenta um aspecto peculiar que lhes permite ter uma relação muito individualizada: cada neto tem, em princípio, quatro avós (dois maternos e dois paternos), podendo manter com cada um, uma relação específica; por outro lado,

cada avó/avô pode ter vários netos de ambas as origens da filiação, aumentando, exponencialmente, os ângulos relacionais.

Sousa (2006) aponta a verticalização das famílias (que leva à diminuição do número de netos) como uma das formas de os avós poderem dar uma atenção mais individualizada aos netos, uma vez que antes existiam menos avós para mais netos e agora há mais avós para menos netos. Esta circunstância conduz, de acordo com a mesma autora, ao aumento da importância das relações intergeracionais.

## **2. EVOLUÇÃO DOS PAPÉIS AVÓS/NETOS**

Até há pouco tempo, o perfil dos avós podia ser desenhado com estes a tirar água do poço, a lavar a roupa num tanque fora de casa, a cozinhar no fogão a lenha, a jogar cartas sentados em volta de uma mesa, e a visitar os amigos. Hoje, contudo, existem torneiras eléctricas, máquinas de lavar, fogões a gás, fornos eléctricos e micro-ondas, frigoríficos modernos, computadores onde se jogam cartas e as notícias dos amigos chegam por telefone ou pelo computador (Carmen e Neila, 2008). Esta alteração significativa nos hábitos das pessoas idosas e no seu quotidiano surge como metáfora para se explicar as mudanças que estão a ocorrer na pessoa idosa e no seu papel enquanto avô/avó.

Surgem cada vez mais avós com perfis completamente distintos, como por exemplo os avós jovens, com filhos dependentes, a cuidarem dos seus próprios pais e a sentirem que ser avô é uma parte importante do ciclo de vida como experiência pessoal (Block *apud* Tur e Olivares, 2005). Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) sinalizam que a actual geração de avós é a primeira na história que pode esperar ter, em média, vinte anos para ver os netos crescer e serem adultos.

Jonhson & Rêboul *apud* Dias (2002) acrescentam que os avós actuais são pessoas que estão nos meados da vida, envolvidos em actividades profissionais e sociais, que praticam exercício físico regular e se envolvem no papel de avós com satisfação. Os avós de hoje vivem mais anos, são mais saudáveis, têm maior poder económico, mais educação e formação e, simultaneamente, como nascem menos crianças, existem menos netos, o que permite uma atenção mais individualizada, mesmo havendo maior mobilidade e distância geográfica (Sousa, Figueiredo e Cerqueira, 2004). Ao mesmo tempo, tendo mais formação, os avós podem proporcionar mais e novas experiências aos seus netos (apesar de, mesmo os avós com menos formação e menor poder económico, sempre encontrarem alternativas criativas para estar junto dos netos e lhes providenciarem afecto) (Sousa, 2006).

Os avós actuais romperam com a tradição de um modelo educativo baseado no autoritarismo e, por este facto, educaram de uma maneira mais suave, com respeito pela opinião e privacidade dos filhos e com a liberdade que o seu próprio percurso tinha tomado como bandeira. Mas sabem, por experiência própria, como é difícil separarem-se de um modelo educativo que lhes foi fornecido pelos seus pais. Na sua infância, esse modelo incluía um conjunto de regras muito claras e estava organizado à volta de valores como o respeito, a honestidade, o trabalho, a obediência e a verdade sendo que, os mais jovens, tinham de obedecer e o seu pensamento não era valorizado (Sampaio, 2008).

Os avós têm um presente, um passado e um futuro, constituindo uma janela privilegiada para o passado da família e da comunidade. Torna-se inolvidável o facto de os avós actuais terem vivido tempos intensos de mudança, nomeadamente: o salazarismo, a primavera marcelista, o pós 25 de Abril, testemunhando os progressos da ciência, da medicina e da tecnologia. Desta forma, os avós constituem-se como uma memória viva do passado e, junto deles, os netos podem aceder à estória da História, num relato vivido e personificado dos factos e da experiência (Sousa, 2006). Na família, romperam com a visão estática e mítica da família indestrutível, fizeram planeamento familiar para ter filhos com base no amor, foram protagonistas de muitos divórcios e construtores de famílias recompostas (Sampaio, 2008). O mesmo autor refere que estes avós assistiram à explosão das novas tecnologias e, já mesmo idosos, prepararam-se para o fenómeno da internet, onde os seus netos e bisnetos encontram formas diferentes de se relacionar.

São avós activos e presentes que promovem ou intensificam valores, mais ou menos visíveis nos jovens actuais: a sinceridade e a frontalidade, o respeito pela diferença e o combate a todas as formas de discriminação, a liberdade de expressão, o amor sem calculismo e a importância da intervenção social em muitos comportamentos outrora escondidos. No entanto, encontram-se agora, em muitos casos, frente a filhos tornados pais que mostram às crianças permissividade, insegurança e excesso de gratificação na educação (Sampaio, 2008).

As pessoas idosas, que outrora foram netos, desempenham, hoje, o papel de avô e avó e o vínculo que tiveram no passado com os seus avós repercute-se na personalidade, na maneira de se relacionarem com os seus netos, nos valores e nas tradições (Minuzzi, 2007). No entanto, ser avô permite continuar a olhar para a frente e não pensar que tudo deve ser uma repetição imutável do tempo que já viveram, devendo existir a possibilidade da descoberta com os netos, de perspectivas diferentes daquelas a que se habituaram (Biscaia *apud* Pires, 2010).

Os avós não devem, contudo, ter a ilusão de que os netos são uma espécie de renovação da sua maternidade/paternidade, como se o tempo lhes desse uma nova oportunidade. Deve existir a consciência de que cada neto é uma realidade diferente dos seus filhos assim, a sua participação deverá ser discreta, respondendo aos pedidos mais com sugestões do que com saberes absolutos (Pires, 2010).

O que também se deve evidenciar é que ser-se avô é um dos sonhos de quase todos os adultos com filhos adultos. Este laço é sentido como a concretização do desejo de continuidade (sobreviver à morte), oferecendo a possibilidade de exercer uma variedade de papéis e a oportunidade de interações significativas (Sousa, Figueiredo e Cerqueira, 2004)

Os primeiros estudos sobre o papel dos avós datam de 1930 e 1940 e foram escritos por clínicos e psiquiatras (revelando uma visão negativa da influência dos avós sobre os netos) e, só partir da década de 1960 é que a temática dos avós passa a ser olhada sob uma perspectiva mais positiva, devido a uma mudança nos estereótipos e papéis tradicionais dos avós (Queirós *apud* Pires 2010). O papel dos avós na socialização das crianças e na prestação de cuidados tem-se revelado crescente ao longo das transformações sociais e económicas verificadas nas famílias (Pires, 2010).

Este papel dos avós é isento de quaisquer direitos e obrigações (Tur e Olivares, 2005) e não tem idade pois, embora exista quem afirme que o papel dos avós é adquirido numa idade jovem, este tem sido cada vez mais retardado pela idade, uma vez que os casamentos e a maternidade ocorrem numa fase mais tardia, cronologicamente (Bernal e Anunciabay, 2008). E, contrariamente ao papel dos pais, o papel dos avós, mais do que estabelecido por normas sociais ou legais, é frequentemente edificado em cada contexto familiar (Pires, 2010).

Os papéis dos avós podem assumir diferentes formas, tendo Neugarten e Weinstein *apud* Pires (2010) distinguido cinco estilos de se ser avô: o lúdico (há predomínio da valorização da brincadeira, da satisfação e prazer mútuos e das actividades informais); o formal (existe uma definição clara de papéis, nomeadamente em relação aos dos pais, e adoptam-se comportamentos convencionais, segundo as representações que têm do papel dos avós); o autoritário (colocam os netos e os pais dos netos numa situação de subordinação); o distante (os contactos com os netos são reduzidos e ocorrem ocasionalmente, como em aniversários e festas); e o substitutivo (os avós tendem a assumir os cuidados e as responsabilidades educativas na ausência ou incapacidade dos pais).

Numa abordagem mais recente, Bawin-Legros e Gauthier *apud* Pires (2010), dividem os avós em duas categorias: a dos avós substitutos educativos e a dos avós transmissores. Os avós da primeira categoria caracterizam-se pela tendência em substituírem os pais na responsabilidade de educar, havendo, neste tipo de relacionamento, um prolongamento dos laços entre mãe e filha (uma vez que predominam os avós maternos) e verificando-se um ritmo intenso de contactos, favorecidos pela proximidade geográfica. Já à segunda categoria pertencem, com mais frequência, os avós de classes médias-altas, que privilegiam a sua independência e auto-realização fora do círculo familiar. Este tipo de relacionamento não implica uma menor solidariedade: existem, apenas, outras formas de expressão dos laços afectivos, sendo que se baseia numa atitude de companheirismo, com um acompanhamento escolar activo e prolongado, uma forte componente de organização dos tempos livres dos netos e a transmissão de bens simbólicos. Os mesmos autores referem, também, um terceiro perfil de relacionamento – o dos avós passivos – em que o contacto entre avós e netos é escasso e advém frequentemente de problemas relacionais entre duas gerações.

Gomes-Pedro (2006) também apresenta os seus modelos de “avósar” (que é o seu atributo designativo à forma de desempenhar o papel de avô/avó). O primeiro tipo de avós tem uma relação designada como remota (vêm os seus netos poucas vezes e têm pouca influência nas suas vidas). A distância não explica esta circunstância pois, segundo o autor, existem muitos avós que vivem perto dos seus netos e não estão emocionalmente envolvidos nas suas vidas. O segundo tipo de relação é a dos “mimo-dadores” (os avós reconhecem que a disciplina é responsabilidade dos pais, preferindo a função de fornecedores de mimo, nem sempre com critério). É neste contexto que se inserem momentos como o dos avós anteciparem os desejos dos netos, oferecendo presentes que ainda não foram sonhados. O terceiro tipo é o da relação envolvente (é frequente os avós viverem na mesma casa com os netos, havendo, constantemente, responsabilidades directas nos cuidados e educação dos mesmos). Poderá, no entanto, em certos casos, não haver essas responsabilidades mas os avós verem com frequência o neto, decorrendo desse envolvimento um vínculo muito forte com dependências relacionais inequívocas. Por fim, num quarto tipo de relação, os avós são fundamentalmente parceiros de brincadeira (os avós estão predominantemente envolvidos em parcerias de jogos e tempos livres, assumindo-se como companheiros preferenciais de actividades de prazer, sem outros grandes envolvimento na vida quotidiana).

Esta divisão não é rígida e há contextos intermédios em que cada avô ou avó se pode sentir situado. De qualquer modo, na maior parte das estatísticas, os “mimo-dadores” ocupam uma percentagem acima dos 50% mas haverá sempre que ter em atenção o controlo doutras variáveis, como a idade e o género. As avós têm maior tendência para ter

uma relação envolvente ou de “mimo-dadoras” mas, tanto num género como noutro, os avós com mais de 70 anos tendem a ter uma relação mais remota (em geral, estão associados factores de saúde) (Gomes-Pedro, 2006).

Pires (2010) também ressalta os papéis dos avós mais apreciados pelos netos, através da concepção de Kornhaber: o de historiador da família (estabelece a ponte entre os netos e o passado); o de professor (ensina o que sabe aos netos); o de mentor (estimula a ambição e a imaginação); o de estudante (aprende coisas novas conjuntamente com os netos); o de apoio natural; o de parceiro (assume o papel de secreto, mas inofensivo, conspirador); o de génio (satisfaz os desejos dos netos); o de herói (demonstra coragem e força); o de modelo (serve de exemplo a nível de atitudes, comportamentos e opiniões); o de feiticeiro (assume-se o contraponto mágico da realidade diária) e o de guia espiritual.

O assumir, por parte dos avós, de qualquer um dos estilos, funções e papéis supracitados, associa-se às características da personalidade, à relação que mantêm com os filhos, ao estado de saúde, à distância geográfica que os separa dos netos, à idade e ao género (Pires, 2010).

Para Dias e Silva (2003), é esperado que os avós sejam os principais agentes educadores das crianças, imediatamente após os pais, pela novidade que o papel representa e pela necessidade que os pais têm de recorrer aos seus próprios pais para cuidarem dos netos, enquanto trabalham ou realizam outras actividades. Hader *apud* Dias (2002), numa revisão bibliográfica que fez sobre a importância dos avós na vida familiar, concluiu que os avós percebem os netos como uma continuidade sua, a culpa sentida por alguns avós em relação aos filhos pode gerar atenção exagerada aos netos, os avós ajudam a diminuir as ansiedades infantis, as atitudes conflitantes entre pais e avós podem gerar comportamentos desajustados nos netos e, em alguns casos, a presença dos avós pode infantilizar os pais. É usual dizer-se que avós e netos se dão tão bem porque têm um inimigo em comum: os filhos/pais (Sousa, Figueiredo e Cerqueira, 2004). Na verdade e segundo as mesmas autoras, os avós encontram-se perante dois preceitos contraditórios: não interferir (manter fronteiras) na educação que os seus filhos dão aos netos e a obrigação de fazer tudo para ajudar os filhos e os netos.

Oliveira (2010) desdramatiza ao afirmar que a intervenção dos avós na educação dos netos, desde que tenham a competência mínima e não se sobreponham, contradigam ou critiquem os pais das crianças, mas antes colaborem generosamente segundo as linhas pedagógicas estabelecidas, é bastante positiva.



É comum os avós transformarem em orgulho, difusamente narrado entre os seus pares, as competências, os desempenhos e até algumas parecenças dos seus netos. Esta auto-estima projectada é, nos avós, uma extensão do seu próprio sentido de coerência, pois sabem-se influentes no seu papel de reservatório cultural, transmissores de uma herança que eles próprios edificaram e da qual se sentem guardiões (Gomes-Pedro, 2006).

Já os netos de hoje têm um presente e constroem o futuro, sendo uma audiência nova para as experiências dos avós: novos cronologicamente e, desta forma, com outra perspectiva sobre os acontecimentos, e novos porque os avós nunca partilharam essas vivências com eles, evitando ser repetitivos e obter mais atenção. No entanto, estes diferentes tempos sociais entre avós e netos acarretam, igualmente, desvantagens, sendo a mais notória centrada no facto de os netos poderem assumir que os avós vivem no passado e são retrógrados (Sousa, 2006).

Seefeldt, Warman, Jantz, e Galper *apud* Nunes (2009) concordam ao afirmar que as crianças que não tenham tido oportunidades suficientes para interagir com os seus avós terão maior probabilidade de desenvolverem estereótipos acerca destes e do seu processo de envelhecimento. Ferreira, Skubs e Brêtas (2007), na sua investigação, concluíram que os jovens têm pouca noção sobre o processo de envelhecimento, demonstrando que não se reconhecem como pessoas que vão envelhecer. Esta é uma concepção, segundo as autoras, que deve ser considerada e trabalhada pelos profissionais de saúde, para que os jovens assimilem que o envelhecimento é um processo que não começa apenas quando se completa 65 anos, e sim algo que se vai construindo ao longo da existência. Quanto mais as pessoas valorizarem isso, melhor poderão agir para modificar e incorporar hábitos, de maneira a envelhecer com qualidade.

Os netos são crianças, adolescentes ou jovens adultos que vivem num período de elevada competência física e construção da maturidade, sabendo que serão, um dia, idosos, apesar de isso se afigurar distante. Este encontro entre avós e netos pode constituir uma oportunidade para os netos desenvolverem atitudes positivas em relação à velhice e ao envelhecimento. No entanto, o contrário também é possível pois, se uma relação entre avós e netos estiver envolvida num clima de conflito e desentendimento, levará a que as imagens negativas da velhice ganhem relevo (Sousa, 2006).

Enquanto os avós já constituíram e criaram a sua família, os netos preparam a sua vida familiar e profissional e podem aprender bastante com a experiência dos avós, que lhes transmitem valores, princípios, comportamentos e atitudes perante a vida e a família (Sousa, 2006). Para o neto, o avô ou a avó são o reservatório permanente da confiança, que

ajuda à construção do seu sentido de pertença, valor hoje assumido como prioritário no desenvolvimento moral e na construção do sentido de família (Gomes-Pedro, 2006).

Tornar-se avô propicia uma reflexão e uma construção particular do que é assumir, realmente, esse papel. Embora os avós e os pais não sirvam como modelos perfeitos, são sempre um modelo de referência, mesmo ao desejarem ser pessoas diferentes (Kipper e Lopes, 2006).

De forma conclusiva e tal como afirmam Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004), os pais e os avós estão em diferentes fases do ciclo de vida individual e familiar, com exigências e tarefas próprias que implicam, entre outros aspectos, diferentes formas de estar face às crianças/jovens. Contrariamente ao papel parental, o dos avós, mais do que estabelecido por normas sociais e legais, é frequentemente construído em cada contexto familiar, o que permite explicar a grande variabilidade na forma como o papel é exercido.

## 2.1 VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM A RELAÇÃO AVÓS/NETOS

Muitas são as variáveis que influenciam o relacionamento entre avós e netos, como a idade, o género, a distância geográfica, o trabalho e saúde dos avós, o nível sócio educacional da família e a ocorrência de eventos disruptivos, nomeadamente separações, crises e doenças (Dias, 2002). De forma geral, vai depender de diferentes factores relacionados com o avô, o neto e a família (Bernal e Anuncibay, 2008).

De acordo com Tur e Olivares (2005), constata-se que, na relação com as avós, estas enfatizam mais os aspectos emocionais da relação com os netos, seguindo a tendência cultural em que a mulher tem um papel mais relevante no cuidar das crianças. Dutras (2008), na sua tese, concluiu que as avós consideram importante o amor incondicional, a dispensa de mimos e o apoio aos netos. A transmissão geracional é referida quanto ao ensinar, educar e comunicar e reconhecem a importância do seu papel na vida dos netos e na vida dos pais, no que se refere a aspectos como a ajuda instrumental, financeira, de aconselhamento e de favorecimento da parentalidade.

Outros estudos demonstram que os avós maternos desempenham, comumente, um papel mais significativo na vida dos netos, pois a frequência de contacto é superior entre estes e os netos. No caso do divórcio dos pais, os avós maternos assumem também maior suporte aos netos, uma vez que, maioritariamente, a regulação do poder paternal das crianças é confiado à mãe (Tur e Olivares, 2005).

A maioria dos estudos enfatiza que as relações avós/netos, com maior qualidade, são aquelas onde existe uma maior frequência de contacto, sendo que, com o crescimento dos netos, a relação torna-se mais distante (*Idem*).

Para Elder Jr. e Mueller *apud* Cardoso (2010), não são apenas factores como proximidade geográfica, educação, idade e género da díade que garantem um relacionamento bem-sucedido, uma vez que estas condições podem promover maior interacção, mas não garantem o significado e a forma do relacionamento. Deve-se considerar também o relacionamento dos avós com os seus filhos (pais das crianças) e com os seus próprios pais e avós.

Os avós que têm um bom relacionamento com os seus filhos adultos e com os cônjuges dos seus filhos terão maior probabilidade de desenvolverem uma relação gratificante com seus netos (Cardoso, 2010).

A proximidade geográfica facilita o contacto regular entre as gerações, o que é de extrema importância para a troca de apoio social e económico, bem como para manter a solidariedade familiar. Especificamente, argumenta-se que a residência conjunta entre avós e netos auxilia na promoção do contacto diário e na interacção, contribuindo para a manutenção de trocas afectivas e materiais entre as gerações. No entanto, os elevados níveis de mobilidade geográfica nas sociedades ocidentais e não-ocidentais reduziram, significativamente, as oportunidades de muitos avós viverem com os netos. Mas os avanços tecnológicos têm ajudado a reduzir o custo das comunicações e das viagens, tornando o contacto entre os membros da família menos dispendioso e mais acessível. Estes avanços têm auxiliado a minimizar os obstáculos, apresentados pela distância, de forma a manter e reforçar os elementos positivos das relações intergeracionais (Park *et al.*, 2006).

Mas, para Carmen e Neila (2008) a mobilidade social não permite que as pessoas convivam. Os avós não terão a oportunidade de acompanhar o crescimento dos netos, as suas conquistas quotidianas, os seus modos de ser, os seus gostos, os seus amigos. Esta impossibilidade de diálogo torna-se maior, quanto menos idade tiver o neto, pois enquanto pequeno, tem mais dificuldade em se expressar verbalmente. A distância geográfica limita a intimidade, prejudicando a comunicação.

À medida que os netos crescem, vão-se desenvolvendo e amadurecendo, adquirindo mais autonomia e responsabilidade pela continuidade da interacção com seus avós e outros membros da família. Desta forma, passam a decidir quando querem ver os seus avós, o que não acontecia antes da adolescência, quando as visitas eram sempre mediadas pelos pais.

A qualidade do relacionamento pode então ganhar ou perder relevância, pois o adolescente vivencia uma etapa da vida marcada por dúvidas e descobertas (Macedo, 2007).

Tendo em conta estas diversas influências de que as relações entre avós e netos podem ser alvo, irá averiguar-se, de seguida, como se constituem as relações, na realidade, bem como de que forma percebem os seus intervenientes, essa mesma relação. Também se falará dos benefícios e desvantagens que se depreendem.

## 2.2 RELAÇÃO AVÓS-NETOS

Actualmente assiste-se a uma maior convivência intergeracional que se traduz numa multiplicidade de benefícios para avós e netos. A relação entre avós e netos é, indiscutivelmente, para Sousa (2006), um espaço de encontro de gerações e pode ser conceptualizado com base no entrecruzar de três eixos temporais: tempo social (história da sociedade e da comunidade), tempo familiar (passagem pelas várias fases do ciclo de vida familiar) e tempo individual (aspectos do desenvolvimento individual).

Para os netos, os avós representam a possibilidade de viver uma relação educativa e afectiva diferente da dos progenitores: os avós têm mais tempo para brincar e passear, enquanto os pais têm pouco tempo, trabalham muito e chegam a casa cansados e chateados. Acresce o facto de os avós terem um potencial de imaginação e criatividade superior, devido à sua maturidade, experiência de vida e disponibilidade (Sousa, 2006).

Bernal e Anuncibay (2008) também acrescentam que os avós estão numa posição privilegiada para oferecer aos seus netos uma forma de amor incondicional que os pais, devido às suas responsabilidades, não podem proporcionar. Além deste facto, os avós funcionam como uma fonte familiar que une o passado, o presente e o futuro para as gerações jovens, dando um sentido de segurança, auxiliando no desenvolvimento do ego e oferecendo uma visão de futuro.

Kemp *apud* Veleza *et al.* (2006) declara que os netos costumam descrever a relação com os avós como um relacionamento de amor incondicional, respeito, amizade e confiança. Os jovens relatam que os avós são mais calmos e experientes que os pais, o que pode proporcionar um relacionamento mais intenso e menos conflituoso (Dias e Silva, 2003). Um estudo realizado por Dias e Silva (2003) revelou que o significado que os avós têm para os netos é o de “respeito”, de “sabedoria” e “experiência de vida”. A actividade que as netas mais realizam com os avós é “conversar”, enquanto os netos assinalaram, preferencialmente, “visitar.” Quanto à mediação dos pais, estes “facilitam” o contacto com

os avós. No que refere à influência, os netos investigados atribuíram importância emocional aos avós, garantindo que estes influenciavam na formação do carácter, nas características pessoais, serviam como apoio nos momentos difíceis e como exemplo de fidelidade conjugal.

Segundo Baranowski *apud* Dias (2002), o relacionamento com os avós não é simplesmente um encontro que satisfaz as necessidades da criança, mas que proporciona satisfação recíproca. Tal como sugerem Araújo e Dias (2002), também é pertinente considerar que, não obstante o ênfase esteja voltado, na maioria das vezes, para os benefícios que os avós podem trazer, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento dos seus netos, a influência é bilateral. Pode-se dizer, portanto, que a relação entre estas duas gerações é mutuamente importante.

Para os avós, este papel pode permitir-lhes o desenvolvimento e aumento do seu bem-estar, atenuando ou evitando o desânimo ou a desmoralização, resultantes de situações como a da perda do cônjuge, a entrada para a reforma, a perda do estatuto social e até a diminuição de rendimentos (António, 2009).

Ramos (2005) acrescenta que ser avô proporciona novas identidades, novos papéis e dá um sentido à vida. Para os avós é principalmente a realização de um sonho, sendo este laço sentido como a concretização do desejo de continuidade (sobreviver à morte através de recordações), oferecendo a possibilidade de exercer uma variedade de papéis e a oportunidade de interações significativas, permitindo, ainda, ver os próprios filhos serem pais (quando os filhos assumem o papel parental de forma percebida pelos avós como adequada, é com orgulho que sentem que foram bons pais), corrobora Sousa (2006).

Dias e Silva (1999), numa revisão da literatura sobre os avós, constataram que a maioria deles tem o seu relacionamento com os netos baseado em trocas expressivas, voluntárias e envolvido num clima de amizade.

No entanto, podem existir dificuldades e aspectos negativos decorrentes da relação. Um exemplo disso é o dos avós que cuidam e têm a seu encargo os netos. Num estudo realizado por Casper e Bryson (1998), que analisou as características sociais e económicas de avós que cuidavam dos netos (sendo que assumem o papel de pais) e dos netos que vivem com eles, concluiu-se que houve um aumento no número de avós que cuidavam dos netos desde 1990 e que os avós desfavorecidos que sustentavam a família estavam a crescer rapidamente. As autoras afirmam que existem muitos avós que estão a criar os netos (ou estão a ajudar a criar) em situações económicas difíceis. Além deste facto, muitos avós ainda estão a exercer as suas profissões e muitos mais podem ser

obrigados a arranjar um emprego, especialmente nas famílias sem pais presentes.

A convivência domiciliar entre avós e netos, segundo Lopes *et al. apud* Cardoso (2010) apresenta aspectos negativos para os idosos, pois existe uma queda na qualidade da saúde física e emocional, alterações na vida social e familiar, sobrecarga financeira e stresse.

Poehlmann *et al.* (2008) chamam à atenção, no estudo que realizaram, que os avós com sintomas depressivos mais elevados eram mais propensos a ter netos que incluíram relações de violência no seu contexto familiar. No entanto, a depressão nos avós não foi significativamente associada a relatos de problemas de comportamento das crianças.

Também Bernal e Anuncibay (2008), numa investigação em que exploraram, além de outros factores, as relações que os avós estabelecem com os netos, enfatizam as consequências negativas que ser cuidador pode trazer: os avós sentem-se isolados, sob o peso de deveres e responsabilidades e mostram sinais de stresse e depressão. Em termos globais, os avós gostam de cuidar dos netos, mas alguns sentem que estão a ser explorados, sendo esta a razão pela qual, para evitar sobrecarrega-los, seria importante oferecer-lhes a oportunidade de participar noutras actividades.

O diálogo entre os avós e netos pode ser dificultado pelas diferenças culturais e sociais: a rápida e radical mudança da nossa sociedade confronta o avô de hoje com o neto distraído pela TV, jogos, computadores e outros instrumentos que não lhe permitem compreender nem a utilidade, nem a função, pois tem uma concepção de vida, de bem e de mal, do certo e do errado diferente da dos filhos e da dos netos (Carmen e Neila, 2008).

Poderá também questionar-se sobre o que pode uma geração ensinar à outra e se serão só os avós quem transmite conhecimentos aos netos ou se os netos podem, também, ensinar algo aos avós. Fine e Norris *apud* Vicente e Sousa *in* Vicente (2010) identificam a “*transmissão intergeracional*” de atitudes, orientações e/ou comportamentos como uma das áreas de investigação mais proveitosas no domínio das relações intergeracionais, argumentando que não são fenómenos unidireccionais (das gerações mais idosas para as mais novas), mas bidireccionais (também das gerações mais jovens para as mais velhas).

Quer as gerações mais jovens, quer as mais velhas têm muito que ensinar e aprender, conjuntamente. No contexto relacional entre estes protagonistas, valores, crenças e atitudes podem ser revistas, repensadas e redignificadas, numa dimensão dialógica, em que elementos histórico-culturais e pessoais interagem de forma sistémica (Marangoni, 2007).

Desta forma, o encontro entre avós e netos apresenta-se como um terreno fértil para mudanças em concepções estereotipadas sobre o que é ser velho e o que é ser jovem, bem como contribui para a promoção de melhores condições de saúde, qualidade de vida e desenvolvimento para ambos (*Idem*).

Antes de surgir a instituição Escola, no período anterior à Idade Média, a transmissão do conhecimento, de uma geração à outra, era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos. As crianças aprendiam através do contacto diário na vida privada e profissional dos adultos, sendo que o exemplo e a obediência eram os valores fundamentais da família e da sociedade. Além da transmissão de valores, ainda é possível existir a troca de conhecimentos instrumentais entre as gerações. Exemplos destes conhecimentos instrumentais são: quando os avós ensinam, no dia-a-dia, como fazer determinada receita de um bolo, como curar determinada doença (fazendo um chá, por exemplo) ou como fazer uma limpeza correctamente (Schmidt, 2007). No entanto, e segundo Rodrigues (2008), as práticas realizadas pela geração dos avós já não é a mesma realizada pelos pais actuais, devido à evolução técnica. Em explorações agrícolas familiares, por exemplo, as práticas tradicionais tendem a ser utilizadas apenas em acções que sejam mais económicas, mas ao mesmo tempo com tecnologia mais moderna, tornando mais rápida e rentável a colheita.

Apesar de a transmissão de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens ser mais perceptível (uma vez que a educação dos mais idosos por pessoas jovens, além de não valorizada, passa, por vezes, despercebida) Ferrigno (2006) salienta que os netos podem transmitir alguns aspectos: as novas tecnologias (através do domínio no manuseio de aparelhos electrónicos e da linguagem digital) e novos valores mais ajustados ao tempo actual (a geração mais jovem também transmite aos idosos valores e conhecimentos do mundo contemporâneo, numa flexibilidade de comportamentos sociais, de acordo com os novos valores morais, resultando em perspectivas menos conservadoras em relação a assuntos polémicos, como o sexo e as substâncias aditivas). Schmidt (2007) corrobora ao afirmar que os netos transmitem aos avós os valores e conhecimentos do mundo actual, para que estes últimos tenham ideias mais modernas e se permitam ousar mais.

Por outro lado, os netos podem igualmente ensinar aos avós conhecimentos cognitivos. Os jovens costumam orientar os mais velhos no uso adequado dos meios de comunicação, como o telemóvel e como utilizar o aparelho de DVD, além dos conhecimentos relativos ao uso do computador. Mas isto não descarta a transmissão de conhecimentos instrumentais mais simples, como quando o neto ajuda a avó a somar as suas contas ou orienta em relação a qual o meio de transporte adequado para os avós se deslocarem a partes específicas (Schmidt, 2007).

Já os avós transferem valores como: a valorização da idade como sinónimo de experiência, a capacidade de dar importância às coisas significativas (como estar em convívio com a família), a desmistificação do envelhecimento como um processo unicamente patológico e o respeito pelo outro. Para estes valores se perpetuarem entre gerações e o legado cultural não se perder, tem de existir uma oportunidade de abertura e de interlocução intergeracional (Schmidt, 2007). Os avós podem também representar mais um apoio a quem os netos podem recorrer, para além dos pais, com vista à satisfação de necessidades tanto instrumentais como expressivas (António, 2009).

Na opinião de Ferrigno (2006), as pessoas mais velhas transmitem a memória cultural e valores éticos fundamentais, além de conhecimentos práticos e habilidades aplicadas ao quotidiano. Transmitem a sua história pessoal e a história da comunidade em redor, permitindo aos jovens conhecerem as suas origens e se enraizarem na sua própria cultura. Quando os jovens conhecem o seu passado, entendem melhor o presente e projectam o futuro de forma mais realista e promissora.

No estudo de Thang *et al.* (2011), os avós percebem e desempenham o seu papel de acordo com as expectativas sociais e culturais, de forma a providenciar ajuda no cuidado aos netos, transmitindo valores e tradições aos mais novos e servindo de ponte entre as diferentes capacidades da geração dos filhos e dos netos.

Assim, a educação tem um lugar de fundamental importância nas possibilidades e nos limites de se transmitir, de uma geração à outra, determinados modos de viver, de pensar, de sentir, de interpretar o mundo e as suas hierarquias (Tomikazi, 2010). A educação poderá desempenhar um papel privilegiado na construção da pessoa como um todo e das relações entre indivíduos, promovendo um entendimento elementar para um crescimento pessoal e social equilibrado (Marquês, 2009).

Baptista *in* Ramos (2012) salvaguarda que é neste ponto que entram os avós, figuras tutelares neste panorama de transmissão de património. As suas histórias de vida expressam não só o desenrolar das mudanças, mas atestam também a permanência de determinados padrões sociais e culturais que contribuem para a construção de uma identidade social. Fica, desta forma, a ideia de que as trajectórias de vida e a memória familiar são factores a ter em conta na construção da identidade social.

De acordo com Minuzzi (2007) é através dos relatos feitos pelos avós que a criança/jovem identifica aspectos familiares, quando forma uma ideia sobre um passado remoto e trava conhecimento com os valores de outras épocas que já não lhe parecem de todo estranhas. Os quadros sociais relatados para a criança/jovem fazem com que ela



tenha contacto com o passado, com a história vivida, que não é marcada por datas, mas pela corrente de pensamento e experiência. Ao contar a história da família, os avós transmitem a memória da sociedade e também aspectos afectivos e identitários. Como salientam Carmen e Neila (2008), através do avô, o neto pode descobrir as façanhas da infância dos pais e este conhecimento facilita a estruturação do seu SER infantil, pois é de extrema importância para a criança saber que os seus próprios pais, um dia, foram crianças e que não adquiriram o actual estado sem passar por uma dinâmica evolutiva que ela própria deverá, agora, também atravessar. Mas, e como alerta Macedo (2007), na relação com os netos, os avós, muitas vezes, transmitem aquilo que se sentiram em dívida para com os seus filhos e tentam, cada vez mais, acertar com os netos. O ideal era que fizessem isso sem invadir o papel dos pais.

O avô serve de estímulo à criatividade do neto, que através da contribuição da sua experiência, memória, motivação, linguagem, paciência e tempo, se enriquece na apropriação de um património transmitido e pessoalmente vivido. Esta troca cultural é também uma troca afectiva entre o avô e o neto que além de estimular a potencialidade intelectual e relacional de ambos, favorece a manutenção da memória histórica, permitindo a redescoberta de uma presença activa da pessoa mais velha na família (Carmen e Neila, 2008).

Em relação aos valores, há uma tendência de homogeneização destes nas diferentes gerações. Ou seja, ideais como o individualismo, solidariedade e responsabilidades são compartilhados pelas gerações, diferenciando-se, apenas, na forma como são apreendidos por jovens e idosos. Por exemplo, atributos como dinheiro, trabalho e educação são hoje incorporados pelos jovens de acordo com as suas prioridades, passando a ser associados à realização pessoal e social, enquanto que, para a população mais velha, tais atributos apresentavam, à época, carácter de necessidade e obrigatoriedade (Cardoso, 2010).

No convívio com os netos, os avós brincam, fazem ginástica, vêem filmes, conversam sobre produtos electrónicos e sobre vivências próprias da idade, aconselham os seus netos, trocam informações de todos os tipos e até aprendem juntos em universidades, em cursos técnicos ou línguas estrangeiras, ou seja, convivem e vivem juntos sem muitas limitações (Macedo, 2007). De acordo com Oliveira (2011), a aproximação das diferentes gerações deve ter em conta não só o factor cronológico, mas também os estilos de vida, os valores, a memória, entre outros carizes. Tur e Olivares (2005) acrescentam que a realização de actividades comuns entre avós e netos favorece o conhecimento mútuo e a criação de laços afectivos mais estáveis, daí que a construção de lares junto a creches e jardins-de-

infância seja uma forma de aproximar as gerações e de proporcionar aprendizagens bidireccionais.

Bernal e Anuncibay (2008) realizaram um estudo em que exploraram, além de outros factores, as relações que os avós estabelecem com os netos. Os resultados mostram que as actividades mais comuns dos avós para com os netos são: cuidar dos netos, explicar-lhes coisas, jogar, falar com eles ao telefone, contar-lhes histórias ou falar-lhes da História, verem televisão juntos, darem uma caminhada, ou irem busca-los à escola. Em relação à percepção que os avós têm desse relacionamento, os resultados parecem confirmar a visão tradicional de proporcionar ao neto a parte favorita da educação, que é diferente daquilo que os pais podem proporcionar.

Neste entrelaçar, a transmissão de saberes não é linear, uma vez que ambas as gerações detêm sabedorias distintas, o que possibilita que se dê origem a uma história em comum, a partir da experiência de cada elemento, funcionando como uma via dupla, pois as duas ensinam e aprendem (Oliveira, 2011). A comunicação intergeracional e a transmissão de saberes, apesar de diluída pela evolução social ao longo das gerações, pode perder-se em termos de acção, mas não de conhecimento (Rodrigues, 2008)

Carrapatoso (2009), num estudo em que planeou, implementou e integrou um programa intergeracional de actividade física, tentando compreender as acções e interacções sociais produzidas pelos avós e netos, com o intuito de lhes conferir significado, concluiu que as crianças participantes no programa construíram uma imagem social dos idosos ajustada à realidade e que sentem que podem ajudar as pessoas idosas, principalmente a um nível físico. Estas pessoas idosas mostraram que se sentiram mais alegres e activos, vivenciaram um regresso à sua juventude e adquiriram um conjunto de papéis sociais que são fundamentais para a construção de um sentido pleno da vivência do tempo de velhice.

De acordo com Dias (2002), apesar da importância reconhecida das relações intergeracionais, percebe-se que os avós ainda não são devidamente valorizados pela comunidade. A participação em grupos e actividades contribuiria para um melhor desempenho no papel, como também implicaria ganhos por parte das pessoas envolvidas com eles. Deste modo, a autora desafia os Enfermeiros a formarem grupos com avós que vivem situações semelhantes, como é o caso dos que educam os netos; realizem *workshops* ou grupos com avós de crianças com deficiências no sentido de habilitá-los a melhor lidar com elas e apoiar os pais; incrementem programas e cursos que capacitem os avós a desempenharem melhor o seu papel; apoiem a terapia com casais ou famílias, incentivando a participação dos avós, quando necessário; criem programas que incluam a participação dos idosos na comunidade e sensibilizem os mais novos para as dificuldades

inerentes ao processo do envelhecimento e para a incorporação de estilos de vida saudáveis, de modo a envelhecerem com qualidade.

Ferreira, Skubs e Brêtas (2007) acrescentam que a questão intergeracional deve ser abordada pelos enfermeiros, no cuidado aos idosos e à sua família. É que, se, por um lado, a relação entre os mesmos conduz a alguns conflitos, por outro, pode ser considerada como um processo de ajuda mútua, uma vez que as pessoas idosas não são apenas cuidadas e ajudadas pelos seus familiares mas também cuidam e ajudam os membros familiares mais jovens, possuindo uma sabedoria e experiência mais abrangente. Na mesma perspectiva, Rodrigues (2008) considera importante incluir os avós na educação para a saúde, realizada pelos profissionais de saúde, porque são os avós, muitas vezes, quem está mais tempo com as crianças.

Num ponto de vista político e social, Carmen e Neila (2008) afirmam que, para viabilizar a relação avô-neto na sociedade actual, em profundas mudanças, seria aconselhável que as pessoas deixassem de olhar o outro pelo binómio custo-benefício, com os óculos da economia e da racionalidade, substituindo pelo olhar do respeito, do amor e do sentimento. Seria também importante se se recuperasse o papel de educador dos avós, como ponte entre o passado e o presente, criando ocasiões de encontros de qualidade entre avós e netos. Os avós não substituirão os pais, mas complementam-se, fazendo, muitas vezes, o papel do irmão mais velho nas brincadeiras e no estudo (que através da sua experiência conduz a situações que ajudam o neto a crescer).

Por fim, era importante que se actualizasse a condição de avô, que tem o direito e o dever de cultivar-se como sujeito activo e criativo, que tem interesses, competências, motivações e que pode conquistar conhecimentos e participar em experiências culturais. O facto de ser avô, motivado pela assistência e educação ao neto, pode ser uma válida motivação a abrir-se à cultura, educando-se para viver com perspicácia, satisfação, sabedoria e criatividade cada fase da vida (Carmen e Neila, 2008).

## **PARTE II – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO**



## **CAPÍTULO I – OPÇÕES METODOLÓGICAS**

Em investigação, a natureza do fenómeno a estudar e as questões formuladas orientam a selecção da abordagem investigativa (Santos, 2009). Ao levantar-se a questão principal, outras questões surgirão, de forma adjacente e conduzirão a objectivos específicos. É a natureza do problema em estudo e as perguntas enunciadas que determinam também o método de recolha e análise de dados.

### **1. MATERIAL E MÉTODOS**

Muitos são os papéis atribuídos à pessoa idosa mas o papel de avó/avô é um dos mais presentes, na contemporaneidade, uma vez que com o aumento da esperança média de vida, os avós podem-no ser durante mais tempo. E, de acordo com Dias (2002), muitos são os factores que condicionam o relacionamento entre avós e netos, nomeadamente a distância geográfica, a idade, o género, a mediação dos pais, a situação laboral e de saúde dos avós, o nível socioeconómico da família e a ocorrência de eventos não esperados, como divórcios. Deste modo, aceder a esta experiencia é alargar o conhecimento da pessoa idosa e do envelhecimento, em si. Assim, com o presente estudo, pretende-se compreender como experienciam as pessoas idosas o seu papel como avô/avó.

Para Fortin (1999), a investigação começa sempre com um problema ou grupo de problemas preliminares. Deste modo, a questão central desta investigação é “Como vivenciam os avós a sua relação com os netos?”, a partir da qual se levantaram outras questões para ajudar a responder de forma mais pormenorizada aos desafios que se colocam. As questões de investigação são enunciados interrogativos concretos, escritos no presente e que incluem a população estudada (Fortin,1999). Para o presente estudo, elaboraram-se as seguintes questões:

- ✓ Qual o perfil da relação avós e netos?
- ✓ Que factores condicionam os avós no desempenho das actividades com os netos?
- ✓ Qual o significado que os avós atribuem à relação com os netos?
- ✓ Que aspectos positivos e negativos percebem os avós da sua relação com os netos?
- ✓ Como percebem os avós as mudanças ocorridas no ciclo familiar, ao longo do

tempo?

De acordo com as questões supracitadas e de forma a se conseguir aceder à experiência da pessoa idosa na sua vivência como avó/avô, é necessário definir objectivamente o que se pretende averiguar no decurso desta investigação. Fortin (1999) define o objectivo de um estudo como uma declaração que explicita a orientação da investigação, segundo o nível de conhecimentos estabelecidos no domínio em questão. Para dar resposta às questões de investigação enunciadas, definiram-se os seguintes objectivos específicos:

- ✓ Identificar os significados que os avós atribuem à sua relação com os netos;
- ✓ Identificar as actividades que os avós realizam em conjunto com os netos;
- ✓ Descrever o que é que os avós transmitem aos netos;
- ✓ Identificar, na óptica dos avós, o que é que os netos transmitem aos avós
- ✓ Analisar os factores que condicionam os avós no desempenho do seu papel

## 1.1 TIPO DE ESTUDO

De acordo com a questão de investigação inicialmente colocada, considerou-se pertinente a concretização de um estudo do tipo exploratório, qualitativo, através de uma abordagem de natureza fenomenográfica.

Sendo que esta pesquisa pretende compreender as percepções das pessoas idosas entrevistadas, valorizando as suas opiniões e interpretações acerca do fenómeno em estudo, optou-se por utilizar por uma abordagem fenomenográfica, dentro das várias abordagens que o método qualitativo alberga.

A investigação e os métodos de investigação nas ciências humanas possuem uma longa história de debates relativos às diferenças nas abordagens de pesquisas que capacitam para o entendimento do pensamento e das acções humanas, nas mais variadas e complexas situações (Sjostrom e Dahlgren, 2002).

O investigador que opta pelo método de investigação qualitativa preocupa-se com uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. Sem procurar controlar o fenómeno e o meio, ele observa-os, descreve-os, interpreta-os e aprecia-os tal como se apresentam. O propósito desta abordagem de investigação é descrever ou interpretar, mais do que avaliar (Fortin, 1999). De acordo com Streubert (2002), os investigadores qualitativos em vez de procurarem uma verdade, acreditam que os indivíduos participam

activamente nas acções sociais, através das quais conhecem e compreendem o fenómeno, de diversas formas. Sendo que as pessoas compreendem e vivem experiências diferentes, os investigadores qualitativos não subscrevem uma única verdade mas, em vez disso, muitas verdades.

Os investigadores qualitativos trabalham a descoberta através de variados modos de compreensão. Questionam sobre os fenómenos específicos e encontram um método ou uma abordagem própria para responder (Streubert, 2002).

A fenomenografia apresenta-se como uma abordagem empírica que tem como objectivo procurar a diversidade de formas sob as quais as pessoas vivenciam o mundo à sua volta (Marton & Booth, 1997). Sandberg (1997) acrescenta que a ideia geral da abordagem fenomenográfica é identificar e descrever as concepções individuais sobre algum aspecto da realidade, o mais fielmente possível, tendo em atenção que, nesta abordagem, o termo concepção remete para a forma de como as pessoas experienciam um aspecto específico da realidade.

A base epistemológica da fenomenografia assenta no facto de que os seres humanos diferem na forma como experienciam o mundo, embora essas diferenças possam ser descritas, comunicadas e percebidas pelos outros seres humanos. A fenomenografia assume-se ontologicamente não-dualista, uma vez que, a única realidade que pode ser transmitida, é o mundo tal como é vivenciado (Marton *apud* Sjostrom e Dahlgren, 2002). De acordo com Fernandes (2005), esta abordagem distingue-se de outras pois procura identificar aspectos similares e diferentes, na forma como se vivencia e se compreende o mundo circundante. E é exactamente o que se pretende com este estudo, perceber como as pessoas idosas vivenciam o seu papel de avós, tendo em atenção todas as experiências, por mais díspares ou consensuais que possam ser, valorizando todas.

## 1.2 CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo foi realizado no Centro de Dia do Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Almalaguês, em Coimbra e no Centro de Dia da Fundação Manuel Brandão, em Vila de Cucujães.

Almalaguês é uma freguesia pertencente ao concelho e distrito de Coimbra, com 22,68 quilómetros quadrados de área. Situada a sul de Coimbra, Almalaguês alberga, aproximadamente, 3500 habitantes, de acordo com os Censos de 2011, do Instituto Nacional de Estatística (Instituto Nacional de Estatística, 2011). O Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Almalaguês comporta as valências de Berçário, Infantário, Pré-



Escolar, ATL (Actividades de Tempo Livre), Centro de Dia e Apoio Domiciliário.

Já Vila de Cucujães é uma freguesia que pertence ao concelho de Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro e tem cerca de 11,73 quilómetros quadrados de área. É a segunda freguesia do concelho com maior número de habitantes (com cerca de 10705) e situa-se a noroeste de Oliveira de Azeméis (Instituto Nacional de Estatística, 2011). A Fundação Manuel Brandão é uma instituição de solidariedade social, sem fins lucrativos, e serve de apoio à terceira Idade através das suas três valências: Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário.

### **1.2.1 Participantes do Estudo**

A população é constituída por idosos inscritos no Centro de Dia do Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Almalaguês e por idosos do Centro de Dia da Fundação Manuel Brandão, Cucujães. Do Centro de Dia de Almalaguês, fazem parte vinte e oito utentes, seis do género masculino e os restantes vinte e dois do género feminino, com uma média de idades de 76,86 anos. Do centro de Dia da Fundação Manuel Brandão, fazem parte também vinte e oito utentes, três do género masculino e vinte e cinco do género feminino, com uma média de idades de 80,91 anos.

A amostragem foi realizada por selecção racional. A amostragem por selecção racional ou intencional permite seleccionar indivíduos que tenham um conhecimento específico de um determinado fenómeno, com o objectivo de partilhar esse conhecimento (Carpenter, 2002). A lógica desta amostragem está na selecção de casos ricos de informação para examinar em profundidade (Patton *apud* Carpenter, 2002).

Definiram-se, como critérios de inclusão no estudo:

- ✓ Pessoas idosas (com idade superior ou igual a 65 anos), que sejam avós;
- ✓ Pessoas que expressem vontade de participar no estudo;
- ✓ Frequência de contacto com os respectivos netos de, pelo menos, uma vez por semana;
- ✓ Pessoas que apresentem uma condição cognitiva que lhes permita descrever a experiência vivida. Esta condição foi avaliada através do Mini-Exame do Estado Mental, cuja pontuação média foi 26.

De acordo com Guerra (2006) as características da análise qualitativa não facilitam uma definição pré estabelecida do universo de análise pois a pesquisa qualitativa é muito maleável, o objecto evolui, os participantes em estudo podem sofrer alterações ao longo do percurso e é quase impossível definir uma amostra sem fazer referência ao processo

de construção do objecto. Inicialmente projectou-se que a população em estudo seria apenas a população do Centro de Dia de Almalaguês mas as experiências dos participantes em estudo não responderam totalmente às questões e objectivos inicialmente formulados. Desta forma, sentiu-se necessidade de alargar a população em estudo e, conseqüentemente, o número de participantes. A escolha do segundo local de colheita de dados (Centro de Dia da Fundação Manuel Brandão, em Vila de Cucujães) prendeu-se apenas com a proximidade geográfica do local de residência da investigadora principal, o que facilitava a colheita dos mesmos.

No decorrer do segundo momento de colheita de informação, percebeu-se, a determinada altura, que a informação estagnara, no que dizia respeito a dados novos e diferentes. Morse (2007) define que se dá, neste momento, a saturação dos dados, sendo que, a saturação diz respeito à repetição de informação descoberta e confirmação de dados colhidos. Streubert (2002) salienta que, no decorrer da investigação qualitativa, inerente à amostra, está a saturação Este facto significa, de acordo com a autora, que para a amostra ter significado, o investigador qualitativo procura a repetição e confirmação de dados previamente colhidos.

O total da amostra foi de 10 pessoas idosas, 8 do género feminino e 2 do género masculino. A média de idades foi de 84 anos.

### 1.3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Na investigação, as considerações éticas são e serão sempre de consideração crítica pois um estudo de investigação implica a responsabilidade pessoal e profissional de assegurar que o desenho dos estudos seja sólido do ponto de vista ético e moral (Carpenter, 2002).

Antes do início da colheita de informação, o projecto do estudo foi submetido à análise da Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E) da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e foi aprovado.

Posteriormente, foi enviado um documento ao Centro de Dia do Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Almalaguês e outro ao Centro de Dia da Fundação Manuel Brandão de Vila de Cucujães a pedir a devida autorização para a colheita de dados (Apêndice 1). Respeitou-se o período de funcionamento dos Centros de Dia, tendo em conta as datas e horas que as Directoras Técnicas recomendaram. Salvaguardou-se que nos dias indicados para a colheita de dados, não se colhesse dados durante as horas de refeições (deixando as pessoas idosas livres meia hora antes das mesmas), bem como a hora em que se rezava o Terço e se prestavam os cuidados de higiene e conforto. Tudo isto foi

discutido, previamente, numa reunião, com as respectivas Directoras Técnicas.

No que concerne ao formulário de consentimento informado é necessário dar aos entrevistados, numa linguagem compreensível, informações suficientes sobre o projecto de informação e em que consiste a sua participação, de modo a que possam decidir participar livremente e com pleno conhecimento (Fortin, 1999).

Na investigação qualitativa, de acordo com Carpenter (2002), o consentimento informado tem uma abordagem diferente, podendo ser referido como processo de consentimento informado, uma vez que se exige aos investigadores que reavaliem o consentimento informado dos participantes, em diversos pontos do processo. Foi por este motivo que se optou por reforçar, algumas vezes, a participação livre e esclarecida.

Hutchinson e Wilson (1994) ressaltam que o processo de consentimento informado permite fornecer maior protecção e liberdade de escolha aos participantes, sendo que estes são sempre livres de desistirem da entrevista a qualquer altura.

Com o processo do consentimento informado e a participação voluntária, apoia-se, segundo Carpenter (2002) o princípio da autonomia. Tem de se respeitar, de acordo com a mesma autora, o anonimato e a confidencialidade e tratar-se os participantes com respeito e dignidade, facto que se teve em conta neste trabalho.

Para a obtenção do consentimento informado dos participantes deste estudo, realizou-se, previamente, uma explicação da natureza e objectivos do estudo, lendo-se, conjuntamente com o participante, o documento onde se efectivava a participação livre e esclarecida, concluindo com a assinatura ou impressão digital do entrevistado (quando as pessoas idosas não sabiam escrever o nome) (Apêndice 2).

Foi ainda pedido o consentimento informado no início da gravação da entrevista, bem como foi pedida autorização para se gravar a mesma e salvaguardada a confidencialidade dos dados (como se pode verificar no guião da entrevista). Depois de cada questão, concedeu-se tempo à pessoa idosa para responder com calma e expor qualquer dúvida.

Procurou-se sempre, também, não prejudicar os participantes, ao respeitar as suas horas de actividades nos Centros de Dia e ao ter em atenção a vontade das pessoas idosas em falar sobre determinados assuntos durante as entrevistas. Carpenter (2002) afirma que não prejudicar os participantes relaciona-se com o princípio da não maleficência.

Os princípios de beneficência e justiça destinam-se, de acordo com Carpenter (2002), a assegurar a confidencialidade e o anonimato aos participantes. No entanto, em

investigação qualitativa e segundo as mesmas autoras, só a própria natureza da colheita de dados, inviabiliza o anonimato pois a interação investigador-participante, durante a entrevista (como é o caso deste estudo) permite ao investigador conhecer os participantes. Tendo este facto presente e de forma a garantir a confidencialidade, como se prometeu aos participantes, os registos áudio e escrito das entrevistas são apenas analisados pelos investigadores deste estudo, protegendo-se as fontes, substituindo os seus nomes pelas suas iniciais e guardando todo o material em local seguro e protegido. Aplicaram-se estas medidas a todos os participantes do estudo, sem excepção.

#### 1.4 RECOLHA DE INFORMAÇÃO

As entrevistas foram realizadas durante Dezembro de 2012, no Centro de Dia do Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Almalaguês, em Almalaguês, e Março de 2013, no Centro de Dia da Fundação Manuel Brandão, em Vila de Cucujães.

O processo de colheita de dados consiste em colher de forma sistemática a informação desejada junto dos participantes, com o auxílio dos instrumentos de medida seleccionados para esse fim (Fortin, 1999).

A técnica escolhida para a colheita de dados foi a entrevista semi-estruturada. A entrevista individual é a técnica de colheita de dados mais utilizada, pois centra-se nos diferentes pontos de vista de entender a realidade circundante e permite explorar mais profundamente a consciência, pois quer-se tornar explícito o que está implícito e atribuir uma denominação ao que está por denominar (Marton *apud* Sjostrom e Dahlgren, 2002).

A entrevista deve-se desenrolar como um diálogo, que facilite a denominação dos aspectos da vivência da pessoa, ainda não denominados, de modo a que a compreensão da experiência seja formada em conjunto entre entrevistador e entrevistado (*Idem*).

Para facilitar a abertura dos participantes e a consequente partilha de informações, deve-se entrevistar quando e onde for mais confortável para estes pois, desta forma, o participante mais facilmente revela a informação procurada (Carpenter, 2002). Assim, respeitou-se o tempo de cada participante e procurou-se o local mais reservado, perto da sala comum dos Centros de Dia, pois a maioria dos participantes tem dificuldade na deambulação.

Antes da entrevista em si, abordou-se cada participante, no sentido de sondar a possível participação, explicando-se o tema central em que a entrevista se ia focar. Carpenter

(2002) afirma que os investigadores devem contactar com os participantes antes da entrevista, com o objectivo de os preparar para o encontro real e para responderem a qualquer questão preliminar.

Fernandes (2005) sugere que a primeira pergunta deva ser genérica e dirigida a aspectos gerais do fenómeno.

Depois da caracterização da pessoa idosa e dos seus netos, normalmente questões fáceis de responder e gerais, por serem de identificação, optou-se por pedir que o entrevistado falasse da sua relação com os netos e respondesse a mais algumas questões directas (Apêndice 3). Para Marton *apud* Sjostrom e Dahlgren (2002) pode usar-se o silêncio e as questões abertas que encorajem o prosseguimento da conversa, iniciando-se com o pronome “O que” em detrimento do “Porquê”.

Apesar do guião pré-estruturado, agiu-se como recomenda Carpenter (2002): ajudar o entrevistado a descrever a sua experiência sem liderar a conversa. Fortin (1999, pág. 248) corrobora ao ressaltar que: “as questões abertas têm a vantagem de estimular o pensamento livre e de favorecer a exploração em profundidade da resposta do participante”.

As entrevistas foram gravadas em aparelho mp4 e, posteriormente, transferidas para um computador. Foram-se anotando alguns aspectos, nomeadamente as expressões faciais dos entrevistados, de forma a complementar o conteúdo da entrevista pois, de acordo com Hutchinson e Wilson (2007), as entrevistas fornecem fóruns para a troca de informação verbal e não-verbal.

O tempo máximo de duração de uma entrevista foi de 35,47 minutos e o mínimo de 10,38 minutos. Cada entrevista teve em média, 19,88 minutos de duração. De acordo com Guerra (2006), as entrevistas podem ter um tempo muito variável, dependendo do tempo de pesquisa.

## 1.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO

As entrevistas gravadas em mp4 foram enviadas para o computador. Ouviu-se uma primeira vez a totalidade da entrevista, para se ficar com uma ideia geral do que foi dito. De seguida, transcreveram-se as entrevistas para uma folha do programa Word, na íntegra. Confrontou-se o registo áudio com o registo escrito, onde foram apontadas as ideias gerais e as expressões corporais, de forma a complementar o conteúdo da entrevista. Por último, voltou-se a ouvir a entrevista, ao mesmo tempo que se leu o

conteúdo transcrito, de maneira a colmatar possíveis omissões.

Esta transcrição é anónima e, como sugerem Hutchinson e Wilson (2007), um número de código ou nome diferente de ser atribuído a cada participante, de modo a salvaguardar a confidencialidade. As transcrições das entrevistas e os ficheiros áudio devem estar guardados num ficheiro privado.

No caso específico foi atribuída a letra inicial “E”, derivada de “entrevistado” em maiúscula, a cada participante, e um número. Este número foi escolhido de forma aleatória, tendo-se atribuído um número, a começar em 1 e terminar em 10 (foram dez entrevistas), a cada entrevista. As transcrições das entrevistas e os ficheiros áudio estão guardados numa pasta oculta, com palavra-passe, de forma a não violar a confidencialidade dos dados.

### **1.5.1 Análise da Informação**

A análise da informação é uma fase do processo indutivo de investigação que está estritamente relacionada ao processo de escolha dos participantes e às diligências para a colheita de informação. Logo que esta última seja realizada, há, em todas as abordagens qualitativas, uma fase preliminar, que se denomina por organização dos dados. No caso específico das entrevistas, acontece ao transcrever-se o conteúdo das mesmas (verbatim) (Fortin, 1999).

Após se transcrever cada entrevista, fez-se uma leitura da mesma, de forma a verificar a coerência. Por fim, procedeu-se à audição da entrevista, paralelamente à leitura exaustiva da mesma, de modo a comparar e verificar se estava tudo transcrito. Marton (1994) salienta que, depois da transcrição e leitura das entrevistas, o investigador deve afastar as suas ideias preconcebidas, focando-se nos aspectos similares e diferentes em que o fenómeno se apresenta aos participantes.

O processo de análise de informação consiste em retirar do texto o sentido dos dados, conduzindo a análises diferentes. Neste processo é aprofundado o entendimento dos dados e atribuído um significado mais amplo aos mesmos (Creswell, 2007). Streubert (2002) alerta ainda que, durante o período de vivência em comum com os dados, os investigadores questionam todas as conclusões prévias, de modo a esclarecer o que descobriram no todo, sendo que, normalmente, este período é longo.

De acordo com Marton (1994), os dados das entrevistas individuais são indivisíveis e são o todo a ser analisado. Estes dados são, habitualmente, em grande quantidade e necessitam de ser organizados.

Tendo em conta que a fenomenografia permite padronizar e conceptualizar a informação, foram seguidas as etapas sugeridas por Marton (Fernandes, 2005) para organizar os dados. O autor aponta como primeira etapa a redução dos dados, seleccionando-se o que é imediatamente relevante para a investigação, de acordo com a vivência do fenómeno em estudo.

Também Miles e Huberman (1994) apontam a redução dos dados como o primeiro procedimento de uma análise qualitativa. Este procedimento refere-se ao processo de selecção, focagem, simplificação, abstracção e transformação dos dados, através de sistemas de codificação e categorização.

Na segunda etapa verificam-se os diferentes fenómenos tratados nas entrevistas (Marton *apud* Fernandes, 2005). Miles e Huberman (1994) fazem uma analogia ao referirem que é nesta fase que se organiza a informação em matrizes, gráficos e/ou tabelas, no sentido de otimizar o tempo e torna-la mais acessível e fácil de consultar.

Na terceira etapa distingue-se as várias maneiras de compreender o fenómeno, através das semelhanças e das disparidades entre cada relato. Após esta etapa, as declarações particulares são confrontadas com dois contextos: um deriva do que todos os participantes afirmaram sobre a mesma coisa e o outro é o que cada participante disse de diferente de outros assuntos. Depois de as citações estarem agrupadas, deve-se diferenciar quais os atributos críticos de cada grupo, de modo a se criarem categorias (Marton *apud* Fernandes, 2005).

As categorias são descrições do significado comum dos significados de fenómenos agrupados, baseadas em comparações e agrupamentos de dados, representado a forma de expressão das concepções (Svensson, 1997; Barnard, McCosker e Gerber, 1999). As categorias expressam as concepções do objecto de estudo dentro do contexto da realidade retratada pelos entrevistados, significando também uma redução de dados para uma forma limitada e rica (Sjostrom e Dahlgren, 2002).

De acordo com Marton *apud* Fernandes (2005) é necessário encontrar relações lógicas entre categorias, devendo estas ser hierarquizadas de acordo com um critério adequado.

Após as etapas supracitadas, em que foram focados todos os aspectos e opiniões individuais das entrevistas, procurando sempre rejeitar os preconceitos que fossem surgindo, procedeu-se à exploração do material, onde se definiram as dimensões, as categorias e subcategorias, suportadas pelas unidades de significado (as expressões transcritas das entrevistas que, de certo modo, justificam o enquadramento e atribuição de categorias). Esta é uma etapa importante, segundo Bardin (2013), uma vez que vai

possibilitar ou não a riqueza das interpretações.

Esta organização de categorias é denominada como “espaço de resultados” e esta ordem de tratar os dados não tem de ser linear pois muitos passos podem ser simultâneos (Fernandes, 2005). O mesmo autor sublinha este é um momento caótico pois, para discutir tudo de forma sistemática e rigorosa, é imperioso que se tenha uma compreensão tão profunda quanto possível do que foi dito e do seu significado.

Na identificação das categorias e subcategorias foram considerados os critérios de exaustividade, exclusividade, pertinência e objectividade.

No decorrer deste estudo, após a atribuição de categorias e após a interpretação dos dados, houve a necessidade de se fundamentar alguns pareceres com bibliografia, de forma a complementar e comparar os resultados obtidos, corroborando-os ou não com outros dados de outras pesquisas.

### **1.5.2 Processo de Triangulação**

De acordo com Fortin (1999), o investigador qualitativo deve preocupar-se com a qualidade dos seus dados e proceder de modo a que estes reflectam o estado actual das experiências humanas. Diversas estratégias foram exploradas para aumentar a fiabilidade dos dados e das conclusões. Uma dessas estratégias é a triangulação. Esta define-se como o “emprego de uma combinação de métodos e perspectivas que permitem tirar conclusões válidas a propósito de um mesmo fenómeno” (Fortin, 1999, p. 322).

A triangulação contribui, desta forma, para a verificação e validação da análise qualitativa, através do controlo externo da consistência dos achados gerados pelos diferentes métodos de colheita de dados ou o controlo externo da consistência de diferentes fontes de dados com o mesmo método (Burns, 2000).

De acordo com Jenks (2002), os investigadores podem utilizar a triangulação de dados, triangulação metodológica, triangulação de investigadores e triangulação de teorias. Podem também combinar estes quatro tipos de triangulação.

Ao se utilizar a triangulação de dados, inclui-se mais do que uma fonte de dados numa única investigação. A triangulação do método diz respeito a quando os investigadores incorporam dois ou mais métodos de investigação numa única investigação, sendo que a triangulação pode ocorrer ao nível do desenho ou da colheita de dados. A triangulação de investigadores acontece quando dois ou mais investigadores com diferentes passados e perícias trabalham juntos no mesmo estudo. Estes investigadores necessitam de estar



implicados ao longo de todo o estudo de forma a poderem comparar e neutralizar os vieses de cada um (Jenks, 2002). A triangulação de teorias inclui mais do que uma perspectiva ou teoria na análise de um conjunto de dados (Duffy *apud* Jenks, 2002).

No caso do presente estudo, a triangulação possível é a de investigadores, uma vez que existe uma sinergia de esforços e conhecimentos de cada investigador e todos estão a trabalhar conjuntamente e integralmente no estudo.

## **CAPITULO II – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Neste capítulo são expostos os resultados do estudo que incidiu sobre o papel dos avós e a sua importância na educação dos netos. São caracterizados os participantes do estudo relativamente às condições sociodemográficas, ao número e média de idades dos netos e à frequência de contacto com os mesmos. Seguidamente serão apresentados e discutidos os resultados. A leitura exaustiva das transcrições literais das entrevistas efectuadas conduziu à atribuição de categorias que, ao serem analisadas e interpretadas, foram agrupadas em dimensões. Estas dimensões foram atribuídas baseando-se nos objectivos do estudo em questão. Recorreu-se a ilustrações que condensam as categorias e subcategorias e lhes dão mais visibilidade,

Através das entrevistas, surgiram duas dimensões de categorização dos dados: percepção da relação avós-netos, na perspectiva dos avós, e factores que condicionam os avós no desempenho do seu papel.

Seguidamente apresentar-se-á cada dimensão, tendo em conta os dados referentes a cada categoria e subcategoria e conseqüente análise. Salienta-se que se complementarão aquilo que os avós entrevistados verbalizam em relação aos netos, com a percepção da relação que os participantes tiveram com os seus próprios avós, espelhando-se as diferenças nas relações familiares e no quotidiano que os avós experimentam, actualmente, em relação ao seu tempo de netos.

### **1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA**

A caracterização da amostra realiza-se tendo em conta o género, idade e estado civil dos avós; coabitação e frequência dos mesmos com os seus netos e o número de netos e a sua média de idades por cada participante (Quadro 1).

<u>Participantes</u>	<u>Género</u>	<u>Idade</u>	<u>Estado Civil</u>	<u>Com quem vive</u>	<u>Frequência de Contacto</u>	<u>Nº de netos</u>	<u>Média idade netos</u>
<b>E1</b>	Feminino	79	Viúva	Sozinha	Uma vez por semana	2	16
<b>E2</b>	Masculino	84	Viúvo	Sozinho	Fim-de-semana	6	21,167
<b>E3</b>	Masculino	74	Casado	Esposa	Fim-de-semana	6	-
<b>E4</b>	Feminino	93	Viúva	Sozinha	Uma vez por semana	3	-
<b>E5</b>	Feminino	76	Viúva	Sozinha	Fim-de-semana	3	21,667
<b>E6</b>	Feminino	96	Viúva	Filha	Uma vez por semana	5	-
<b>E7</b>	Feminino	88	Viúva	Sozinha	Fim-de-semana	2	41
<b>E8</b>	Feminino	84	Viúva	Filha	Diariamente	8	23
<b>E9</b>	Feminino	77	Viúva	Filha	Diariamente	6	21,167
<b>E10</b>	Feminino	89	Viúva	Filha	Diariamente	5	-

Quadro 1: Caracterização da amostra

No que concerne ao género, idade e estado civil dos avós, conclui-se que a média de idades dos avós é de 84 anos, sendo que 20% da amostra é do género masculino e 80% do género feminino. Dos dez avós entrevistados, apenas um é casado, sendo os restantes viúvos. Destaca-se que é exactamente o participante mais jovem que é casado.

Em relação à coabitação, cinco dos participantes em estudo (50%) vivem sozinhos e os restantes cinco (50%) vivem acompanhados (um vive com a esposa e quatro vivem com os filhos). Esta amostra, ainda que pequena, vai de encontro aos resultados dos últimos Censos de 2011, que revelaram que em Portugal, cerca de 60% da população idosa vive só (400 964 pessoas idosas) ou em companhia exclusiva de pessoas também idosas (804 577 pessoas idosas) (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

Também o facto de as quatro pessoas idosas viverem com os filhos é um dado relevante já que a família é a fonte de apoio informal mais presente para a população idosa.

No que respeita à frequência de contacto, quatro participantes (40%) estão com os netos ao fim-de-semana, três (30%) estão um dia por semana e três (30%) estão diariamente. Nenhuma pessoa idosa coabita com os netos. Dos três participantes que estão diariamente com os netos, averigua-se que são pessoas que vivem com os (as) filhos (as) (pais dos netos), o que sugere que a periodicidade de contacto com os netos seja maior e seja potenciada pela proximidade aos pais e/ou pelo não isolamento das pessoas idosas.

Cada participante tem, em média entre quatro a cinco netos, com uma média de idades de vinte e cinco anos. Ressalva-se que três dos participantes não sabem ao certo a idade dos netos, pelo que não foram consideradas as suas aproximações.

## 2. PERCEPÇÃO DA RELAÇÃO AVÓS-NETOS, NA PERSPECTIVA DOS AVÓS

A primeira dimensão caracteriza a forma como os avós percebem a sua relação com os seus netos, ou seja, de que modo descrevem essa mesma interacção, tendo surgido três categorias. A primeira aborda o Apoio e as subcategorias enunciadas são: Apoio afectivo e Apoio Instrumental. A segunda categoria aborda o Lazer e diz respeito às actividades que os avós partilham com os seus netos. As subcategorias associadas são: Socializar e Actividades lúdicas. A terceira categoria engloba a Transmissão de valores/saberes e nomeia os conhecimentos que os avós transmitiram aos seus netos e os conhecimentos que os netos passaram aos avós, depreendendo-se três subcategorias (Valores, Saberes socioculturais e Saberes académicos) (Ilustração 1).



Ilustração 1: Representação da Dimensão Percepção da relação avós-netos, na perspectiva dos avós, e suas categorias

### 2.1 - APOIO

A relação entre os participantes e os seus netos pauta-se pelo apoio, muitas vezes mútuo, que se subdivide em **apoio afectivo** e **apoio instrumental** (Ilustração 2).

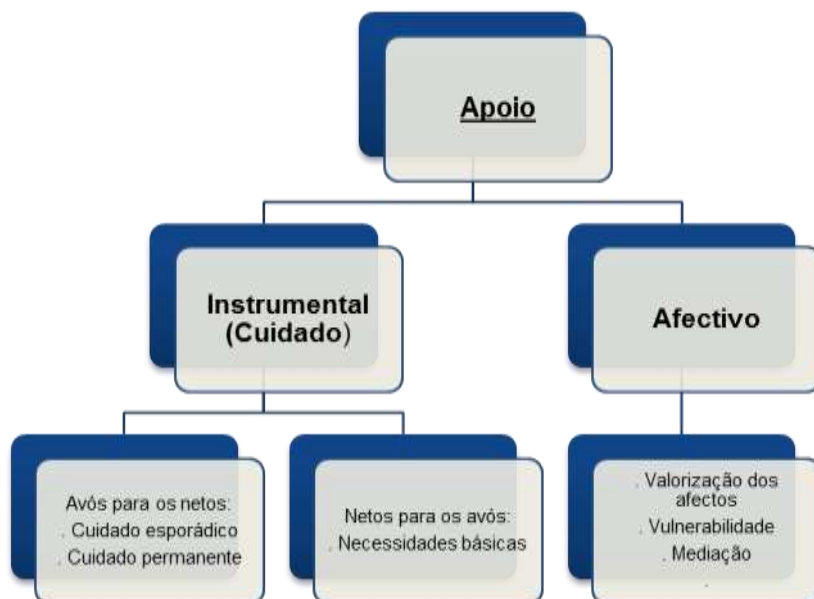


Ilustração 2: Representação da Categoria Apoio e suas subcategorias

### 2.1.1 Apoio afectivo

O **apoio afectivo** remete para a **valorização dos afectos**, consolidando-se sentimentos positivos como o carinho e a tolerância; para a **vulnerabilidade**, imperando sentimentos mais obscuros e que causam transtorno emocional, como a tristeza, e para a **mediação**, que envolve os avós como conciliadores da relação.

A **valorização dos afectos** é um dos pilares em que a relação avô e neto se baseia, tal como é expressado por vários participantes e transparece no discurso dos mesmos como uma relação biunívoca:

*“É a fraternidade! Quando eles vêm, estou consolada. Quando eles me telefonam [hesita] pronto. Sinto-me bem” (E1)*

*“Enquanto eu vivo for, ainda quero um bocadinho de carinho deles e eu dar-lhes um bocadinho de carinho. Eu gosto muito de dar carinho” (E2)*

*“Eles [netos] querem-me bem. Eles vêm muito bem, gostam muito de mim e eu gosto deles.” (E10)*

Schmidt (2007) realizou um estudo com o objectivo de compreender como se constitui a relação entre adolescentes, na condição de netos, e os seus respectivos avós, e concluiu que o respeito, o afecto e a demonstração de carinho estão presentes na relação intergeracional, conforme os relatos dos avós. Mais especificamente as avós, sabem que é pela afectividade que mantém a família unida e é esse um dos objectivos das suas vidas. A autora sublinha, ainda, que a afectividade é uma condição fundamental para o convívio e a troca nas relações entre os netos e avós.

Também Macedo (2007), ao analisar o processo de transmissão, entre avós e netos, de valores culturais e familiares, averiguou que, no que refere ao significado que os avós atribuem aos netos, prevaleceram frases como: "são os meus segundos filhos e amor". Esta frase é semelhante à que um participante do presente escrito verbalizou: "*O amor foi dividido.*" (E2).

A mesma autora supracitada constatou que o significado predominante foi considerar os netos como segundos filhos, o que confirma os dados obtidos por Silva e Dias (1999), revelando que as avós valorizaram os aspectos emocionais e também instrumentais da relação.

Ao longo dos relatos dos avós, tornou-se evidente que, mesmo que os tempos de antigamente tenham sido mais duros e impossibilitassem uma relação mais enraizada entre os avós e netos, o afecto esteve presente:

*"A gente ia à nossa avó do lado da minha mãe, a gente beijava-a, consumia-a. Gostávamos de a consumir. Ela ia lá sempre tomar o cafezito."* (E6)

No entanto, existem diferenças na relação entre os participantes e os seus netos e a relação que estes participantes tinham com os respectivos avós. Um participante afirma que antes: "*...Havia mais carinho, mais amor.*" (E4).

Mesmo assim, os netos, hoje, não necessitam de viver relações amorosas às escondidas da família, como noutros tempos:

*"...Antigamente era tudo proibido. E agora não, agora é uma coisa bonita, uma coisa querida..."* (E5)

Minuzzi (2007) analisou, através da memória dos idosos e da memória literária, as manifestações culturais presentes no vínculo entre avós e netos. Nesse estudo, os idosos entrevistados expressaram a importância dos avós enquanto agentes culturais e relacionaram o vínculo que tinham com os seus avós com o que estabelecem hoje com os seus netos. Para estas pessoas idosas, é no partilhar tempo juntos que os netos são inseridos na dimensão da tradição, da identidade familiar, dos hábitos, crenças, fazeres, modos de ser, pensar e sentir.

No passado, a convivência dava-se na participação das actividades diárias e na inserção do neto no espaço dos avós; hoje, os idosos falam da convivência com os netos através da brincadeira: os avós são inseridos no espaço infantil e modificam o seu próprio espaço para os netos. Outra mudança foram as formas de exercício do papel protector e provedor dos avós. Estes continuam a ser o alicerce da família nas horas de necessidade, no

entanto, hoje, não garantem só as necessidades básicas, sendo provedores de maior conforto, brinquedos, cursos e outras formas de agradar aos netos (Minuzzi, 2007).

Vários estudos têm revelado o importante papel que cumprem as pessoas idosas junto dos seus filhos e netos, sendo que esta contribuição extrapola a dimensão económica e abrange outros domínios importantes, como o doméstico e o afectivo. As pessoas idosas continuam obrigadas aos encargos familiares primários (como o lavar, limpar, engomar roupa, cozinhar), exercem o papel de acompanhantes e motoristas (transportando os netos entre as actividades diárias fora de casa) e aconselham e orientam em situações pontuais (Alencar, 2012).

A mesma autora defende que estas situações nem sempre contam com a concordância prévia das pessoas idosas pois, muitas vezes, elas não são consultadas. No estudo de Wegner e Benitez (2013), as pessoas idosas declararam gostar de cuidar dos netos apenas por um período de tempo específico. Acontece-lhes, muitas vezes, sentirem-se exploradas pois acabam por cuidar dos netos de forma integral, deixando em segundo plano, portanto, as suas próprias actividades e rotinas.

A opinião de um idoso também é relevante:

*“Por vezes, fico triste de ouvir um jovem dizer: “O meu pai é que tem obrigações!” Não. Eles também têm obrigações. É isso que devemos de pôr a um jovem, a obrigação que terão sempre de ter com os pais ou com os avós.” (E4)*

Assiste-se, presentemente, à insatisfação de muitas crianças e jovens que percepcionam as famílias como uma organização que lhes atenda todos os caprichos. Na realidade, apesar de a família ter o dever de os apoiar, as crianças e jovens também não são isentos de deveres e o respeito para com os seus antecessores deve estar sempre presente.

Associado ao afecto, surgem outros sentimentos positivos que revestem a relação dos participantes com os seus netos. O orgulho é um exemplo:

*“O que anda a estudar para enfermeiro, eu tenho orgulho em que ande a estudar. Tenho orgulho!” (E2)*

Também o encorajamento, como forma de estímulo para enfrentar situações específicas, assoma, no discurso dos avós, como uma importante base da relação com os seus netos. Esta característica é também bidireccional, pois ambas as gerações se encorajam mutuamente:

“Então como andas?” Olha, ando manco. Ando muito mal. “Ande lá. Veja lá! Ganhe coragem! E toca a andar”. É claro, eles sabem como eu estou e eles dizem: “coragem!”. E encorajam-me!” (E2 a ser encorajado pelos netos)

“Vale mais dizer: “Filhinhos ganhem coragem que a vida agora está má mas pode melhorar!”” (E5 a encorajar os netos)

Outro dos significados que os avós entrevistados atribuem à sua relação com os netos é o prazer que retiram da mesma:

“Acho que não deve haver prazer melhor com um neto, do que ir almoçar junto com ele, e já a casa dele!” (E2)

O respeito é referido como uma característica da relação entre os avós e netos, quer dos netos para com os avós, quer dos avós em relação aos netos:

“Dão-me o lugar da frente e eu fico toda contente.” (E5)

“Todos eles [netos] me respeitam muito bem e eu também os respeito a eles.” (E10)

Este dado corrobora o que Paula *et al.* (2011) descobriram no seu estudo: os idosos esclarecem que se sentem respeitados pelos seus netos, embora sem capacidade de autoridade.

A tolerância é apontada pelos avós como um dos alicerces da relação com os netos, no sentido da condescendência em relação às suas escolhas, muitas vezes típicas da juventude:

“...Não sou capaz de os forçar a nada porque eu tenho o meu meio de estar e gostar das pessoas e se elas não tiverem ideias certas [...], temos de olhar que não somos todos iguais, não é?” e E10 não gosta que: “eles [netos] andem por lá [discotecas]. Mas é a mocidade!” (E5)

De acordo com Minuzzi (2007) os avós são representantes da história da família, de apoio e amor. Os avós são, deste modo, os principais agentes socializadores da criança após os pais e, junto com estes, formam o grupo primordial do indivíduo, influenciando directamente nos aspectos identitários.

Assim, se os avós são também agentes socializadores e conseguem mostrar-se tolerantes para com as escolhas dos netos, torna-se mais provável que as gerações vindouras sejam mais tolerantes entre si e com as gerações que as antecedem.

Uma participante referiu que o neto se maravilhava com o papel que a avó teve na sua vida, admirando-a: “Foi criado comigo e dizia-me: “Oh avó, tu foste sublime para mim!”.” (E4).



A admiração também é, assim, um sentimento positivo que emerge da relação dos participantes com os respectivos netos.

Cunha e Matos (2010) concluíram, relativamente às crenças dos adolescentes sobre as pessoas idosas, que as crenças negativas sobre os idosos são escassas, e que os participantes pontuam primariamente a dimensão amigabilidade (exemplo: bondosos, simpáticos, generosos, atenciosos, honestos, solidários, amigos, carinhosos, maduros e conselheiros) e, só depois, são considerados os itens “resmungões”, “melgas”, “teimosos”, “zangados”, “inseguros” e “críticos”.

De acordo com Grazina e Sousa (2012), a pessoa idosa é normalmente olhada como alguém doente, incapaz, improdutivo, tornando-se dependente da família e, de uma forma mais abrangente, da comunidade em geral. Vieira (2010) salienta que a discriminação de pessoas baseada na idade designa-se por idadismo ([idade + (rac)ismo]), termo que provém de “*ageism*”, o qual apareceu pela primeira vez na língua inglesa, em 1969.

As melhores relações com os avós, na opinião de Cunha e Matos (2010), estão associadas a crenças mais positivas relativamente aos mais velhos. Assim, é provável que os netos que consigam admirar genuinamente os seus avós estejam mais disponíveis para olhar o envelhecimento de forma mais positiva e com menos preconceitos. Também Ralha e Barbosa (2013) confirmam esta visão, no estudo que procurou explorar as representações pessoais e sociais da velhice e do envelhecimento e as mudanças a eles inerentes. As autoras identificam estratégias, estruturas e recursos que podem contribuir para uma adaptação bem-sucedida à velhice e ao envelhecimento, sendo evidenciado que o diálogo intergeracional é uma necessidade para a construção de uma velhice saudável.

Vieira (2010) acrescenta que a socialização é um dos processos através do qual os conceitos sobre o envelhecimento são percebidos pela criança durante o seu crescimento e desenvolvimento. Por este motivo, a aprendizagem social é muitas vezes considerada um dos mais fortes determinantes de estereótipos e preconceitos contra os grupos estigmatizados, como os idosos.

É também possível que o apoio dado aos avós, por parte de netos que os admirem, seja mais significativo e constante, como forma de retribuir o que se recebeu de cuidados e afectos no passado.

A **vulnerabilidade**, subcategoria do apoio afectivo, parte da premissa que a relação entre avós e netos pode ser influenciada por sentimentos negativos ou causadores de

angústia, o que pode inviabilizar uma conexão segura e positiva e tornar a relação frágil. Desta forma, a relação entre alguns entrevistados e os seus netos também comporta vulnerabilidades, que podem ser passageiras ou permanentes.

A tristeza surge no discurso de dois participantes devido a dois factores: distância dos netos e morte de um neto:

*“Por isso eu tenho, ao mesmo tempo, inveja de algumas avós, por estarem com os netos e eu não [esboça uma face triste]” (E1)*

*“...O meu neto foi para o P., a morrer. Nas últimas. Vieram busca-lo e ele passou-me assim os olhos, caíam-nos as lágrimas e ele foi. Foi mas só durou um dia, lá.” (E6)*

O facto de um participante estar afastado dos seus netos é um forte motivo para não permitir que a relação entre as duas gerações cresça e se fortifique. Na ausência de contacto, podem perder-se oportunidades únicas para partilhas e aprendizagens mútuas. Além destes factos, o papel de avô fica comprometido e isso pode revelar-se prejudicial para o desenvolvimento de outros papéis da pessoa idosa, pois esta traz consigo uma mágoa constante, podendo não a deixar retirar prazer desses outros papéis.

Já a morte de um neto não é abordada na literatura. Não existem estudos sobre o impacto da perda de um neto para um avô. No entanto, e apesar de o esperado ser os avós a falecerem primeiro, existem inúmeros casos de avós que perdem os seus netos. A perda tatua-se em todos os pensamentos e a dor inerente permanece inesquecível e isto foi visível no relato do participante E6, cuja entrevista se pautou muito por desabafos neste âmbito.

De acordo com Pimentel (2004) existem diversos acontecimentos que marcam o percurso de vida da pessoa e que são determinantes para a forma como se vivencia a velhice, sendo as situações de perda exemplo disso.

A perda pode registar-se a vários níveis (psicológico, físico, económico, social, sexual) e, nomeadamente, a nível interpessoal (morte de amigos e familiares) O desaparecimento de familiares próximos que eram o principal alvo da afectividade da pessoa idosa, cria sentimentos de solidão e impotência. Neste contexto, por vezes, a vida perde sentido e muitos idosos limitam-se a esperar pela morte (Pimentel, 2004).

O sacrifício é um dos sentimentos que também desponta de algumas relações entre os avós participantes e os netos. Um participante refere que, no decorrer da relação com os netos, existiram momentos em que esta se revestiu de oblação, nomeadamente quando cuidou dos netos e quando ficava sem se alimentar para satisfazer o apetite do neto:

*“Via o comer da mãe e: “não quero o comer da minha mãe! Oh vó, não tens comer para mim?”. E lá vinha a correr e eu às vezes não tinha, dava-lhe o meu! “Então tu, oh vó, tu dás-me do teu comer e não comes?” “Não te aflijas que eu arranjo para mim!”. Era sempre assim.” (E6)*

O ressentimento é outra das emoções negativas que pode colocar em causa uma relação satisfatória:

*“Eles [netos] para a fazenda não querem ir mais eu porque faz calos [faz uma expressão dura].” (E3)*

*“Gostava de conviver com eles [netos], que o ideal era esse, mas quê, eles não são em modo.” (E6)*

Ao longo de várias entrevistas foi possível perceber que na relação que os participantes mantêm com os seus netos, existe um menosprezo em relação ao que os netos sabem e àquilo que podem transmitir aos avós, ou seja, há uma desvalorização dos saberes dos netos:

*“Mais de resto, o que é que eles [netos] vão ensinar? Não têm nada para ensinar.” (E3)*

*“Olhe, eu digo assim: “Meus meninos, vocês agora não sabem nada. A gente antes sabia muito bem a doutrina. Agora já não é assim, nem o “Pai Nosso” se sabe. Não sabem! [cara demonstra indignação]” (E8)*

O que se verifica neste caso é, de certo modo, um idadismo invertido. Como refere Vieira (2010), o idadismo refere-se à discriminação de pessoas de qualquer grupo etário por motivos da idade; desta forma, não só acontece das gerações mais novas em relação às mais velhas (como inicialmente era considerado), mas também das gerações mais velhas em relação às mais novas. Dentro do próprio grupo etário também poderá haver idadismo, como é o caso de algumas pessoas idosas que têm uma imagem e atitude depreciativa face à velhice.

A desvalorização dos saberes dos netos pode ter várias justificações: a crença de que os netos ainda não aprenderam o suficiente, a crença de que as gerações mais novas não têm nada para ensinar e o facto de os avós se sentirem com mais experiência e a sobrepuserem a tudo o resto.

A **mediação** é um tipo de apoio afectivo que resultou da análise dos discursos dos idosos. Assim, os avós surgem como conciliadores entre a geração dos seus filhos e a geração dos seus netos, como nos explicita um idoso:

*“Esta minha neta que agora não tem pai [face triste], o pai deixou-as, deixou a mãe e a filha e eu estou-lhe sempre a dizer para se dar bem com a mãe, e a mãe a dar-se bem com ela.*

*Não a consumir e ajudá-la (à mãe), que ela tem estado doente e não tem estado bem.”*  
(E10)

A este propósito também Rodrigues (2008) salienta que os avós podem servir de elo de ligação na comunicação intergeracional e minimizar conflitos entre pais e filhos.

Uma das funções dos avós, de acordo com Morgado e Vitorino (2012), que se propuseram investigar as funções dos avós, o tipo de interações entre avós e netos e o apoio associado ao papel de avô, em função de diferentes variáveis (género, idade, habilitações, frequência de contacto, estado de saúde e proximidade geográfica), espelha-se na sua intervenção na família enquanto moderador de conflitos, mesmo que isso implique desempenhar um papel que não é seu, mas fazem-no devido ao “amor incondicional” que têm pelos seus netos.

Já se analisou a importância do apoio afectivo na relação entre avós e netos mas, ao longo das entrevistas o apoio instrumental também se revelou uma pedra basilar do relacionamento entre os avós entrevistados e os respectivos netos.

### **2.1.2 Apoio instrumental**

**O apoio instrumental** acontece ao nível do cuidado, quer dos avós em relação aos seus netos (abrange o **cuidado esporádico** e o **cuidado permanente**), quer dos netos em relação aos seus avós (em relação às suas **necessidades básicas**).

Saber cuidar é, na perspectiva de Schmidt (2007), preocupar-se com o outro, dar atenção ao outro, sendo que a pessoa que presta cuidado se sente envolvida e afectivamente ligada ao outro.

Alguns dos participantes entrevistados assumiram que a relação com os seus netos se fundamenta no cuidado aos mesmos, podendo este ser um cuidado esporádico (em que prestam algum auxílio aos pais, ficando de guarda com os netos, por exemplo) ou um cuidado permanente (no sentido em que, em determinada altura, adoptaram o papel de pais, residindo com os netos e prestando toda a assistência).

Ao nível do **cuidado esporádico**, um participante exemplifica:

*“Eu tenho uma menina que tem 6 meses, vai fazer 7 [...] e eu é que a guardo. A minha filha tem muito gado, tem de ir apanhar o comer, não é? “Minha mãe, você não deixe chorar a menina”. “Não! A menina não chora.”. Comida é que eu não lhe dou porque já não vejo bem mas ela não chora. Eu faço-lhe festas que ela não chora. E ela ri-se muito para mim.”* (E8)

Por seu turno, outro participante compara o cuidado aos netos com o que teve com os próprios filhos: “ [...] *Criei os meus filhinhos, ajudei a criar os meus netos.*” (E9).

Foi comum, ao longo das entrevistas, ouvir os avós compararem a sua relação com os netos com a relação que têm com os filhos. Algumas vezes, o afecto e o cuidado que disponibilizam aos seus netos são maiores do que o que proporcionam ou proporcionaram aos seus próprios filhos. Marcon *et al. apud* Paula *et al.* (2011) mencionam que as pessoas idosas se referem à criação dos netos e os consideram como filhos, pois o acto de criar é muito mais do que educar e socializar, é perceber a criação de forma holística, com todas as suas necessidades, sendo um processo constante.

Ao nível do **cuidado permanente** convém salientar que muitos foram os participantes que assumiram a responsabilidade total pelos netos:

*“Mas aquele que mais se aproximou de mim nunca me disse nada. Pelo contrário! Foi criado comigo [...].”* (E4)

*“Foram criados comigo, eram como meus filhos.”* (E6)

*“Criei-os. Ele desde os 4 anos e a menina tinha um ano e meio. E eu criei-os até se casarem. Eles eram pequenos.”* (E7)

*“Eles foram criados comigo, todos eles até aos três anos. Criava-os para os pais trabalhar.”* (E10)

Alves (2013), no debate sobre as relações intergeracionais, mediante o recorte das avós que cuidam dos seus netos, observou que as relações ultrapassam a imagem das avós como meras transmissoras de legados geracionais, assumindo um papel de protagonistas na vida dos netos, inclusive no que ao seu sustento diz respeito, independentemente da presença ou ausência dos progenitores dos netos. Os avós, segundo a mesma autora, passam a assumir-se como pais substitutos para os netos.

Também Durão (2012), ao analisar os contributos dos avós no desenvolvimento psicossocial dos jovens e investigar em que aspectos se manifesta, verificou que os avós prestam cuidados aos netos nas várias áreas das actividades de vida diárias, como é o caso da alimentação, das situações de doença, na ocupação dos tempos livres e da disciplina, apresentando-se como figuras de referência em matéria de valores, de afectos e de prestação de cuidados. É importante destacar o facto de os jovens deste estudo terem representações positivas sobre os avós, reconhecendo-lhes importância na prestação de cuidados.

Por sua vez Silva (2012), ao estudar o tipo de relações existentes entre avós e netos, os valores passados pelos avós aos netos e o papel das relações intergeracionais avós-netos

no desenvolvimento das crianças, apurou que as crianças que têm o apoio dos avós como cuidadores são mais calmas, concentradas e têm melhores relações de socialização, do que as crianças cuidadas apenas pelos pais ou outras pessoas. O papel dos avós é bastante claro, assemelhando-se ao dos pais, que tanto dão afecto e carinho como repreendem quando necessário.

Cuidar e dar carinho, simultaneamente, são, conforme se verificou com os estudos supramencionados, duas tarefas implícitas do papel da grande maioria dos avós. O mesmo se verifica neste trabalho.

A colaboração dos avós nas tarefas práticas do cuidado esporádico aos netos não é uma novidade. O que se torna interessante é o suporte emocional, a compreensão e a disciplina que os avós mais modernos fornecem, participando mais activamente no processo ensino – aprendizagem (Santos e Dias *apud* Paula *et al.*, 2011).

Rodrigues (2008), num estudo sobre as práticas e saberes das avós no cuidar das crianças, concluiu que as avós, tanto maternas como paternas, deveriam estar presentes nos cuidados aos seus netos pois continuam a ser muito importantes na transmissão de saberes culturais e de cuidados infantis. No mesmo estudo, alega que as qualidades de amor e carinho transmitidas pelas avós, assim como a competência destas para cuidarem das crianças, tornam-nas preferidas pelas mães em detrimento das creches ou amas. As mães preferem deixar os seus filhos aos cuidados das avós porque além da isenção de horário, muito vantajoso para as suas actividades laborais, ficam descansadas mesmo que os seus filhos estejam doentes.

Apesar de os cuidados serem, normalmente, aceites voluntariamente por parte dos avós, convém frisar que estes são judicialmente responsáveis pelos seus netos, desde que se encontrem capacitados para tal, sendo-lhes dada a tutoria das crianças sempre que os pais estejam ausentes ou que sejam incapazes de cuidar dos seus filhos, nomeadamente em situações de maus-tratos (Rodrigues, 2008).

Mas cuidar dos netos pode revelar-se uma tarefa árdua e causadora de stress, como se verificou no caso dos participantes que tiveram de prescindir de algumas comodidades para cuidarem dos netos e verbalizaram que a relação com os mesmos envolveu sacrifício. O mesmo se verifica nos resultados de um estudo realizado por Cardoso (2010), cujo objectivo principal foi entender as considerações dos avós quando lhes é atribuída a tarefa de cuidar dos netos cujos pais trabalham fora. Neste estudo há referência a dificuldades por parte dos avós em lidar com a atribuição de cuidar dos netos, nomeadamente económicas.

No entanto, pelo que foi descrito, a interação entre a geração dos avós e a dos netos apresenta mais benefícios do que aspectos contraproducentes, devendo manter-se e promover-se mais os contactos intergeracionais já que, de acordo com os dados, a prestação de cuidados resultam em benefícios para ambos os intervenientes. E além dos netos, os avós também são alvo de preocupação, carinho e cuidado por parte dos seus netos, conforme estes últimos revelam.

Evidenciou-se que existe uma preocupação dos netos em relação aos avós, nomeadamente no que respeita às suas **necessidades básicas**, como a segurança, higiene, saúde e alimentação.

A segurança rodoviária e a prevenção das quedas são duas áreas que preocupam os netos:

*“Oh avó, você vá pela beirinha, não vá pelo meio da estrada. Vá sempre pela beirinha”. “Tá bem, eu vou”. (E8)*

*“Porque não querem que eu caia, que eu tenho andando com esta mão esforçada.” (E1)*

Há um participante que salienta a ajuda que um neto lhe presta a nível dos cuidados de higiene: *“Ele faz-me limpeza aos pés, ele faz-me tudo.” (E2).*

Outro participante relata que os netos o auxiliam nos cuidados de saúde, mais concretamente no controlo da Diabetes e na prevenção dos riscos associados a esta doença crónica:

*“Eu levo insulina em casa [hesita] e eles, às vezes, quando não vem o pai, nem a mãe, vêm eles. É para vir ver se é verdade ou mentira o que eu estou a fazer. Se eu me injectei ou não.” (E3)*

A partilha destes cuidados torna-se essencial para o bem-estar dos avós e transfere para o neto a responsabilidade do cuidado, fomentando sentimentos como responsabilidade e comprometimento.

Por último, a alimentação surge como uma preocupação constante de alguns netos:

*“...Avozinha vá comer. A avozinha tem os diabetes, não esteja muito tempo sem comer! Avozinha, tudo o que lhe apetecer, tá às ordens”. Lá nisso, os meus netinhos são muito meus amigos. Todos, todos eles!” (E9)*

De certo modo, o que os participantes revelam é comprovado por António (2009) que salienta que, além dos afectos, os avós beneficiam da assistência dos netos a nível prático, nomeadamente no acompanhamento das idas ao médico ou às compras.

Os participantes também foram alvo de cuidados por parte dos seus avós:

*“Apagaram-me muita vez a fome. Muita vez! Ia sempre a casa do meu avô e de uma avó, que era aqui ao meio do lugar. Era raro o dia que eu não lá fosse comer à noite, antes de ir para a cama, lá ia eu comer a casa deles. Em minha casa havia mas havia pouco. E lá em casa dos meus avós era assim. Era sempre quase a mesma coisa mas havia sempre com fartura.” (E3)*

Tal como existiram participantes que referiam que os seus netos eram como filhos, uma participante refere que os seus avós: *“Foram para mim, uns pais” (E4)*

Existe, neste contexto, uma troca de papéis e de estatutos que leva a que os avós, quer antigamente, quer agora, tenham tido necessidade de sobrepor ao seu papel de avô, o de pais. O cuidado por parte dos avós assume-se, deste modo, intemporal.

Mas o cuidar, além de intemporal, é abrangente e pode assumir especificidades que devem ter sidas em conta, nomeadamente o cuidar a pessoa idosa, da pessoa doente e os cuidados pós-morte. Os participantes revelaram, designadamente, que com as mudanças na família, mudou-se a forma como os membros da família cuidam e são cuidados. As mudanças na família foram bastantes, segundo os participantes no estudo pois, antigamente, a família: *“...Tinha um valor extraordinário” (E4).*

Os mais jovens respeitavam e estimavam mais os progenitores, apesar de as famílias serem maiores. Também existia um maior cuidado com a pessoa idosa, assumindo-se o cuidado desta até ao final da sua vida:

*“Cuidei deles [pais] como podia. Lavava-os, mudava-lhes a fralda, já se usava fralda, e consumia-me muito, com eles, também. Sozinha, muito trabalho, filhos, negócio. Também nunca lhes faltou o comer nem assistência a eles.” E10*

Agora isto não acontece com tanta frequência e as pessoas entrevistadas apontam como factores determinantes os aspectos económicos. Os idosos são abandonados em casa ou nos lares, como relata um participante:

*“Agora os que podem estar em casa estão. Os que não podem estar em casa metem-nos no lar, quem tiver dinheiro. Quem puder. Quem não puder, olhe, estão lá em casa, sabe Deus como, como podem. Abandonados. Alguns, metem-nos nessas casas [lares] e os filhos não querem saber dos pais para nada.” (E10)*



Os lares assumem-se como antecâmaras da morte e a família passa a descartar-se dos cuidados aos elementos mais velhos. Paula *et al.* (2011) explica que a sociedade modificou-se dramaticamente após a segunda metade do século XX e os papéis desempenhados por cada membro da família, acompanharam essa mudança.

Cardoso (2010) revela que os participantes idosos do seu estudo divulgaram que, antigamente, a mãe cuidava dos filhos e o pai trabalhava de forma a levar o dinheiro ganho para o sustento da casa. Hoje isso alterou-se. A entrada da mulher no mercado de trabalho, por exemplo, levou a que deixasse de poder cuidar dos seus filhos e dos pais, transferindo esses cuidados para outras pessoas e/ou instituições. E, de acordo com Pimentel (2004) os idosos estão conscientes desta indisponibilidade por parte dos seus familiares para os cuidarem e apoiarem, caso se tornem dependentes, e o recurso aos serviços institucionais surge como a alternativa mais viável. As pessoas idosas, por sua vez, procuram não impor a sua presença e respeitar a autonomia dos filhos, desculpabilizando-os com as responsabilidades que já têm, apesar de implicitamente, criticarem o descomprometimento dos mesmos.

Em Portugal, de acordo com Pimentel e Albuquerque (2010), o papel de cuidar é de facto remetido, histórica e culturalmente, para a família. No entanto, esta orientação continua a estar fixada, sobretudo nas comunidades rurais do interior norte do país, onde o sentido de obrigação para com os parentes mais idosos continua a constituir-se como um padrão ético e comunitário fortemente partilhado.

Na sua pesquisa, também Paula *et al.* (2011) verificaram que os idosos percebem mudanças claras na relação familiar entre avós e netos, assim como na relação de pais com filhos. Uns justificaram a ocorrência dessas transformações com as mudanças envolvendo todo o contexto mundial, e não somente a criação familiar em si. A ampliação do diálogo na família, por exemplo, implicou o questionamento a respeito dos papéis exercidos no grupo, algo que não acontecia no passado, uma vez que estes eram muito bem definidos e aceites.

A propósito do cuidar em família, diferentes participantes mostram preocupação com a morte. É que a forma como se percepção a morte e se lida com a mesma também se alterou desde o tempo de juventude dos participantes até agora. Antes era a família quem tinha de cuidar da pessoa na fase final de vida e do corpo da pessoa, após a morte. Os participantes explicitam os cuidados que tinham durante o final da vida dos seus pais e avós:

*“No nosso tempo, cuidava-se dos pais até ao fim de eles morrerem em casa, como eu cuidei da minha mãe e do meu pai.” (E10)*

*“Mas foi um bocado duro porque os tínhamos de lavar e tratar quando eles chegavam a pontos.” (E5)*

*“A minha avó morreu ao pé da gente. [...] Fomos lá ver e eu assim: Minha avó (ela já não falava). Fomos chamar a minha tia T. A minha tia T. foi chamar a minha mãe e a minha tia E.. Morreu. O meu avô morreu em minha casa, o pai do meu pai.” (E8)*

Até meados do século XX, os idosos morriam nas suas casas, inseridos no seu contexto e rodeados pelas suas vivências familiares. Deste modo, à casa era conferida uma função de acolhimento e cuidado no final do ciclo de vida. Mesmo confrontada com a inevitabilidade da morte, a pessoa podia aspirar, pelo menos, a viver em sua casa, preservar as suas memórias, beneficiar de cuidados, manter os seus laços sociais, ser acompanhada nas suas deslocações, não se sentir só, ter apoio moral. Nestas condições, a morte da pessoa apresentava-se como um acontecimento natural, no seu meio, com a presença e apoio da família (Fabregas *apud* Silva, 2006).

Actualmente, com a proliferação de lares de terceira idade e com o surgimento da Rede Nacional de Cuidados Continuados, assim como com os hospitais a assumirem-se como os leitos da morte de muitas pessoas, a morte passou a ser encarada como um assunto tabu para as crianças e jovens. Pacheco (2002) corrobora, afirmando que às crianças, é-lhes vedado olharem para aqueles de quem gostavam, a partir do momento em que estes se apresentam em pleno sofrimento ou a partir do momento em que morrem, ou, então, é-lhes escondido o facto de ter morrido uma pessoa querida. Provavelmente, de forma indirecta, tentam-se evitar os processos de luto, porque se considera que é a opção melhor e a forma mais rápida de esquecer a morte (Pacheco, 2002).

Costa (2012) apresenta outra perspectiva relacionada com esta temática. Hoje os avós estão presentes durante mais tempo na vida dos filhos e dos netos, o que permite compreender porque são eles os novos protagonistas da experiência da morte significativa. Com taxas de mortalidade mais baixas, os números absolutos da mortalidade diminuem em todos os grupos de idade e a morte surge, tendencialmente, numa altura da vida em que é esperável que aconteça: a velhice. Isto conduz a que, frequentemente, seja a perda de um avô ou avó o primeiro momento, já em idade adulta, de confronto dos indivíduos com a inevitabilidade da morte.

Ou seja, no passado, as crianças tinham um contacto com a morte mais cedo, nas suas vidas, do que acontece agora, em que pode acontecer só perder um ente querido já enquanto adultos.

De forma resumida, a intergeracionalidade na família proporciona alianças e redes de apoio entre as gerações no domínio afectivo, psicológico e material e constitui-se como um

espaço social, relacional, educativo e de cuidados, por excelência. Permite a construção de laços de solidariedade e identidade, a criação de vínculos e de relações privilegiadas e o desenvolvimento e transmissão de competências emocionais e sociais (Donfut e Segalen *apud* Dutras, 2008). As trocas intergeracionais também se intensificam em situações de conflito, na família, podendo potenciar o aumento de diálogos e a afectividade (Schmidt, 2007).

Já se apresentaram alguns dados que expõem como se pauta a relação dos avós actuais com os netos e de que forma isso foi influenciado quer pela relação que tiveram com os seus próprios avós, quer pelas alterações sociais. Mas o que fazem avós actuais e netos em conjunto? Em que situações se inicia e processa esta interacção? E como era com os participantes e os seus próprios avós? É o que se analisará subseqüentemente, na segunda categoria desta dimensão.

## 2.2 LAZER

O lazer, na perspectiva dos avós, é constituído pelas subcategorias **socializar** e **actividades lúdicas**, ou seja, as actividades que os participantes compartilham com os seus netos, podendo estas ser habituais e envolvendo mais intervenientes ou exclusivas entre estas duas gerações (Ilustração 3).



Ilustração 3: Representação da Categoria Lazer e suas subcategorias

Schmidt (2007) estudou a forma como se constitui a relação entre adolescentes, na condição de netos e os seus respectivos avós. Os avós, ao serem abordados sobre quais eram as actividades que realizavam em conjunto com os seus netos, destacaram a incidência de passeios, jogos, preparação de refeições e diálogos.

### 2.2.1 – Socializar

**Socializar** envolve a partilha de momentos que não têm como finalidade fomentar a relação entre os avós e netos mas que são adjuvantes da construção de uma relação sólida. São também situações em que podem estar presentes outras pessoas, não invalidando o estreitamento de laços entre os avós e os netos. As actividades que esta subcategoria apoia são: **partilhar refeições**, **conversar** e **ver televisão**.

Conviver durante a **partilha de refeições** é, tradicionalmente, uma das actividades que a população portuguesa, em geral, mais adopta. Tal como salienta Ishige *apud* Góes (2008), todas as pessoas pertencem a um grupo social determinado que permite ter relações sociais, como o acto de se alimentarem juntos. As refeições feitas em comum reforçam o grupo, no sentido em que são um meio de comunicação que permite a cada um manifestar a sua identidade dentro do grupo. Partilhar uma refeição é, para o mesmo autor, partilhar sensações; desta forma, em muitas sociedades, as celebrações e rituais são acompanhados por banquetes (como os sacramentos religiosos), ocasiões em que são reforçados os laços antigos ou criam-se novos. Por estes factos, em muitas culturas, a lareira e o forno onde se prepara a comida convertem-se em símbolos da família.

Esta partilha de refeições é evidente em dois relatos:

*“Juntamo-nos em casa da minha filha (...) ela faz o almoço e almoçamos todos.”* (E1)

*“Ai, comemos no fim-de-semana, juntos. E o neto de cá, que tem 25 anos, que está mais perto, faz o comer, por vezes.”* (E5)

No estudo de Macedo (2007), as avós assinalaram as festas familiares como o Natal, Ano Novo e aniversários, bem como o “almoço de domingo”, como tradições próprias da família. Todos estes rituais passam de geração em geração, o que pressupõe a repetição de actos e comportamentos que são identificados ao longo do tempo.

**Conversar** com os netos é um acto de comunicar, privilegiado pelas pessoas idosas, e surge como uma das actividades mais frequentes entre os participantes e os seus netos. As conversas podem revestir-se de tons mais formais, nomeadamente quando se fala do quotidiano, abranger confidências, ou pautar-se por tons mais descontraídos e brincalhões:

*“O que é casado vem para o pé de mim! Sai de casa dele e vem para casa da mãe, por causa de estar comigo na conversa” (E2)*

*“Conversam comigo assim coisas da vida, contam-me as vidas deles, contam-me assim coisas da namorada.” (E9)*

*“Então, viste a R.? “Então não havia de ver? Então não havia de ver hoje a R.?” Quantos beijos lhe deste tu? “Ai isso é que eu não digo! Isso é que eu não digo!” [risos] ” (E9)*

As conversas podem ser presenciais ou por telefone:

*“Mas telefonam-me! Não é preciso dizer assim: “onde é que estás?”. Dizem: “oh vó, é isto ou é aquilo, ou é assim ou assado. Então como andas?” (E2).*

O acto de comunicar também é referido por Macedo (2007) como a actividade preferida pelos avós com os netos. As conversas são orientadas pela partilha de conselhos, reuniões familiares e, por último, pelo ajudar os netos em momentos de necessidade. Estes dados confirmam também a investigação de Dias e Silva (1999) em que, na relação com os seus netos, as avós enfatizaram mais o aspecto emocional, como o dar e receber afecto, conselhos e suporte e comunicar-se.

Adequa-se salientar que a comunicação é um acto inerente ao ser humano e que se está continuamente a comunicar com o que nos envolve. Apesar de surgir aqui como um acto isolado, é perfeitamente usual que, no decorrer de outras actividades entre avós e netos, estes conversem. O “conversar” é destacado porque é possível, como se verificou pelos relatos, que os participantes e os seus netos gostem de ter tempo para se dedicarem em exclusivo a esta actividade.

Outra actividade que os idosos realizam com os netos é **ver televisão**, ou seja, assistir a programas na televisão:

*“...Às vezes a gente vê televisão” (E3)*

*“...E põem na televisão coisas para eu ver.” (E10)*

### **2.2.2 Actividades lúdicas**

As **actividades lúdicas** surgem como as acções mais requisitadas pelos avós, no que diz respeito ao passar tempo com os seus netos e compreendem ocasiões específicas, restritas a avós e netos. Destacam-se o **brincar/jogar**, **passar**, **nadar** e **novas tecnologias**.

O acto de **brincar/jogar** assoma um papel dominante ao nível das actividades que os avós entrevistados e os netos mais compartilham:

*“As duas cachopas mais novas é que lá vão mais tempo a casa. Vão lá de vez em quando, brincam e lá estamos na brincadeira, às vezes uns com os outros.”* (E3)

*“E brincam muito comigo, brincam comigo muito, brincam!”* (E9)

*“Jogamos cartas, dominó, damas. Fazemos assim uns jogos banais, jogamos todos os Sábados e Domingos.”* (E2)

*“Depois vimos para casa, vimos jogar cartas.”* (E8)

O jogo permite uma aprendizagem social, ao consentir o conhecimento de formas, regras e habilidades (Brougère, 1998). Lima (2007) acrescenta que a cultura lúdica está impregnada de tradições e brincadeiras que se vão mantendo na sociedade, garantindo o desenvolvimento físico e proporcionando habilidades diversificadas, a realização de desejos, a superação de dificuldades individuais, a interacção e a adaptação a um grupo.

Sendo a ação intergeracional importante para proporcionar mudanças na mentalidade das diferentes gerações, os jogos tradicionais podem ser uma importante área integradora (Lima, 2007).

**O passear**, como forma de recreio entre avós e netos é citado por um participante: *“Com as minhas netas [...] andamos por lá a passear.”* (E8).

**Nadar**, é uma das actividades no âmbito da actividade física, referida como um momento prazeroso entre avós e netos. A este propósito refere um participante:

*“O rapaz [...] gostava de nadar e eu também e quando íamos à praia, era o nosso prazer, era os dois andarmos a nadar”* (E4)

Apesar de Sousa (2006) referir que avós e netos podem ter preferência por diferentes actividades (os avós podem querer ler, enquanto os netos desejam jogar computador), há um participante que refere que partilha com os netos actividades ligadas ao computador (**novas tecnologias**):

*“Às vezes eles estão com os computadores e chamam-me para o pé deles, para ver o computador, para ver coisas, para as fotografias, para ver coisas, pronto.”* (E9)

Gonçalves e Patrício (2010), num estudo piloto realizado com o objectivo de promover a coesão familiar entre netos e avós através das Tecnologias de Informação e Comunicação, nomeadamente a Internet, concluíram que a dinamização da relação entre avós/netos através das TIC e da Internet proporcionou a aquisição de competências básicas em TIC e de competências para a interacção/comunicação entre netos e avós.

Os netos assumem-se, desta forma, como os mentores dos avós a nível das novas tecnologias da comunicação, mostrando uma nova realidade, ao mesmo tempo que apertam laços.

São as actividades aparentemente mais simples, como os passeios e jogos que permanecem na memória de ambas as gerações. Estas são as situações ideais para, de forma informal, se fortalecerem laços e se criarem aprendizagens mútuas e duradouras. Macedo (2007) afirma, também, que as actividades realizadas entre avós e netos são uma forma de estabelecerem união pois, assim como os avós ensinam aos seus netos, eles também têm muito a aprender, logo esta troca é mútua e enriquecedora para ambas as gerações. No estudo desta autora, além das visitas, as actividades mais praticadas com os netos, por parte dos avós, foram as brincadeiras, contar histórias, viagens, férias, além de obrigações com a higiene e outros cuidados, bem como a preparação de festas de aniversário.

A perspectiva dos netos é semelhante à dos avós, tal como demonstra o estudo de caso realizado por Pires (2010). Neste, as crianças entrevistadas referiram que as actividades que mais realizam com os avós são conversar, partilhar refeições, contar histórias de antigamente, jogar e brincar.

As actividades lúdicas são um prazer recíproco entre os avós e netos. Cardoso (2010) concluiu que as avós recordaram que, além da rotina de cuidados com os netos, também procuram brincar, contar histórias, ver os desenhos animados na televisão, cantar, dançar, passear, preparar lanches e andar de bicicleta com os netos. Este é o lado prazeroso do cuidado, segundo os participantes.

Numa perspectiva complementar e de acordo com Pellegrino, Tobo e Kamei (2012), que na sua investigação procuraram verificar se a combinação de massagem e de actividades lúdicas entre avós e netos promove o aumento do bem-estar e o fortalecimento do vínculo, do diálogo e da relação entre eles, foi possível comprovar que a combinação proporciona o aumento do bem-estar subjetivo dos netos e, para os avós, favoreceu o resgate da infância e um despertar para missão de vida. Este é o primeiro estudo científico a mostrar que a combinação da massagem e actividades lúdicas tem potencial para reduzir a distância geracional entre avós e netos.

Os resultados apurados relativos a esta categoria do Lazer são, praticamente todos, corroborados pela pesquisa de Dias e Silva (2003). Este estudo teve como objectivo verificar a percepção dos jovens adultos acerca dos seus avós e, no que que respeita às actividades realizadas com os avós, predominaram o conversar, visitar, ouvir as histórias e

experiências dos avós, almoçar e telefonar. Também Kennedy *apud* Dias e Silva (2003) concluíram que as actividades que se destacaram foram: partilhar eventos e reuniões, partilhar refeições ou passar a noite com os avós, ver televisão, conversar, jogar e ir às compras com os avós.

Na mesma linha, Triadó e Posada (2000), concluíram na sua investigação que as actividades que os avós mais realizam com os netos são socializar (falar, ver televisão e reuniões familiares); partilha de companheirismo (contar histórias, praticar desporto, jogar, ir à pesca); ajuda domestica (cozinhar, trabalho de casa, compras); e ajuda exterior (pomar/horta e negócios).

Sublinha-se, por último, a posição de Marangoni (2007) que afirma que as actividades entre avós e netos pode favorecer não apenas novas formas de relacionamento familiar para ambas as gerações, como também novas representações sobre o curso de vida, em especial, os processos de adolecer e envelhecer. Existe o potencial de melhorar o relacionamento entre estudantes e professores; entre avós e netos; entre jovens e idosos.

A aproximação de gerações mobiliza, assim, a partilha de actividades de deleite e permite a transmissão de saberes, bem como permite proporcionar novas experiências e dar a conhecer realidades que sendo díspares, se podem complementar. No entanto, antigamente, o lazer era subvalorizado: *“Não dava tempo nem para nós termos uma vida com descanso”* (E5). Apesar de outra participante referir:

*“...a gente divertia-se mais, umas com as outras. Agora não. Agora não é assim. Agora é tudo muito diferente.”* (E6)

Cardoso (2010) demonstra que os participantes do seu estudo se recordam da sua infância e juventude com alegria e lamentaram que a infância de hoje seja tão diferente do período em que foram crianças. Para eles, naquele tempo, havia liberdade para brincar, maior inocência e também maior respeito à família, aos amigos e à natureza. Havia poucos recursos de informação e poucos brinquedos, quando comparados, por exemplo, à variedade que se tem actualmente. Ressaltaram que havia muita solidariedade e amizade, distintamente dos dias de hoje. Alguns, no entanto, relembram a infância com muitas responsabilidades, controle e poucos momentos para as brincadeiras. Relembrou desses tempos os sacrifícios da família e as poucas possibilidades de conquistas materiais. Estes participantes consideram que seus netos, hoje, têm uma infância mais feliz do que a que tiveram.

As relações entre os participantes e os seus netos podem assumir vários contornos e sustentar-se em partilha de momentos únicos e específicos. E o que retiram a nível de



conhecimentos, avós e netos, desta relação? É o que transmitem e aprendem uns com os outros que se discutirá, seguidamente.

## 2.3 TRANSMISSÃO DE VALORES/SABERES

É inerente ao processo de socialização a partilha e transmissão de conhecimentos e valores. Deste modo, no desenvolvimento da relação dos avós com os netos, pretendeu-se averiguar o que é que, efectivamente, os avós passaram dos seus saberes aos netos e vice-versa.

Esta vertente assume uma importância elevada. A título de exemplo, na pesquisa de Morgado e Vitorino (2012), concluiu-se que o item “transmissão de conhecimentos gerais da vida” é considerado o principal contributo dos avós para os seus netos.

De entre o que os avós ensinam aos netos e os netos aos avós, destacam-se os **valores**, os **saberes socioculturais** e os **saberes académicos** (Ilustração 4).



Ilustração 4: Representação da Categoria Transmissão de Valores/Saberes e suas subcategorias

### 2.3.1 Valores

Os **valores** podem ser definidos como uma crença duradoura num modelo específico de conduta ou estado de existência, que é pessoalmente ou socialmente adoptado. Podem expressar sentimentos e propósitos de vida, transformando-se, frequentemente, na base da existência humana (Rokeach *apud* Segre e Cohen, 2002).

Para os participantes deste estudo, os valores transmitidos aos netos são valores espirituais, pessoais, familiares e morais.

Os **valores espirituais** são aqueles que os avós mais transmitiram. A religião Católica assume-se como a única focada pelos participantes, como explicitam:

*“Ensinava os valores da sua religião que todos éramos católicos e, portanto, amar a Deus, acima de tudo!”* (E4)

*“Ensinava-os a rezar. Todos os meus netos fizeram a Profissão de Fé. E eu é que ensinava a doutrina.”* (E9)

As tradições cristãs continuam muito vincadas nas pessoas idosas mas, em contrapartida e de acordo com um participante: *“... eles [netos] agora não sabem nada. Agora não sabem!”* (E7).

Os avós assumem-se, deste modo, como os guias nesta área, provavelmente porque também os filhos já não atribuem às questões religiosas o mesmo significado que os seus pais.

Janela (2006) afirma que, para transmitir aos netos aquilo em que se acredita, é necessário respeitar as opções dos filhos, as formas de educação que adoptam e a posição que tomam em relação à fé. Nesse sentido, deve-se evitar, a todo o custo, que o anúncio da fé seja na família causa de conflitos. A procura de autenticidade no testemunho da fé convida ao respeito e à tolerância, tratando-se de uma atitude contrária à intransigência e às verdades impostas. Muitas vezes são os próprios pais a pedir aos avós que assumam a iniciação à fé dos seus netos porque, dizem os pais, “não lhes sabemos falar disso”. Desta forma, os avós aceitarão esse encargo devendo pedir, no entanto, que os pais se mantenham ao corrente e que acompanhem da melhor maneira esta iniciação.

De acordo com Paula *et al.* (2011), as referências religiosas influenciam as pessoas idosas quanto ao entendimento das mudanças ocorridas na sociedade actual. Este é um ponto importante, pois existem muitos idosos dedicados a acções comunitárias ligadas à Igreja, bem como se encontram em muitos dos seus discursos, citações bíblicas a respeito da família. Aguiar *apud* Paula *et al.* (2011) afirma que muitos idosos referem que a união da família é atribuída aos ensinamentos religiosos e morais aprendidos em casa, fruto dos princípios cristãos exercidos pelas famílias.

Os **valores morais** que as pessoas idosas referem transmitir aos netos são, essencialmente, o respeito, a humildade, o “serem bem-educados”, a integridade pessoal, o não recurso à violência, a tolerância e o saber colocar-se no lugar do outro:

*“Os conselhos que eu dou são que a gente tem que respeitar as outras pessoas, isso é lógico.” (E5)*

*“Ensinava-o a ser humilde” (E6)*

*“Que fossem sempre correctos e educados porque a correcção e a educação são uma das bases principais para os jovens.” (E4)*

*“Digo muita vez a eles: “olha que vale mais o ser que o ter!”” (E2)*

*“E a eles também faço ver isso, que a gente para ser agressivos, não dá resultado.” (E5)*

*“Que pensassem que mais tarde seriam idosos e talvez pior do que eles.” (E4)*

Relativamente aos **valores pessoais**, os participantes verbalizaram valores relacionados com o trabalho, o estudo e a valorização pessoal:

*“Os valores que eu transmiti foram do trabalho. Especialmente do trabalho.” (E4)*

*“Outro neto tem duas meninas e eu: “Vê se tu governas lá o teu trabalhinho porque se ficas sem trabalho, tás a pagar uma casa, tens dois filhos”” (E9)*

*“Estudem! Subam quanto mais alto melhor, não sejam lá uns rascas como eu fiquei, porque o meu pai nem me deixou fazer a 4ª classe” (E2)*

*“Agora vocês, são novos, agarrem-se aos estudos porque sem ter estudos, não se vai a lado nenhum.” (E5)*

Esta importância surge devido às dificuldades que as pessoas idosas entrevistadas ultrapassaram na juventude e na idade adulta. Alguns participantes referem que, antigamente, para se ter uma vida minimamente confortável, era necessário:

*“...Arranjarmos alguma coisa, porque nascemos do nada. Nós nascemos do nada e para esgravatar, tivemos que lutar muito.” (E5)*

O trabalho árduo roubava tempo para se ter *“...uma vida com descanso.” (E5)* os trabalhos resumiam-se, quase exclusivamente às *“...terras, e aos pedreiros e serradores a serrar à mão.” (E10)*. Actualmente, pelo contrário, existe um leque mais diversificado de ofertas de trabalho pois há: *“...muitas fábricas, muito trabalho...” (E10)*.

É necessário sublinhar que os participantes em estudo pertencem a zonas rurais, dominadas pelo sector económico primário.

Tornou-se transversal no relato de quase todos os participantes, a necessidade de projectar nos netos as suas aspirações a nível do estudo:

*“Porque nós queríamos estudar e não havia possibilidades e passámos por pouco. “Agora vocês, são novos, agarrem-se aos estudos porque sem ter estudos, não se vai a lado nenhum”.” (E5)*

Os participantes continuam a valorizar os estudos como forma de ascensão social e estímulo de uma vida mais afortunada.

Em relação aos **valores familiares**, a importância da família trespassa gerações e a transmissão dos valores familiares mantem-se no discurso dos participantes como uma das áreas que deve ser valorizada:

*“Criei os meus filhos com educação. Levantavam-se de manhã da cama e eram como eu fui para os meus pais: “Passou bem, meu pai? Dê-me a sua bênção.” Ensinei os meus filhos assim e os meus netos também.” (E9)*

*“...Ensinei-os a serem amigos dos pais...” (E10)*

Schmidt (2007), ao estudar as transmissões educacionais verbalizadas pelas pessoas idosas, percebeu a pretensão de garantir uma ligação e uma transição entre a geração dos filhos e a dos netos. Identifica-se nesses relatos a preocupação dos idosos em transmitir valores tais como: o estudo, o trabalho, o cuidado com pessoas desconhecidas, o respeito para com os pais e a honestidade.

Os mesmos dados verificaram-se na presente investigação em que os participantes, além dos valores morais, referem os valores pessoais. Há uma forte preocupação dos avós para que os seus netos mantenham os seus empregos e se dediquem aos mesmos. Habitados a tempos em que o trabalho árduo era a única forma de sustento, as pessoas idosas mantêm esta concepção de que é o labor e a dedicação ao mesmo que trará um futuro economicamente mais estável. Também acabam por projectar nos netos sonhos e aspirações antigos pois, na sua época, construir uma carreira académica era difícil, sendo necessários braços para a lavoura. Deste modo, os avós cresceram com a ideia que estudar proporcionará uma estabilidade financeira maior e será menos duro, fisicamente.

Os resultados obtidos vão ao encontro do que Macedo (2007) apurou na sua investigação (apesar de a autora ordenar os valores consoante a sua importância, tendo por base o maior número de respostas para cada valor). Em relação ao que os avós transmitem, verifica-se a valorização dos estudos, em primeiro lugar; seguida de valores como ser honesto, íntegro e solidário. A variável que ficou em terceiro lugar foi a história da família e da cidade, e, por último, a religião/ir à missa.

Peixoto *apud* Macedo (2007) refere que a transmissão de bens, de valores e de saberes perpassa as gerações e que o convívio com os netos é enriquecido com o cunho de valores culturais, sociais e morais.

Também os avós de outrora transmitiram valores aos seus netos: valores morais e religiosos:

*“...Ensinarão-nos a ser educados e a amar o próximo como os amávamos a eles” (E4)*

*“A minha avó ensinava-me a rezar.” (E6)*

No entanto, os valores e a sua hierarquia alteraram-se ao longo dos tempos. Para os participantes, antes, existia mais responsabilidade, respeito e humildade:

*“...Havia mais educação porque, presentemente, não se pede a uma pessoa “por favor, passa-me isto”. E antigamente, sim. Havia mais princípios educativos.” (E4)*

*“Não era como agora. Mas eram mais humildes [jovens]. [...] Eram mais humildes. Agora não. Ai dos meus filhos se fosse para isso. O pai não lhes batia mas eles andavam ali sempre direitinhos.” (E6)*

A família, enquanto instituição, era mais valorizada e havia mais respeito das gerações mais jovens para com as mais velhas:

*“...A nossa família tinha um valor extraordinário. Era com amor, com carinho que falávamos deles.” (E4)*

Actualmente, os avós referem que os jovens são: *“... Mais directos do que antigamente!” (E4)*. No entanto, há um desprezo maior destes para com os seus avós: *“...são velhos, deixa-os para lá!” (E4)*.

Na opinião de um participante os netos deviam ser mais condescendentes com os avós:

*“E nessa altura, o neto deve dizer: “Oh avó, tu no teu tempo era assim, agora é assim no nosso tempo. Portanto não tomes a mal com a minha palavra ou com o meu excesso! Não tomes!” (E4)*

Também Macedo (2007) encontrou estas diferenças no seu estudo, justificando que os avós nasceram numa época mais tradicional e os netos, por seu turno, são fruto de uma geração mais livre e, ao mesmo tempo, carente de limites. Os participantes também enfatizaram, na pesquisa, que na época actual, os netos dizem o que querem e têm liberdade de expressão. Antes os filhos obedeciam mais aos pais mas, por outro lado, actualmente existe um maior diálogo entre estas duas gerações.

As diferenças de valores e comportamentos entre as gerações dos avós e dos netos apresentam-se, na opinião de Minuzzi (2007), como marcas de identidade próprias dessas mesmas gerações. As diferenças devem ser lidas à luz das alterações sociais, demográficas e económicas que surgem ao longo das décadas, isto é, devem ser

enquadradas no tempo em que ocorreram, para que haja uma melhor compreensão das mesmas.

Um exemplo para o assunto supracitado são os maus-tratos. Os maus-tratos na infância sempre existiram ao longo da História da Humanidade, sendo aceites socialmente em certas épocas. Roig e Paúl *apud* Azevedo e Maia (2006) definem-nos como lesões físicas ou psicológicas não acidentais, ocasionadas pelos responsáveis do desenvolvimento (pais, avós, professores) e que ameaçam o desenvolvimento físico, psicológico e emocional considerado como normal para a criança.

A manifestação de violência em menores pode processar-se através dos maus-tratos físicos, do abuso emocional/psicológico, abuso sexual, negligência, abandono, exploração no trabalho, exercício abusivo da autoridade e tráfico de crianças e jovens, entre outras formas de exploração (Magalhães, 2005). Para o presente estudo, interessa frisar os maus-tratos físicos e a negligência.

Existe um participante que admite ter sido vítima de maus tractos físicos por parte de uma avó:

*“A minha avó deu-me muita porradinha, quando eu era pequenito. E ela morreu tinha eu alguns... dez anos. [...] Deu-me muita porradinha.”* (E2)

Estes correspondem a qualquer acção, não acidental, por parte dos pais ou pessoa com responsabilidade, poder ou confiança, que provoque ou possa provocar dano físico no menor (Magalhães, 2005).

Paula *et al.* (2011) explicam a diferença de autoridade que havia antigamente e a razão destes maus tractos físicos. As autoras referem que antigamente havia uma relação de respeito e autoridade dos netos para com seus pais e avós mais evidente. A autoridade era mantida à custa do exercício da força.

Outro participante revela que o seu crescimento foi pautado pela pouca atenção por parte dos avós e dos pais pois estes estavam ocupados nas lides da lavoura e sobrava-lhes pouco tempo e disponibilidade para darem atenção aos filhos. Os tempos difíceis exigiam um trabalho constante que roubava oportunidades para outros afazeres. Nesses tempos, os adultos:

*“... Tinham muitos filhos e iam-se criando uns com os outros, lá na terra e lá no esterco e lá no campo, a comer descalça, a comer terra.”* (E10)

Apesar de ser uma situação comum naquelas décadas, à luz do que se considera presentemente, está-se perante casos de negligência. Segundo Magalhães (2005) este tipo de maus-tratos define-se na não satisfação das necessidades da criança em termos de cuidados básicos de higiene, alimentação, segurança, educação, saúde, afecto, estimulação e/ou apoio (no contexto dos recursos disponíveis pela família ou cuidadores). Estes factos têm sequelas na saúde e/ou desenvolvimento físico e psicossocial da criança. A negligência pode ser voluntária, quando existe intenção de causar dano, ou involuntária, quando resulta da incompetência, ignorância, falta de formação e informação, pobreza ou incapacidade parental para assegurar os cuidados necessários à criança.

Tomando em atenção a definição de negligência, está-se perante uma negligência involuntária, no que concerne ao relato da participante, pois os tempos de pobreza ditavam que a vida se pautasse pelo trabalho, quase exclusivamente.

Relativamente à transmissão de valores, os participantes do estudo são da opinião de que não foram apenas eles a transmitirem aos netos alguns **valores**. Os netos, ainda que de forma indirecta e não intencionada, levaram aos avós **valores pessoais**, e este facto é ilustrado no excerto de um entrevista em que o participante referiu que os netos: *“Ensinarão-me a ser avó como devia de ser.”* (E4).

De certa forma, ser avô pode ser um período de intensa reflexão pessoal, no que respeita à análise de situações de vida passadas. A percepção que se errou em determinados momentos, pode levar a que surja uma necessidade de redenção. Os netos podem ser um catalisador dessa redenção ou o alvo de atenção e mimos, de forma a se colmatar as falhas (muitas vezes com os seus próprios filhos). Assim, os netos podem ser os responsáveis pela mudança positiva dos avós, como se confirma no relato seguinte:

*“E dizia-lhes: “Não é assim, a avó não andou bem!” Dava-lhes conselho directo.”* (E4).

O papel de avô pode revestir-se de um acréscimo de responsabilidade para com os netos. Os avós têm necessidade de serem mentores para os seus netos, provavelmente porque os percebem como uma continuidade sua:

*“A mim ensinaram-me a ser avó porque até aí, eu também tinha as minhas coisas e, portanto, era exemplo para eles.”* (E4)

O mesmo é reforçado pelos autores Blackweder e Passman; Batchelor; Lidz; Kornhaber e Woodward; Roberto e Stroes *apud* Dias (2002) em que se alega que os idosos são o elo de ligação entre as gerações, transmitindo as tradições da família e da sociedade. Têm

como características a de serem exemplos e de terem a capacidade para poder prever acontecimentos futuros, com base na sua experiência de vida.

### 2.3.2 Saberes socioculturais

Os **saberes socioculturais** englobam saberes tradicionais que passam de geração em geração, em áreas distintas, estando social e culturalmente implícitos e sendo importantes na gestão do quotidiano. Incluem-se saberes ligados às **tarefas domésticas** e **saberes lúdicos**.

As **tarefas domésticas** constantes do quotidiano, como o limpar a casa e a lavoura do campo, são ensinamentos que os participantes transmitem aos netos, uma vez que são conhecimentos práticos e essenciais para o dia-a-dia, conhecimentos esses no domínio do “saber fazer”:

*“Ensinei-lhes a trabalhar na fazenda! Na terra! [silêncio] Hoje todos sabem pegar numa ferramenta (apesar de não fazerem nada) mas todos sabem pegar numa ferramenta e irem para o pé do pai e dizerem: “é isto, é aquilo, é assim, é assado”” (E2)*

*“Como sabia bordar, às meninas, ensinava a bordar.” (E4)*

*“...Lavar a louça do comer e a varrer, ensinava-as lá a cuidar da casa, também.” (E7)*

As tarefas domésticas podem-se dividir em trabalhos na lavoura e trabalhos dentro de casa. É curioso observar que o participante E2, avô apenas com netos do género masculino, lhes transmitiu os saberes de trabalhar a terra. No entanto, as participantes E4 e E7 transmitiram às netas saberes mais delicados e mais associados a pessoas do género feminino. Assiste-se, deste modo, a uma segmentação dos saberes em relação ao género. Isto pode ser explicado na investigação de Macedo (2007). A autora relembra que, durante muito tempo, as mulheres foram levadas a procurar a sua identidade nos significados interiores: ser boa dona de casa, esposa e mãe, decoradora do lar, entre outros aspectos. Segundo Rocha-Coutinho *apud* Macedo (2007), a valorização da casa e da família, para algumas mulheres, significa a valorização de si mesma.

Partilhar estes conhecimentos permite não só ensinar às gerações mais novas os saberes antigos, evitando a perda de informações úteis do dia-a-dia, bem como prepara os netos, no sentido em que promove a sua independência, ao fornecer saberes práticos que os auxiliarão ao longo da vida.

Os **saberes lúdicos** que os idosos transmitiram aos netos estão relacionados com jogos, com cantigas e danças:

*“Ensinei-lhes a jogar” (E2)*



“Ensino-os a cantar. Eles agora não sabem cantigas nenhuma mas eu sei.” (E8)

“Eu ensinava-lhes a cantar, ensinei-lhes a dançar [risos].” (E9)

Além dos jogos, os conhecimentos relativos às cantigas e às danças também são passados dos participantes aos seus netos. É importante referir que as brincadeiras tradicionais fazem parte do folclore infantil, trazendo consigo parte da cultura popular, pois são transmitidas oralmente. Guardam a produção espiritual de um povo em certo período histórico e estão sempre em transformação, incorporando criações de novas gerações que venham a sucedê-las (Kishimoto, 2006). Minuzzi (2007) acrescenta que a transmissão destes conhecimentos ocorre de forma espontânea e contínua através das actividades diárias, dos exemplos, das histórias, ou seja, é através da memória que a corrente de pensamento do grupo é transmitida para as gerações vindouras.

Em relação às cantigas, Brandão *et al.* (2006) também lhes reconhece valor. Compreender melhor a importância da música pode contribuir para a discussão sobre o desenvolvimento cognitivo, fundamentando propostas educacionais que utilizem a interacção entre idosos e crianças numa perspectiva de múltiplos benefícios recíprocos que envolvam o desenvolvimento de possibilidades específicas dessas faixas etárias.

Para os avós torna-se importante poderem mostrar os jogos e as danças e cantigas do passado pois, de certo modo, isso mostra aos netos a sua experiência. Também relembra aos netos que os seus avós já tiveram a sua idade, o que pode proporcionar um vínculo mais acentuado e permitir uma troca de saberes mais fluida.

As pessoas idosas reconhecem ainda que os netos lhes transmitiram **saberes socioculturais**, nomeadamente a nível da **prática desportiva** e dos **saberes lúdicos**.

Um participante referiu que os netos o ensinaram a nível da **prática desportiva**, ao ensinarem a nadar:

“...Ensinar-me até a nadar. Na praia. Tá certo que não sou profissional!” (E2)

Franchi e Junior (2005) salientam que existem cada vez mais evidências científicas que comprovam os benefícios de um estilo de vida activo na manutenção da capacidade funcional e da autonomia física durante o processo de envelhecimento. O exercício físico melhora a velocidade do andar; melhora o equilíbrio; contribui para a manutenção e/ou aumento da densidade óssea; ajuda no controle de doenças como a Diabetes, a artrite e doenças cardiovasculares; melhora a ingestão alimentar; diminui o risco de depressão; melhora os reflexos; diminui o risco de quedas; melhora a flexibilidade; ajuda a manter o peso corporal ideal e melhora a mobilidade.

Poder associar o exercício físico entre uma pessoa idosa e o seu neto, potencia quer as vantagens da actividade física, quer os benefícios da relação intergeracional.

Se os avós ensinam aos netos **saberes lúdicos** dos seus tempos, também os netos revelam aos avós brincadeiras e histórias do tempo actual.

Igualmente Morgado e Vitorino (2012), no seu estudo, chegaram à conclusão que os netos contribuem para o desenvolvimento dos avós, através da introdução de novos conceitos, por exemplo, tecnológicos.

Existem netos que ensinam os avós a brincar, contos e músicas:

*“Ensinarão a brincar. A dizer muitas vezes, as coisas, brincando, e tocando profundamente no nosso coração.”* (E4)

*“Os meus netos ensinam-me contos [risos]. Ensinam-me contos.”* (E9)

*“...Ensinam-me às vezes canções.”* (E9)

Em relação aos contos, os netos, com o seu discurso rico em fantasias, com expressões próprias, normalmente, não apresentam preconceitos sociais para com o avô, promovendo uma maior diversidade de experiências sociais ao idoso, bem como novas redes de apoio social (Brandão *et al.*, 2006).

### 2.3.3 Saberes académicos

Os **saberes académicos** adquirem neste estudo o sentido de ensinamentos ligados ao que se aprende no contexto escolar, nomeadamente ao **ler** e ensino da **matemática**.

De acordo com os participantes, o que mais ensinaram aos seus netos foi a **ler**.

*“E ensinei-lhes a ler”* (E2)

*“Eu ensinava-os a eles a começar a fazer o “a, e, i, o, u” [risos].”* (E7)

*“As primeiras coisas dos livros, dos livros da primeira classe. Ensinava-lhe as primeiras letras.”* (E9)

Também os saberes ligados à **matemática** foram transmitidos dos avós aos seus netos: *“Olhe, eu não tenho a 4ª classe mas dei-lhes muitas instruções de contas.”* (E2).

Silva (2012) verificou que os avós valorizam muito a escola e a educação e, quando sentem que não conseguem ajudar os netos nos trabalhos escolares, definem estratégias para encontrar uma solução. Este facto pode ser explicado tendo por base o que já foi referido anteriormente: a impossibilidade de muitos avós poderem estudar e a percepção de que, ao estudarem, podem adquirir melhores condições de vida, leva-os a planear para

os netos, actividades que estimulem as suas capacidades para o acto de estudar e de adquirir conhecimentos.

Os participantes desta investigação não estiveram muito tempo na escola, o que os impossibilitou de se desenvolverem intelectualmente. A necessidade de entrarem no mercado de trabalho cedo, para ajudarem no sustento da família, inviabilizou os estudos:

*“Havia menos princípios intelectuais, que nem todos tinham possibilidade de estudar. Se fizessem a sua 3ª ou 4ª classe, já era muito! O trabalho é que valia.” (E4)*

Como afirma um participante, agora há: *“...possibilidades que noutros tempos não.” (E4).*

Actualmente, em Portugal, os adolescentes só podem começar a trabalhar a partir dos 16 anos e o ensino passou a ser obrigatório até ao 12º ano de escolaridade. Só estes factores já são suficientes para garantirem que muitos mais jovens aprendam mais e desfrutem mais da escola. Por outro lado, ao longo dos anos, houve um aumento significativo do número de jovens a entrarem para a faculdade, o que leva a uma especialização dos conhecimentos e a ser um objectivo dos progenitores, permitir que os seus filhos possam ir para a Universidade. Há também a crença de que agora: *“...as crianças são mais espertas, têm os infantários” (E1).*

Os infantários e creches surgem, para os avós, como locais propícios ao desenvolvimento infantil. É de salientar que no seu tempo estas instituições não existiam.

Como já se referiu, na análise de Triadó e Posada (2000), aquilo que os avós mais gostam nos seus netos, além da parte emocional, é a responsabilidade e o compromisso com os estudos e trabalhos. Mais uma vez é possível observar a importância que os saberes académicos representam para as pessoas idosas, o que vai ao encontro dos dados que se obteve neste estudo, ao se averiguar que os avós ensinam os netos a ler e a realizar contas.

No que concerne aos **saberes académicos** que os netos transmitiram, na opinião dos avós, foram conhecimentos a nível de **ler mais rápido** e do **falar adequadamente**.

Houve um participante que verbalizou que os netos o ensinaram a **ler mais rápido**:

*“Os meus netos ensinaram-me a ler. Rápido. Eu lia. E ainda hoje leio. Mas eles diziam assim: “leia assim”.” (E2)*

Alguns participantes relataram que foram ensinados a **falar adequadamente**, no sentido de pronunciarem e articularem de forma correcta as palavras:

*“Ensinam-me a falar, que é coisa que eu não sei [gargalhada]. Eu não sei falar bem. A gente antes era de qualquer maneira, não é? Eu só fui 8 dias à escola e ainda sei fazer o meu nome e ainda sei muito. “Oh avó é assim, oh avó é assado. Você há-de dizer assim”. “Tá bem, eu digo, eu digo. ”. (E8)*

*“... Estão-me sempre a ensinar: “Você não sabe falar. Fala mal! Não se diz assim.”. Eu falo à minha maneira, não é? Falo à minha maneira, à maneira da aldeia, à maneira que eu fui criada. E eles querem falar de outra maneira. Querem que eu fale melhor [gargalhada]...”. (E9)*

É de ressaltar a impossibilidade que algumas pessoas idosas tiveram de estudar e frequentar a escola: *“Eu só fui 8 dias à escola e ainda sei fazer o meu nome e ainda sei muito...” (E8).*

Este facto leva-as a sentirem-se gratas quando os netos lhes transmitem esses conhecimentos que não puderam ter:

*“...Digo uma palavra e eles, como não é assim, corrigem-me! E eu adoro, fico toda contente...” (E5)*

Lopes, Neri e Park *apud* Paula *et al.* (2011) corroboram ao referirem que as crianças e os idosos se ajudam mutuamente. As primeiras porque conhecem realidades diferentes da sua e as pessoas idosas porque usufruem da vitalidade dos mais jovens. No convívio com os netos, os avós dão continuidade, por meio de histórias e relatos familiares, às tradições e cultura.

Para Moragas (2003), em diversos campos se reconhece a necessidade da transferência de valores aos jovens, através da experiência dos mais velhos, surgindo os programas educacionais de educação intergeracionais. A história, a cultura da comunidade, as instituições, as profissões tradicionais, o artesanato e a gastronomia do passado devem ser comunicadas às gerações presentes para uma interpretação global do mundo contemporâneo.

E o que guardam os netos do que lhes foi transmitido? De acordo com Macedo (2007), os netos pensam em preservar os valores ligados à educação, respeito e amor ao próximo, reunião em família e união familiar, e, por último, aos objectivos de vida. Não deixa de ser uma perspectiva interessante e que vai ao encontro ao que os participantes desta pesquisa ressaltaram.

Na sua investigação, Macedo (2007) questionou quer netos, quer avós sobre o que transmitiam aos uns aos outros. Os mais jovens expuseram que brincavam e conversam (confirmando o que as avós disseram). E acrescentaram também que explicavam coisas que os avós não entendiam; ensinavam a lidar com o telemóvel e conversavam sobre o que

aprendiam na escola.

Como se pode deduzir, os netos também são transmissores de conhecimento para os seus avós e estes conhecimentos devem ser estimados e fomentados. A transmissão de valores mantém-se ao longo das décadas, uma vez que aquilo que os participantes mais transmitiram aos seus netos foram os valores, talvez devido à herança dos seus próprios avós.

Também Triadó e Posada (2000) estudaram como percebem os avós a sua relação com os netos e concluíram que aquilo que os avós mais apreciam nos seus netos é a afectividade e o carinho, a proximidade física e a responsabilidade (compromisso com os estudos e trabalhos). Todos estes dados vão corroborar os resultados do estudo em vigor. Estes autores também concluíram que a relação entre avós e netos não é simétrica, uma vez que os avós dão mais do que recebem.

### 3. FACTORES QUE CONDICIONAM OS AVÓS NO DESEMPENHO DO SEU PAPEL

Existem entraves ao desenvolvimento de uma relação mais ou menos vantajosa quer para avós, quer para os seus netos. Os participantes desta pesquisa apontaram os seguintes aspectos: disponibilidade, distância geográfica e ressentimento (Ilustração 5).



Ilustração 5: Representação da Dimensão Factores que condicionam os avós no desempenho do seu papel e suas categorias

### 3.1. DISPONIBILIDADE

A falta de tempo é uma das mais referidas dificuldades que os avós revelam. Estes verbalizam que passam pouco tempo com os netos:

*“...É uma relação boa só que [pausa] pouco tempo, não é?” (E1)*

*“Gostava que estivessem mais tempo comigo e eu com eles.” (E10)*

Inclusive, há um participante que refere que as novas tecnologias roubam tempo aos netos para estes poderem desfrutar com qualidade a relação com os avós:

*“Eles têm os computadores e os computadores roubam o tempo. Isso é uma verdade.” (E5)*

Existem algumas pesquisas que reflectem sobre com qual dos avós (paternos ou maternos), passam mais tempo os netos. No estudo realizado por Pires (2010), esta concluiu que os netos passam mais tempo com os avós maternos, sendo que o convívio com os avós (paternos e maternos) é, maioritariamente, diário ou semanal.

Pires e Coelho (2011), num estudo de caso em que se analisa a presença e o papel dos avós nas famílias e fora delas, relativamente ao convívio com os avós, verificaram que 57,3% dos alunos convivem mais com os avós maternos. No que diz respeito à frequência com que os jovens estão com os avós, no caso dos avós maternos, 38,3% convive com eles todos os dias e 30% fá-lo uma vez por semana. Há ainda os que convivem com os avós apenas nas férias. Relativamente aos avós paternos, o convívio diário é menos frequente. Constatou-se que os avós maternos bem como os paternos continuam presentes na vida dos netos, mesmo vivendo em localidades diferentes, verificando-se que esta presença é mais incidente na vida dos netos mais jovens. Confirmou-se também que os avós estão presentes em apenas 15,7% das famílias, estando ausentes na grande maioria destas.

### 3.2 DISTÂNCIA GEOGRÁFICA

Analogamente à disponibilidade, a distância física é um dos factores que mais impossibilita que os participantes se relacionem com os netos. O facto de os netos viverem longe de casa dos avós é um grande condicionante à partilha de momentos juntos:

*“ [Suspiro e mãos em jeito de oração]. Gostava que eles estivessem mais pertinho de mim, que eu sempre os v ia mais vezes.” (E1)*

*“E pronto, é bom, quer-se dizer, é pena não estarmos perto, sempre nos víamos.” (E5)*

Os estudos divulgam que quanto maior for a proximidade física, maiores são as probabilidades de as relações intergeracionais trazerem benefícios para os netos e avós. Na sua investigação, Silva (2012) conclui que um aspecto importante para que haja uma troca de afecto e de conhecimentos entre as gerações mais jovens e as mais velhas é a co-residência ou um convívio constante. O contacto diário ou semanal é condição para florescer e cristalizar a reciprocidade entre as gerações. Também Morgado e Vitorino (2012), na sua pesquisa, concluíram que a transmissão de conhecimentos dos avós é tanto maior, quanto maior for a proximidade em relação aos netos.

Cunha e Matos (2010) similarmemente alegam que as relações avós e netos não estão imunes aos aspectos sociodemográficos e, como tal, encontraram-se algumas variáveis que complexificam esta relação. A proximidade geográfica parece interferir nas dimensões confiança e mediação: na ausência de proximidade estas dimensões baixam, o que sugere que a proximidade geográfica facilita a relação. Pode compreender-se este resultado na medida em que estas dimensões envolvem aspectos do quotidiano que requerem essencialmente a presença física da figura preferida, o que se torna mais viável, quando há proximidade geográfica. Neste mesmo sentido, na co-residência com avós, não surpreende a existência de maiores níveis de confiança, o que pode estar associado a esta maior proximidade dos avós.

### 3.3 RESSENTIMENTO

Também a separação emocional quebra os elos da relação dos participantes com os netos, gerando ressentimento. Há um participante que afirma:

*“Gostava de conviver com eles [netos], que o ideal era esse, mas quê, eles não são em modo ” (E6)*

Este relato significa que existe uma divisão na forma de estar entre o mesmo e os netos, conduzindo à inexistência de uma relação que seja satisfatória para ambas as partes.

Os avós e os netos encontram-se em momentos díspares dos seus ciclos de vida e isso pode ser bastante negativo para a relação. Ambas as gerações têm expectativas e experiências diferentes. Além desta justificação, a personalidade varia entre todos os seres humanos, permitindo que não existam pessoas iguais, emocionalmente. Deste modo, o fosso entre gerações pode tornar-se demasiado evidente e inultrapassável, o que afasta as mesmas e não as deixa construir uma conexão proveitosa.

Para um participante, a falta de momentos lúdicos, onde pudesse brincar e divertir-se com os netos, foi uma condicionante para que a relação que desenvolveu com os mesmos não fosse totalmente do seu agrado, originando, conseqüentemente, ressentimento:

*“ [...] ainda compreendo que o jovem precise de uma brincadeira, assim como tem necessidade de um conselho e de uma palavra amiga, também gosta de uma brincadeira. Por conseguinte, era isso que eu gostaria de ter com eles: brincar. Suponhamos uma corrida, embora eu ficasse atrás mas até gozava o panorama. Qualquer coisa que nos divertisse. E que aproximasse mais o neto da avó!” E4*

De acordo com Clarke Roberts *apud* Pires e Coelho (2011), factores como a idade (quer dos netos, quer dos avós); a proximidade geográfica; o género; o estado civil e a situação de emprego dos avós influenciam a extensão e a natureza dos contactos intergeracionais. Os avós com pouca saúde são, por norma, mais formais; os avós mais novos e com mais saúde são mais divertidos e os avós que vivem mais longe tendem a assumir um estilo mais distante (Sousa, 2006).

Assim, um avô mais jovem, mesmo que mantenha o seu emprego, terá melhor condição física para se dedicar às brincadeiras com os seus netos.

Na pesquisa de Kipper e Lopes (2006) todas as avós relataram que quando os seus filhos eram pequenos tinham que trabalhar e não tinham disponibilidade para brincar com eles. Desta forma, procuravam resgatar com os netos a vivência que não puderam ter com os filhos e proporcionar-lhes tudo o que não puderam dar aos filhos. Ou seja, o neto tem o poder de reavivar nos avós os seus desejos, sonhos e ideais que não puderam ser realizados.

Factores como a idade da reforma a aumentar, os fluxos migratórios mais frequentes, as alterações nas composições das famílias e o facto de doenças crónicas e incapacitantes terem taxas de incidência em pessoas cada vez mais jovens, pode conduzir a um afastamento mais vincado entre avós e netos, impossibilitando que se desenvolvam actividades e momentos de transmissão de conhecimentos.

Se os avós trabalham até mais tarde, haverá menos probabilidade de cuidarem dos netos, sendo as creches e infantários a opção dos pais. Com a falta de emprego em diversas áreas, há cada vez mais pessoas a emigrarem e a migrarem, constituindo as suas famílias longe dos progenitores. As famílias onde existem divórcios ou famílias monoparentais podem proporcionar o afastamento dos netos em relação aos avós.



Apesar de todas estas contrariedades e de existirem situações incontornáveis, deve apostar-se em tempo de convívio de qualidade e pensar-se em políticas que promovam as relações intergeracionais.

Estes resultados de Minuzzi (2007) vêm ao encontro do que se analisa neste estudo. Os avós participantes relatam mais as actividades lúdicas com os seus netos, enfatizam mais os cuidados, transmitem muitos mais saberes e realizam actividades que vão além das tarefas básicas do dia-a-dia.

## CONCLUSÕES

Ao abordar-se o tema das gerações e dos ciclos de vida há uma ideia implícita de dinamismo, de transformação e de renovação. Independentemente das vantagens e desvantagens associadas a estas mudanças, esta ideia de movimento é análoga ao próprio conceito de viver: crescer, evoluir, maturar, envelhecer.

Ao longo do ciclo de vida, há papéis pré-definidos para cada pessoa, apesar das constantes alterações que a sociedade actual enfrenta, nomeadamente a nível pessoal, familiar, social e financeiro. E é no decorrer destas alterações que o próprio conceito de envelhecer se tem vindo a modificar. O envelhecimento é um fenómeno absolutamente individual, variável e intransmissível, cuja conquista se dá dia após dia, desde a infância. Não sendo um processo único, mas a soma de vários outros distintos entre si, assume-se como um período complexo, abrangendo várias alterações biológicas, cognitivas, psicológicas, sociais e afectivas, transversais a alterações externas de origem política, económica e cultural. As pessoas vivem mais anos, com mais recursos passíveis de prolongar a existência humana, independentemente das limitações deste processo, e uma velhice bem-sucedida é, geralmente, consequência de uma vida bem-sucedida e de uma capacidade de adaptação forte.

Sendo o envelhecimento um período comum a todas as pessoas é imperioso contribuir com acções eficazes para que esta etapa seja vivida com maior dignidade, qualidade e consideração, devendo respeitar-se os objectivos e projectos pessoais, tentando manter a pessoa integrada e participativa na sociedade. Desta forma, a importância da intergeracionalidade assume-se cada vez mais pertinente, uma vez que o relacionamento entre as gerações viabiliza a troca e a transmissão cultural e familiar.

O objectivo principal deste estudo foi perceber como as pessoas idosas experienciam o seu papel como avó/avô, através dos objectivos específicos. Relativamente ao objectivo “identificar os significados que os avós atribuem à sua relação com os netos” foi possível perceber que, por parte dos avós, esta relação se baseia num apoio instrumental e afectivo. Os avós valorizam os afectos e são mediadores entre a geração dos seus filhos e a dos seus netos, apesar de poderem existir vulnerabilidades que abalem a conexão com os seus netos. Por outro lado, os avós dedicaram ou dedicam grande parte do seu tempo a prestar cuidados aos netos e substituíram, em muitos casos, os próprios pais, ao assegurar a educação e sustento dos netos. Por seu turno e apesar de menos frequente,

os netos prestam algum auxílio aos avós e preocupam-se com os mesmos. A relação é maioritariamente pautada por sentimentos positivos como o afecto e orgulho.

Ao nível das actividades que ambas as gerações realizam em conjunto, estas podem ser de cariz social, como a partilha de refeições, o conversar e o ver televisão; ou mais lúdicas e restritas a avós e netos, como o brincar/jogar, passear, nadar e a partilha das novas tecnologias.

Em relação ao que os avós transmitem aos netos e ao que os netos transmitem aos avós (na perspectiva dos avós), sobressaem os valores, os saberes socioculturais e os saberes académicos. No entanto, enquanto os avós transmitem e valorizam valores de ordem espiritual, moral, pessoal e familiar, os netos só transferem valores pessoais. No que respeita aos saberes socioculturais, os avós ensinam aos netos actividades a nível do “saber fazer”, como as tarefas domésticas e os saberes lúdicos, como jogos, cantigas e danças. Os netos, por seu lado, mostram aos avós actividades desportivas, brincadeiras, contos e músicas. Relativamente aos saberes académicos, enquanto os avós ensinam os netos a ler e os saberes matemáticos, os netos instruem os avós a ler mais rápido e a falar adequadamente.

No que concerne aos factores que condicionam os avós no desempenho do seu papel são referidos a disponibilidade, a distância geográfica e o ressentimento. É importante referir que a média de idades dos idosos entrevistados é de 84 anos e que estes se encontram num centro de dia, enquanto os netos são, maioritariamente, adultos jovens que se encontram a estudar ou a trabalhar. Desta forma, o encontro intergeracional fica comprometido.

Embora não fosse um objectivo específico desta investigação, foi curioso perceber quais as alterações que ocorreram, ao longo do tempo, no ciclo de vida familiar. Estas pautaram-se a nível dos valores, dos afectos, do cuidado, da importância da família, do trabalho, dos saberes académicos e do lazer. No tempo em que os participantes eram netos e jovens, existia maior respeito pelo outro, humildade e mais carinho e amor. Apesar de os avós também terem cuidado dos seus netos, houve uma alteração desse cuidado para com as pessoas idosas e as pessoas moribundas. A família assegurava os cuidados a todos os seus membros, inclusive na velhice, enquanto que, actualmente, muitas pessoas idosas são abandonadas em casa ou deixadas nos lares. Em relação ao trabalho, antes, segundo os participantes, a ocupação laboral resumia-se às tarefas árduas no campo e era necessário trabalhar muito para garantir um mínimo de estabilidade. Eram tempos difíceis, que impossibilitavam as crianças de estudar. Em vez disso, eram necessárias para o trabalho agrícola e, muitas vezes, eram negligenciadas, pois o trabalho absorvia todo o

tempo dos familiares. Apesar do supracitado, os participantes consideram que se divertiam mais do que as crianças e jovens actuais.

Conclui-se, pelos relatos dos avós, que estes prestam maior apoio instrumental aos netos e transmitem mais saberes. Apesar da assimetria, é possível identificar no apoio afectivo, nomeadamente na valorização dos netos, que a relação assume contornos proporcionais, sendo bastante benéfica esta troca recíproca de aspectos positivos que favorecem uma relação mais saudável e proveitosa para ambas as gerações. Existem vantagens para os mais novos, que usufruem de um cuidado e apoio mais individualizado e de uma educação mais vasta, e para os avós, que têm a possibilidade de se manterem úteis e de se sentirem valorizados ao contribuir para a formação e cuidado dos netos.

Cabe salientar que estes resultados, ainda que não possam ser extrapolados para a população (devido à natureza do estudo), não deixam de se revelar interessantes e grande parte vão ao encontro da bibliografia existente. A pertinência deste estudo justifica-se pela mudança de paradigma nos processos de prestação de cuidados, particularmente e essencialmente, na Enfermagem. A mudança do enfoque dos cuidados, em que se percebe a pessoa de forma holística, implica que se atente às reais necessidades da pessoa, do grupo, da família e da comunidade. E o convívio intergeracional entre os avós e os netos, trazendo vantagens para estas duas gerações e contribuindo para o seu equilíbrio, é uma necessidade que deve ser compensada e fomentada.

No sentido de valorizar os saberes dos mais velhos e dos mais novos, a Enfermagem necessita de repensar os valores da profissão, face às alterações demográficas da sociedade, e manter-se actualizada em relação às variações que acompanham o envelhecimento das famílias, de forma a prestar cuidados adequados e direccionados às necessidades incertas mas desafiadoras. Em cenários actuais, em que se promove a prevenção como atitude basilar para se manter um equilíbrio no estado saúde-doença, o Enfermeiro deve estar atento às transições que acompanham o indivíduo e a família e fazer a ponte com a comunidade. Desmitificar a velhice como algo patológico e distante para as crianças, jovens e adultos é um forte contributo para a valorização social da pessoa idosa. É assim imprescindível começar a fomentar o desenvolvimento destas temáticas nas crianças, quer para evitar os estereótipos do envelhecimento, quer para promover as actividades intergeracionais, de modo a que as gerações mais novas se encontrem cada vez mais disponíveis para interagir com as gerações mais velhas.

Há cada vez mais pessoas idosas e deve ser intensificada a formação para os próprios profissionais de Enfermagem saberem cuidar de forma mais particular e estarem atentos às reais necessidades desta faixa etária. Desta forma, ficam habilitados a ajudar a comunidade a encontrar formas de criar espaços e actividades que permitam a inclusão social da pessoa idosa e educam também a sociedade, no sentido da valorização do envelhecimento e da criação dos laços intergeracionais.

O desafio da Enfermagem é integrar os familiares como um recurso e colaboradores da equipa de saúde. Para isso é necessário ter em atenção as suas necessidades. Assim, com este estudo, também se espera que a temática das relações entre os avós e netos seja mais desenvolvida em futuras investigações, através de novos prismas e abordagens. Se a relação intergeracional contribui para o bem-estar da família, então considera-se pertinente a realização de estudos que analisem os benefícios dessa relação, consoante os grupos etários a que pertencem avós e netos ou como percebem os netos a relação com os avós.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Madalena - **(Des)Equilíbrios familiares**. 3ª ed. Coimbra: Quarteto, 2006. 374p. ISBN 989-558-067-3.
- ALENCAR, Raimunda S. – (Re) significando a solidariedade na velhice: para além de laços consanguíneos. **Acta Scientiarum**. Maringá. ISSN 1679-736. Vol. 34, nº 1 (Jan. – Jun., 2012), p. 9-17
- ALVES, Sâmea M. - **Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos**. [Dissertação de mestrado em Políticas Públicas e Sociedade] Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013, 188p.
- ANTÓNIO, Stella *in* AIZPURU, Pilar [coordenadora] – **Familias y relaciones diferenciales: género y edad**. Murcia: Editium, 2009. 268p. ISBN: 978-84-8371-916-9.
- ARAÚJO, Mayeve R., DIAS, Cristina M. - Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. Estudos de Psicologia [Em linha]. Vol.7, nº 1 (2002), p. 91-101. [Consult. 10 Out. 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10957.pdf>. ISSN 0103-166X.
- ASSIS, Wanda R. - **O caminho intergeracional dos sentimentos: estudos dos padrões afetivos transmitidos pela família**. [Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, 232p.
- AZEVEDO, Maria C.; MAIA, Ângela – **Maus-tratos à Criança**. Lisboa: Climepsi Editores, 2006. p. 162. ISBN 972-796-220-3.
- BARDIN, Laurence - **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013. p.281. ISBN 9789724415062.
- BARNARD, A.; MCCOSKER, H.; GERBER, R. - Phenomenography: a qualitative research approach for exploring understanding in health care. **Qualitative Health Research**. ISSN 1049-7323. Vol. 9, nº2 (1999), p. 212-226
- BERNARD, Miriam [et al.] - Continuity and Change in the Family and Community Life of Older People. **Journal of Applied Gerontology**. ISSN 0733-4648. Vol.20, nº3 (2001), p.259-278

- BERNAL, Jerónimo G. e ANUNCIBAY, Raquel F. - Relevancia psico-socio-educativa de las relaciones generacionales abuelo-nieto. **Revista Española de Pedagogía**. ISSN 0034-9461. N.º 239 (Jan. – Abr., 2008), p.103-118
- BRANDÃO, Lenisa [et al.] – Narrativas intergeracionais. Psicologia: Reflexão & Crítica [Em linha]. Vol.19, nº 1 (2006), p. 98-105. [Consult. 10 Jun. 2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722006000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000100014)
- BROUGÉRE, Gilles - A criança e cultura lúdica. Revista da Faculdade de Educação [Em linha]. Vol. 24, nº2 (Jul./Dez. 1998). [Consult. 12 Jun. 2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007)>.
- BURNS, Robert B. - **Introduction to research methods**. London: Sage Publications, 2000, 624p. ISBN 978-0733909122.
- CARDOSO, Vanessa S. - **Os avós e a concessão de guarda judicial de netos na perspectiva do ciclo de vida familiar**. [Tese de doutoramento em Psicologia] Brasília: Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2010, 202p.
- CARMEN e NEILA in ANDRADE, Carmen M.; OSÓRIO, Neila B. e NETO, Luiz S. - **Avô - Neto: uma relação de risco e afecto**. Santa Maria: Biblos Editora, 2008. 58p. ISBN 8589174409.
- CARPENTER, Dona in STREUBERT, Helen J.; CARPENTER, Dona R. – **Investigação Qualitativa em Enfermagem – Avançando o imperativo humanista**. 2ªed. Loures: Lusociência, 2002. 383 p. ISBN 972-8383-29-0.
- CARRAPATOSO, Susana M. – **Os sentidos da actividade física intergeracional: práticas num centro social**. [Monografia da licenciatura em Desporto e Educação Física na área da Recreação e Lazer] Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2009, 61p.
- CARTER, B., MCGOLDRICK, M. - **Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 512p. ISBN 9788573078336.
- CASPER, Lynne M.; BRYSON, Kenneth R. - Co-resident grandparents and their grandchildren: Grandparent maintained families. U.S. Census Bureau [Em linha]. (Mai, 1998), p.1-10 [Consult. 17 Mar. 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.census.gov/prod/99pubs/p23-198.pdf>
- COSTA, ANABELA F. - **Educação dos valores: A Educação Moral e Religiosa Católica entre a Família e a Escola**. [Dissertação de mestrado em Ciências Religiosas] Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 2011, 57p.

- COSTA, Rosalina P. - **Pais e Filhos, Avós e Netos: Notas sobre Envelhecimento Positivo e Qualidade de Vida em Cidades de Média Dimensão**. Évora: Centro de estudos da população, economia e sociedade, 2012, 29p.
- CRESWELL, J. W. - **Projecto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p. ISBN 8536308923.
- CUNHA, Bebiana; MATOS, Mena P. - **Relações Intergeracionais: Significados de Adolescentes sobre Avós e Idosos**. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia: Universidade do Minho, 2010, p.1038-1052.
- DIAS, Maria B. - A influência dos avós nas dimensões familiar e social. Revista Symposium [Em linha]. Ano 6, nº 1/2 (Jan. - Dez. 2002), p. 34-38 [Consult. 9 Jan. 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/5743/5743.PDF>. ISSN 1982-9981
- DIAS, Cristina M., SILVA, Márcia S. in FÉRES-CARNEIRO, T. [coordenador] - **Casal e Família, entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Ed. Nau, 1999. 206p. ISBN 8585936320.
- DIAS, Cristina M., SILVA, Márcia S. - Os avós na perspectiva de jovens universitários. Psicologia em Estudo [Em linha]. Vol. 8, nº esp., (2003), p. 55-62. [Consult. 28 Dez. 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa08.pdf>. ISSN 1413-7372.
- DURÃO, Mário C. - **Significados e contribuições dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens**. [Dissertação de mestrado em Educação, na especialidade de Formação Pessoal e Social] Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012, 120p.
- DUTRAS, Helena M. - **O papel da avó na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos**. [Dissertação de mestrado em Saúde Escolar] Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2009, 212p.
- FERNANDES, Manuel A. – Introdução à Fenomenografia: Potencialidades de aplicação à investigação em saúde e enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**. ISSN 0874-7695. Nº 12 (2005), p. 3-10
- FERRIGNO, José C. - A co-educação entre gerações. Revista brasileira de educação física e esporte [Em linha]. Vol.20, (set. 2006), p.67-69. [Consult. 10 Mai. 2013]. Disponível em WWW:<URL: [http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/19\\_Anais\\_p67.pdf](http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/19_Anais_p67.pdf). ISSN 1807-5509
- FLORES, Gisela C. – **“Eu cuido dela e ela me cuida”**: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso. [Dissertação de mestrado em Enfermagem] Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2008, 128p.



- FORTIN, Marie-Fabienne – **O Processo de Investigação: Da Concepção à Realização**. Loures: Lusociência, 1999. 351p. ISBN 972-8383-10-X.
- FRANCHI, Kristiane M.; MONTENEGRO JÚNIOR, Renan M. - Actividade Física: uma necessidade para a boa saúde na terceira idade. Revista Brasileira em Promoção da Saúde [Em linha]. Vol.18, nº3 (2005) p.152-156. [Consult. 10 Ago. 2013]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/artigos/pdf10.pdf>
- GÓES, José A. *in* FREITAS, FONTES e OLIVEIRA [organizadores]. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. EDUFBA: Salvador, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0543-0.
- GOMES-PEDRO, João *in* OLIVEIRA, João M. [coordenador] – Povos e Culturas: Os avós como educadores. **CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa – Universidade Católica Portuguesa**. ISSN 0873-5921. 2006, 226p.
- GONÇALVES, Vítor., PATRÍCIO Raquel. - **TINA: um projecto para netos e avós**. Lisboa: I Encontro Internacional TIC e Educação, 2010. p. 287-291. ISBN 978-989-96999-1-5.
- GRAZINA, Mariana C., SOUSA, Ana P. - **Intergeneracionalidade: que futuro?** VII Congresso Português de Sociologia: Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2012, 17p.
- GUERRA, Isabel C. – **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso**. Principia: Lisboa, 2006. 95p. ISBN 972-8818-66-1.
- HARPER, Sarah *in* OLIVEIRA, João M. [coordenador] – Povos e Culturas: Os avós como educadores. **CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa – Universidade Católica Portuguesa**. ISSN 0873-5921. 2006, 226p.
- HUTCHINSON, Sally e WILSON, Holly *in* MORSE, Janice M. – **Aspectos essenciais de Metodologia de Investigação Qualitativa**. Formasau: Coimbra, 2007. 373p. ISBN 978-972-8485-89-4.
- IMBER-BLACK, E. *in* CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. [et al.]. - **As mudanças no ciclo de vida Familiar - Uma estrutura para a terapia familiar**. 2º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 512p. ISBN 9788573078336
- INFOPÉDIA – Enciclopédia e Dicionários Porto editora. Porto Editora [Em linha]. 2011 [Consult. 5 Jan. 2012] Disponível em WWW:<URL: <http://www.infopedia.pt/>
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA - Censos 2011: Resultados Definitivos de 20 Nov. 2012 [Em linha] [Consult. 03 Jan. 2013] Disponível em WWW:<URL: [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdes\\_t\\_bbou=107624784&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdes_t_bbou=107624784&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2)

- JANELA, António - *in* OLIVEIRA, João M. [coordenador] – Povos e Culturas: Os avós como educadores. **CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa – Universidade Católica Portuguesa**. ISSN 0873-5921. 2006, 226p.
- JENKS *in* STREUBERT, Helen *in* STREUBERT, Helen J.; CARPENTER, Dona R. – **Investigação Qualitativa em Enfermagem – Avançando o imperativo humanista**. 2ªed. Loures: Lusociência, 2002. 383 p. ISBN 972-8383-29-0.
- KIPPER, Caroline D., LOPES, Rita S. - O tornar-se avó no processo de individuação. Psicologia: Teoria e Pesquisa. [Em linha] Vol. 22, nº1 (Jan. – Abr. 2006), p.29-34 [Consult. 8 Mar.. 2013]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n1/29841.pdf> ISSN 0102-3772.
- KISHIMOTO, Tizuko *in* KISHIMOTO, Tizuko (org.) - **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 9ªed. São Paulo: Cortez, 2006. 183p. ISBN 9788524916472.
- LIMA, Cristina R. - **Programas intergeracionais: um estudo sobre as actividades que aproximam as diversas gerações**. [Dissertação de Mestrado em Gerontologia] São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2007, 202p.
- MACEDO, Fabiana B. - **Famílias ludovicenses: um estudo sobre a transmissão dos valores culturais e familiares na perspectiva de avós e netos**. [Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica] Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2007, 118p.
- MAGALHÃES, T. – **Maus-tratos em Crianças e Jovens**. 4ªed. Coimbra: Quarteto, 2005. p. 142. ISBN 989-558-074-6
- MARANGONI, Jacqueline F. - **Meu tempo, seu tempo: reflectindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar**. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, na área do Desenvolvimento Humano no Contexto Sociocultural]. Brasília: Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2007, 120p.
- MARCON, Sónia S., ELSÉN, Ingrid - A enfermagem com um novo olhar...a necessidade de enxergar a família: A new look at nursing...the need of seeing the family. Família, Saúde e Desenvolvimento. [Em linha] Vol.1, nº1/2, (jan..- dez. 1999), p.21-26. [Consult. 05 Fev. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/refased/article/view/4877/3727> ISSN 1517-6533.
- MARQUÊS, Sílvia V. - **Educabilidade e construção de laços intergeracionais**. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia: Universidade do Minho, 2009, p.1871-1880. ISBN- 978-972-8746-71-1.

- MARTON, Ference; BOOTH, Shirley. – **Learning and Awareness**. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1997. 224p. ISBN 978-0805824551.
- MELEIS, Afaf I., - **Transitions theory: middle-range and situation-specific theories in nursing research and practice**. Springer publishing company: New York, 2010. 642p. ISBN 978-0-8261-0534-9.
- MELEIS, Afaf I., SCHUMACHER, K. *in* MELEIS, Afaf I., - **Transitions theory: middle-range and situation-specific theories in nursing research and practice**. Springer publishing company: New York, 2010. 642p. ISBN 978-0-8261-0534-9.
- MELEIS Afaf I; SCHUMACHER, K. e JONES, *in* MELEIS, Afaf I., - **Transitions theory: middle-range and situation-specific theories in nursing research and practice**. Springer publishing company: New York, 2010. 642p. ISBN 978-0-8261-0534-9.
- MELEIS, Afaf I., TRANGENSTEIN, Patrícia - Facilitating Transitions: redefinition of the nursing. **Nursing Outlook**. ISSN 00296554. Vol. 42, nº6 (1994), p.255-259.
- MINUZZI, Ivi H. - **Elos da memória - O discurso dos avós sobre a cultura**. [Dissertação de mestrado em Letras e Cultura Regional] Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007, 86p.
- MONTEIRO, Manuela, SANTOS, Milice R. - **Psicologia 12º Ano, 2ª parte**. Porto Editora: Porto, 2002.303p. ISBN 972-0-42107-X
- MORAGAS, Ricardo – **Relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas**. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações: São Paulo, 2003, 15p.
- MORGADO, Sónia, VITORINO, Anabela - Envelhecimento positivo ao serviço dos netos. **INFAD Revista de Psicologia**. ISSN 0214-9877. Vol. 1, nº2 (2012), p.13-24
- MORSE, Janice M. – **Aspectos essenciais de Metodologia de Investigação Qualitativa**. Formasau: Coimbra, 2007. 373p. ISBN 978-972-8485-89-4.
- NUNES, Lisa V. - **Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos Idosos através da intergeracionalidade**. [Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento] Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2009, 152 p
- OLIVEIRA, Barros - **Psicologia do Envelhecimento e do Idoso**. 4ª ed. Porto: Lúcia editora, 2010.144 p. ISBN 978-989-8148-39-1
- OLIVEIRA, Cristina M. - **Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa**. [Dissertação de Mestrado em Política Social] Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica de Lisboa, 2011, 76p.
- ORDEM DOS ENFERMEIROS - **Investigação em Enfermagem: Tomada de Posição**. [em linha]. Lisboa, 26 de Abril de 2006. [Consult. 5 Ago. 2013]. Disponível em

WWW:<URL:[http://www.ordemenfermeiros.pt/tomadasposicao/Documents/Tomada Posicao\\_26Abr2006.pdf](http://www.ordemenfermeiros.pt/tomadasposicao/Documents/Tomada Posicao_26Abr2006.pdf)

- PACHECO, S. – **Cuidar a pessoa em fase terminal: perspectiva ética**. Loures: Lusociência. 2002. ISBN 972-8383-30-4. 152 p.
- PARK, Keong-Suk [et al.] - Diversity and Structure of Intergenerational Relationships: Elderly Parent–Adult Child Relations in Korea. **Journal of Cross-Cultural Gerontology**. ISSN 0169-3816. Vol.20, nº 4 (2005), p. 285–305.
- PAULA, Flávia V. [et al.] – Avós e netos no século XXI: Autoridade, afecto e medo. **Rev. Rene**. ISSN 1517-3852, Vol.12 nº esp. (2011) p. 913-921.
- PELLEGRINO, Cláudia; TOBO, Patricia; KAMEI Helder - Combinação do toque e atividades lúdicas aumenta o bem-estar e fortalece o vínculo entre avós e netos. **Revista brasileira de medicina de família e comunidade**. ISSN 1809-5909. Vol.7, supl. 1 (2012)
- PIMENTEL, Luísa G. - O idoso e a família: vidas com projectos. **Futurando**. Nº 11-13 (2004), p. 39-44.
- PIMENTEL, Luísa G.; ALBUQUERQUE, Cristina P. - Solidariedades Familiares e o Apoio a Idosos: Limites e Implicações. Textos & Contextos [Em linha] Vol. 9, nº 2 (ago. – dez. 2010), p. 251 – 263. [Consult. 11 Jul. 2013]. Disponível em WWW:<URL:  
<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hxWaMWTm8JQJ:revista seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/7783/5787+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>
- PINTO, Maria C. - **As vivências experienciadas pelas Mulheres Mastectomizadas: Conhecer e Compreender para Cuidar**. [Dissertação de Mestrado em Oncologia] Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, 2009, 183p.
- PIRES, Maria F.; COELHO, Carlos M. *in* REIS, C. S.; NEVES, F. S. [coordenadores] - **Livro de Atas do XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação**. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. 2011. ISBN: 978-972-8681-35-7. p.413-417.
- PIRES, Maria F. – **Presença e papel dos avós – estudo de caso**. [Dissertação de mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Formação Pessoal e Social] Aveiro: Universidade de Aveiro, 2010, 106p.
- POEHLMANN [et al.] - Representations of family relationships in children living with custodial grandparents. **Attachment & Human Development**. ISSN 1461-6734. Vol. 10, nº2 (Jun. 2008), p.165-88.
- RALHA, Sara; BARBOSA, Raquel – **Envelhecer: Caminhos pensados, caminhos traçados**. Livro de atas do VIII Simpósio Nacional de Investigação em

Psicologia: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2013, p.563-572

- RAMOS, Anne C. - Morando com meus avós: as famílias conviventes na perspectiva das crianças. **Pedagogía y Saberes**. Brasil. ISSN 0121-2494. Nº37 (2012) p. 119-131.
- RAMOS, Natália – Relações e solidariedades intergeracionais na família: dos avós aos netos. **Rev . Port. De Pedagogia**. Coimbra. ISSN 870-418. Ano 39, nº1 (2005). p. 195-216
- RELVAS, Ana P. - **O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica**. 3ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2004. 236 p. ISBN 9723604132.
- RODRIGUES, João P. - **Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças: Uma abordagem intergeracional e intercultural**. [Dissertação de Mestrado de Comunicação em Saúde] Lisboa: Universidade Aberta, 2008, p.332
- ROSA, Maria J. e VIEIRA, Cláudia – **A População Portuguesa no século XX**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003. 134p. ISBN: 972-671-103-7.
- SAMPAIO, Daniel - **A razão dos avós**. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho. 2008, 242p. ISBN 78-972-21-2009-8.
- SANDBERGH, Jörgen - Are Phenomenographic Results Reliable? Higher Education Research & Development. [Em linha] Vol.16, nº2 (1997), p.203-212 [Consult. 12 Out. 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0729436970160207> ISSN 1469-8366.
- SANTOS, Elvira M. - **A Aprendizagem pela Reflexão em Ensino Clínico. Estudo Qualitativo na Formação Inicial em Enfermagem**. [Tese de Doutoramento em Didáctica]. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009, p.472
- SANTOS, Thamyris M.; SILVA, Simone S. e PONTES, Fernando A. - A participação dos avós no cuidado dos netos em uma comunidade ribeirinha amazónica. Psicologia: Teoria e Prática [Em linha] Vol. 13, nº 1 (2011), p.182-197 [Consult. 15 Fev. 2013]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.redalyc.org/pdf/1938/193819303014.pdf> ISSN 1516-3687.
- SCHENKER, Miriam – **Valores familiares e uso abusivo de drogas**. [Tese de doutoramento em Ciências] Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, 2005, 182p.
- SCHMIDT, Cristiane – **As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas?** [Dissertação de mestrado em Educação] Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, 142p.
- SCHWONKE, Camila R. [et al.]. – Internação domiciliar: Reflexões sobre a participação do cuidador/família/enfermeiro no cuidado. Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde [Em linha]. Vol. XII, nº 1, (2008), p. 77-

90. [Consult. 20 Fev. 2013]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.redalyc.org/pdf/260/26012806009.pdf>. ISSN 1415-6938
- SEGRE, Marco; COHEN, Cláudio – **Bioética**. EdUSP: São Paulo, 2002. ISBN 218p. 8531403049.
  - SILVA, Ana M. – A colaboração dos avós na educação dos netos. **Interfaces Científicas – Educação**. Aracaju. ISSN 2316-333X. Vol. 1, nº1 (2012).
  - SILVA, J. – **Quando a vida chegar ao fim: expectativas do idoso hospitalizado e família**. Loures: Lusociência. 2006. 332 p. ISBN 972-8930-25-9.
  - SJOSTROM, Bjorn e DAHLGREN, Lars O. - Applying phenomenography in nursing research. **Journal of Advanced Nursing**. Suécia. ISSN 1365-2648. Vol. 40, nº3 (2002), p. 339–345.
  - SOUSA, Liliana, FIGUEIREDO, Daniela, CERQUEIRA, Margarida – **Envelhecer em família – os cuidados familiares na velhice**. Âmbar: Porto, 2004. 171p. ISBN 972-43-0861-8.
  - SOUSA, Liliana *in* OLIVEIRA, João M. [coordenador] – Povos e Culturas: Os avós como educadores. **CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa – Universidade Católica Portuguesa**. Lisboa. ISSN 0873-5921. 2006, 226p.
  - SOUZA, Rosângela F., SKUBS, Ana T., BRÊTAS Cristina P. - Envelhecimento e família: uma nova perspectiva para o cuidado de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem [Em linha]. Vol. 60, nº 3 (Mai. – Jun. 2007), p. 263-267. [Consult. 7 Mar. 2013]. Disponível em WWW:<URL:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672007000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000300003). ISSN 0034-7167
  - STREUBERT, Helen *in* STREUBERT, Helen J.; CARPENTER, Dona R. – **Investigação Qualitativa em Enfermagem – Avançando o imperativo humanista**. 2ªed. Loures: Lusociência, 2002. 383 p. ISBN 972-8383-29-0.
  - SVENSSON, L. - Theoretical foundations of phenomenography. **Higher Education Research & Development**. ISSN 0729-4360. Vol. 19, nº2 (1997), p. 159-171
  - TARRANT, Anna - Constructing a social geography of grandparenthood: a new focus for intergenerationality. **Area**, Reino Unido. ISSN 0004-0894. Vol. 42, nº 2 (2010), p. 190–197.
  - THANG, Leng L. [et al.] Being a Good Grandparent: Roles and Expectations in Intergenerational Relationships in Japan and Singapore. **Marriage & Family Review**. Singapore. ISSN: 0149-4929. Vol. 47, nº 8 (2011), p. 548-570.
  - TOMIZAKI, Kimi - De uma geração a outra: a dimensão educativa dos processos de transmissão intergeracional. **Educação & Sociedade**. Campinas. ISSN 0101-7330. Vol. 31, nº 111, (Jun. 2010), p. 321-326.

- TRIADÓ, Tur C.; VILLAR, Posada, F. – El rol de abuelo: cómo perciben los abuelos las relaciones con sus nietos. **Rev. Esp. Geriatr. Gerontol.** Barcelona. ISSN 0211-139X. Vol. 35, nº 2 (2000), p.30-36.
- TRIADÓ, Tur C.; MARTÍNEZ, G. e VILLAR, F. - El rol y la importância de los abuelos para sus nietos adolescentes. **Anuário de Psicologia.** Barcelona. ISSN 0066-5126. Vol. 30, nº 2 (2000), p. 107-118.
- TUR, Carmen T., OLIVARES, José O. *in* HERNANDEZ, S. P.; MARTINEZ, M. S. – **Gerontologia: actualización, innovación y propuestas.** Madrid: Pearson Educación, 2005. 608 p. **ISBN 9788420543581**
- VICENTE, Henrique M., SOUSA, Liliana, *in* VICENTE, Henrique - **Família multigeracional e relações intergeracionais - Perspectiva sistémica.** [Tese de Doutoramento em Ciências da Saúde]. Aveiro: Universidade de Aveiro: Secção Autónoma de Ciências da Saúde, 2010, 122p.
- VIEIRA, Sacha C. – **Paredes que separam gerações: Crianças e Idosos em Instituições.** [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Social e Intervenção Comunitária]. Aveiro: Universidade de Aveiro: Departamento de Educação, 2010, 153p.
- VELEDA, Aline A. [et al.] - Os significados e contribuições da convivência entre avós e netos para o desenvolvimento da criança. **Psychologica.** Coimbra. Nº 43 (2006), p. 27-40.
- WEGNER, Evelin; BENITEZ, Lisianne B. - O idoso no contexto familiar: a função de cuidado. **Revista Jovens Pesquisadores.** Santa Cruz do Sul. ISSN 2237-048X. Vol.3, nº2 (2013), p. 92-101

## APÊNDICES





## **APÊNDICE 1: PEDIDO DE COLABORAÇÃO ÀS INSTITUIÇÕES**





**De:** Virgínia Adelaide Gonçalves Pais e Maria de Lurdes Almeida

**Para:** Centro de Dia da Fundação Manuel Brandão, Cucujães

**Assunto:** Pedido de colaboração para realização do estudo: “O papel dos avós: como percebem os avós a sua importância na educação dos netos”

Eu, Virgínia Adelaide Gonçalves Pais, Enfermeira no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, encontrando-me a elaborar a minha dissertação no âmbito do Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde do Idoso e Geriatria da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, acreditada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), sob orientação da Professora Doutora Maria de Lurdes Ferreira de Almeida, sobre como vivenciam os avós a sua relação com os netos, solicito respeitosamente a V. Exa. a devida autorização para proceder à recolha de dados junto à população idosa.

O projecto será desenvolvido durante o período de Março de 2013. Serão acautelados todos os princípios éticos.

Sem outro assunto, apresento os melhores cumprimentos e a expressão da mais elevada estima e consideração.

Pede Deferimento;

Coimbra, 20 de Março de 2013



## **APÊNDICE 2: CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**



## CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Virgínia Adelaide Gonçalves Pais, estudante do Mestrado em Enfermagem de Saúde do Idoso e Geriatria, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, venho solicitar a sua participação numa investigação que estou a realizar no âmbito da minha Dissertação, subordinada ao tema: “O papel dos avós: como percebem os avós a sua importância na educação dos netos”.

Todos os dados são confidenciais e serão apenas para análise do presente estudo.

Declaro que fui devidamente informado sobre as condições de participação nesta investigação e que aceito responder às questões relativas ao estudo: “O papel dos avós: como percebem os avós a sua importância na educação dos netos”.

Assinatura do participante ou Impressão Digital

Data





### **APÊNDICE 3: GUIÃO DA ENTREVISTA**



Sr.<sup>a</sup> /Sr. (nome do participante), obrigada por me conceder esta entrevista. O que eu pretendo com esta entrevista e o objectivo do trabalho que estou a fazer, é perceber como é a relação dos avós com os seus netos. Neste caso, queria perceber como é a sua relação com os seus netos. Para isso, vou fazer-lhe algumas entrevistas. Estou a fazer-me entender?

Terá tempo para pensar e responder com calma. Poderá desistir desta entrevista quando quiser ou recusar responder a algo. Faço-me entender?

Quero ainda salvaguardar que o que aqui for dito vai ser analisado de forma confidencial, ou seja, só eu e as minhas orientadoras é que vamos ter acesso a isto e vou garantir o seu anonimato. Concorda?

Esta entrevista também terá de ser gravada, de forma a que seja mais fácil, depois, analisar e perceber o que foi dito. Dá-me então permissão para gravar?

- Diga-me a sua idade.
- É casado, solteiro, viúvo ou divorciado?
- Com quem vive?
- Quantos netos tem?
- Diga-me se são rapazes ou raparigas e as idades deles.
- Quando está com os seus netos?
- Fale-me da sua relação com os seus netos.
- Que valores transmite aos seus netos?
- Que actividades faz em conjunto com os seus netos?
- O que ensina ou ensinou aos seus netos?
- O que é que os seus netos lhe ensinam ou ensinaram?
- O que é que todos os avós deviam ensinar aos netos?
- O que é que todos os netos deviam ensinar aos avós?
- Como foi a sua relação com os seus avós?

